UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

MAIARA BACHI

ENTRE AS QUATRO LINHAS DO GRAMADO: UMA ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO TELEVISIVO

CAXIAS DO SUL
2024

MAIARA BACHI

ENTRE AS QUATRO LINHAS DO GRAMADO: UMA ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO TELEVISIVO

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Orientador(a): Prof. Me. Jacob Raul Hoffmann

CAXIAS DO SUL
2024

MAIARA BACHI

ENTRE AS QUATRO LINHAS DO GRAMADO: UMA ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO TELEVISIVO

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Orientador(a): Prof. Me. Jacob Raul Hoffmann

Aprovado em: 02/12/2024

Banca Examinadora

_____

Prof. Me. Jacob Raul Hoffmann

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

_____

Prof. Me. Carlos Antônio de Andrade Arnt

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

_____

Cíntia Hecher

Jornalista - Dinâmica Conteúdo Inteligente

A todas as mulheres que, com coragem e determinação, abriram caminho no jornalismo esportivo. Que suas vozes continuem a inspirar e empoderar novas gerações, mostrando que o espaço na mídia esportiva é, e sempre será, também delas. A todas as pioneiras e atuais profissionais, este trabalho é uma homenagem à sua luta e conquistas.

AGRADECIMENTOS

O processo da realização dos nossos sonhos é traçar um caminho onde cada passo nos aproxima de quem realmente somos. É na busca por aquilo que nos move que encontramos força nas adversidades, coragem para enfrentar o desconhecido e a certeza de que cada esforço vale a pena. Os sonhos, que muitas vezes apenas nós mesmos sabemos, se transformam na motivação que nos impulsiona a superar nossos próprios limites, a acreditar em um futuro melhor e a transformar nossa realidade. Quando finalmente alcançamos esses objetivos, sentimos a gratidão pulsando em nosso peito, como um lembrete de que a perseverança e o amor pelo que acreditamos podem, de fato, moldar nosso destino.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Romilda Zucco Bachi e Romildo Bachi, e a minha irmã, Marieli Bachi, porque sem eles nada disso seria possível. A minha família é o meu alicerce, onde aprendi a sonhar e lutar pelos meus sonhos. Além disso, foram eles que me proporcionaram todo o apoio necessário para que eu pudesse concluir a graduação com esse sentimento de dever cumprido, dando todo o suporte e me encorajando a seguir nos momentos em que pensei em desistir. Por tudo isso e por muito mais, muito obrigada. Amo vocês demais.

Aos meus amigos, quero expressar minha gratidão por estarem ao meu lado durante esta jornada. Muitos deles, mesmo de longe, torceram por mim e estiveram comigo ao longo desses quatro anos de faculdade. Agradeço por entenderem várias vezes as minhas ausências durante esse período de elaboração do TCC. Vocês foram meu suporte nas horas de dificuldade, oferecendo palavras e momentos de descontração que tornaram o processo mais leve. Obrigada por serem parte desta conquista.

Aos meus colegas de trabalho da Dinâmica Conteúdo Inteligente, gostaria de expressar minha sincera gratidão por todo apoio, especialmente nos momentos em que conciliar o trabalho com os estudos se tornou um desafio. A troca de ideias, os conselhos e a motivação foram fundamentais para que eu pudesse avançar e concluir este TCC. Agradeço a cada um de vocês por tornarem esse processo mais enriquecedor e por serem parte importante desta conquista.

Não poderia deixar de agradecer também a todos os professores que fizeram parte da minha graduação e aos meus colegas de curso. Cada um de vocês contribuiu de maneira única para a minha formação, compartilhando conhecimentos valiosos e experiências

enriquecedoras. A dedicação dos professores despertou em mim uma paixão ainda maior pela área que escolhi. E aos meus colegas, agradeço pelas inúmeras trocas que nos ajudaram a crescer juntos, vivendo momentos de desafios e conquistas.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Me. Jacob Raul Hoffmann, por acreditar no meu potencial e por seu incansável apoio ao longo de todo o processo. Sua orientação foi fundamental para que eu pudesse desenvolver este trabalho com confiança. Agradeço não apenas pelas valiosas correções e críticas construtivas, mas também pela paciência e pelo encorajamento que me incentivaram a superar os desafios que apareceram ao longo do caminho. Sua dedicação em ensinar e cuidar dos detalhes é verdadeiramente inspiradora. Sou grata por ter a oportunidade de aprender e crescer sob sua supervisão. Obrigada por me guiar nessa jornada.

Preciso agradecer imensamente também as minhas entrevistadas, Bianca Molina, Carolina Freitas, Jéssica Maldonado e Letícia Marques, por contribuírem no resultado final desta pesquisa. Agradeço por compartilharem comigo um pouco de suas experiências, rotinas e me ajudarem a compreender melhor sobre esse universo do jornalismo. Cada uma de vocês trouxe insights valiosos que não apenas enriqueceram minha pesquisa, mas também me inspiraram a seguir em frente com determinação e amor pela profissão. Sou eternamente grata pela confiança e pela disponibilidade de vocês, que foram fundamentais para o sucesso desta etapa da minha jornada acadêmica.

Quero também dedicar um agradecimento especial a mim mesma que desde o ano de 2017, ainda no nono ano de ensino fundamental, já sabia qual caminho deveria seguir. Não sei o que seria de mim se aquela menina tivesse desistido do maior sonho da vida dela. O futebol e o jornalismo esportivo sempre tiveram o meu coração e levei este amor até no tema do meu TCC. Reconheço a importância de ter persistido e não ter desistido dos meus sonhos, mesmo diante dos obstáculos que surgiram ao longo do caminho. A jornada foi repleta de desafios, mas cada um deles me fortaleceu e me ensinou a valorizar ainda mais as conquistas. Hoje, celebro meu esforço e a coragem de seguir lutando por aquilo em que acredito e defendendo todas as mulheres que gostam e trabalham com esportes.

Por fim, deixo aqui o meu muito obrigada a todos que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho. Cada palavra de incentivo e cada momento de colaboração foram essenciais para que eu pudesse avançar e entregar este trabalho de conclusão de curso com sucesso.

“Nada é tão nosso como os nossos sonhos”.

Friedrich Nietzsche

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso discorre sobre a participação feminina no jornalismo esportivo com ênfase na televisão, apresentando os principais desafios enfrentados pelas mulheres na área e as evoluções ao longo dos anos em relação à conquista de espaços. Diante disso, o objetivo principal da pesquisa é analisar a importância da participação da mulher no jornalismo esportivo televisivo como repórteres de campo, identificando possíveis razões para a pouca abertura nessas inserções nos dias atuais. Neste contexto, o referencial teórico envolve contextualizações sobre o futebol, o jornalismo esportivo, a participação da mulher no jornalismo esportivo e também, na prática de esportes. A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa exploratória, com método de abordagem dedutivo e de procedimento monográfico. Ademais, esta pesquisa é qualitativa e conta com análises de entrevistas realizadas pela pesquisadora com profissionais do jornalismo, quantitativa, para entender como ocorre a aceitação da mulher nesta área pelo público consumidor de conteúdo esportivo e o levantamento bibliográfico para alcançar o desfecho geral. Como principal resultado, pode ser mencionado que apesar do preconceito e das dificuldades encontradas, o número de mulheres nas redações e coberturas esportivas vem aumentando em busca da equidade de gênero, e a importância de nomes femininos de destaque encoraja novas mulheres a seguirem seus sonhos e trabalharem com o esporte.

Palavras-chave: Jornalismo esportivo. Futebol. Mulher no jornalismo esportivo. Equidade. Preconceitos. Mulher no esporte.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico sobre a importância das mulheres na cobertura esportiva…..……..……..76
Figura 2 - Gráfico sobre as barreiras enfrentadas pelas mulheres no jornalismo esportivo….77

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO……..……...12

2 HISTÓRIA DA IMPRENSA ESPORTIVA NO BRASIL……..……..17
2.1 AS TRANSMISSÕES DE JOGOS NA TELEVISÃO…...……....26

3 A MULHER NO ESPORTE….……..32

4 A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO…….……..……38
4.1 A CONTRIBUIÇÃO FEMININA PARA UM JORNALISMO ESPORTIVO DE EXCELÊNCIA…….……....43

5 METODOLOGIA……..……..46
5.1 MÉTODOS UTILIZADOS NA PESQUISA……..47
5.1.1 A pesquisa bibliográfica……..……..47
5.1.2 A pesquisa exploratória……48
5.1.3 A pesquisa qualitativa…….....49
5.1.4 A pesquisa quantitativa…….50
5.2 MÉTODOS DE ABORDAGEM……50
5.3 MÉTODOS DE PROCEDIMENTO……...53
5.4 A ENTREVISTA…….....55
5.4.1 A importância da entrevista…….....56
5.4.1.1 Preparação para a entrevista semiestruturada…….....57
5.4.2 As entrevistadas……..……...58

6 AS MULHERES JORNALISTAS ESPORTIVAS E REPÓRTERES DE CAMPO NOS CANAIS RBS TV E PREMIERE…….……..……...60
6.1 HISTÓRIA DOS CANAIS…….…....60
6.1.1 RBS TV...…….…….…….…….....60
6.1.2 Premiere……..61
6.2 MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO DA RBS TV……...……...62
6.2.1 Análise da presença feminina em partidas exibidas pela RBS TV……..…..63

6.3 MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO DO PREMIERE……...…….67
6.3.1 Análise da presença feminina em partidas exibidas pelo Premiere……...68

7 ANÁLISE DE PESQUISA QUANTITATIVA……..…….……....74

8 PERSPECTIVAS, ROTINAS E DESAFIOS: ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE REPÓRTERES DE CAMPO……79
8.1 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM JÉSSICA MALDONADO……**79**
8.2 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM CAROLINA FREITAS…….……84
8.3 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM LETÍCIA MARQUES …...……89
8.4 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM BIANCA MOLINA...……96
8.5 ANÁLISE DE NARRATIVAS: COMPARATIVOS ENTRE AS ENTREVISTAS COM AS JORNALISTAS ESPORTIVAS…….……...…….103

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS……...…….…….....109

REFERÊNCIAS…….…….…….114

APÊNDICES…….…….…….....123
APÊNDICE A - Entrevistas transcritas……...……123
ENTREVISTA COM A JORNALISTA JÉSSICA MALDONADO……...123
ENTREVISTA COM A JORNALISTA CAROLINA FREITAS……134
ENTREVISTA COM A JORNALISTA LETÍCIA MARQUES…….146
ENTREVISTA COM A JORNALISTA BIANCA MOLINA…….157

1. INTRODUÇÃO

O tema deste estudo surgiu através do interesse da autora pelo jornalismo esportivo e por todas as questões que permeiam a igualdade de gênero nesta área, especialmente em um cenário onde a presença feminina ainda é frequentemente subestimada. As mulheres jornalistas esportivas enfrentam desafios diários, como preconceito e discriminação, que se manifestam tanto no ambiente de trabalho quanto na recepção de terceiros.

Diante disso, foi considerado relevante realizar uma pesquisa sobre a participação das mulheres no jornalismo esportivo, buscando compreender os principais desafios e preconceitos enfrentados por elas, como são vistas pela sociedade, além de identificar aspectos do ambiente jornalístico na área de atuação esportiva, que contribuam para a presença masculina e dificultem a participação feminina, estudando e observando possíveis razões pelas quais há uma resistência a respeito da participação das mulheres no ambiente do jornalismo esportivo, principalmente na televisão.

A escolha do tema se justifica por conta das dificuldades encontradas pelas mulheres, não só no jornalismo esportivo, como em diversas outras profissões, onde sofrem com machismo, comentários invasivos e diferenças de salário, além de serem a minoria em vários espaços, sendo desvalorizadas na cobertura esportiva simplesmente pelo fato de serem mulheres. Nesse sentido, a presente pesquisa visa observar o número de mulheres trabalhando com esportes nos canais RBS e Premiere, trazendo dados e fazendo análises sobre essa participação, além de complementar com entrevistas realizadas com repórteres de campo que trabalham diariamente em diferentes emissoras para conquistar seus espaços.

Após a definição do tema, foi escolhida e adaptada a melhor forma de abordagem para chegar aos objetivos pré-definidos. Com isso, foi possível chegar a questão norteadora inicial: como é vista a participação da mulher como repórter de campo no jornalismo esportivo televisivo? Porém, com o avanço nas pesquisas e com as análises aprofundadas, foi possível perceber que nos últimos anos, as mulheres vêm conquistando seus espaços em diversas áreas do jornalismo esportivo e hoje fazem parte das equipes como narradoras, comentaristas e claro, como repórteres, cargo que sempre foi mais aceito ter mulheres. Por este motivo, a pesquisa aprofundou ainda mais no tema e foi além da reportagem, abordando todos os espaços onde a mulher está inserida atualmente, não se detendo apenas as repórteres.

Esta questão norteadora foi sustentada por hipóteses que ajudam a dar sentido a pesquisa, sendo elas: por tratar-se de um ambiente predominantemente masculino, construído

historicamente, a participação da mulher é vista com preconceito; a participação da mulher no jornalismo esportivo ainda é inferior à dos homens, mesmo com os direitos iguais conquistados após muitas lutas; a mulher, por vezes, é vista como uma profissional que não entende de esportes e não pode opinar e participar deste contexto; e atualmente, vemos mulheres que ocupam postos de destaque, e até de liderança, que antes eram somente ocupados por homens.

Com o propósito de compreender como a mulher é vista nas coberturas esportivas e estudar os principais preconceitos enfrentados por elas, o objetivo geral do estudo é analisar a importância da participação da mulher no jornalismo esportivo televisivo como repórteres de campo, identificando possíveis razões para a pouca abertura nessas inserções nos dias atuais, objetivo este, que foi além da reportagem e se estendeu para a presença da mulher em diversos cargos nas emissoras.

Buscando dar conta do propósito de cumprimento ao objetivo citado, a pesquisa abrange também outros elementos que auxiliaram na investigação, estabelecidos com base nos objetivos específicos: identificar aspectos do ambiente jornalístico na área de atuação esportiva, que contribuam para a presença masculina e dificultem a participação feminina; examinar possíveis razões pelas quais há pouca disponibilidade para a participação das mulheres no ambiente do jornalismo esportivo televisivo; conhecer a história da imprensa esportiva no Brasil ao longo dos anos e suas contribuições para a exímia cobertura nos dias atuais; avaliar, por meio de pesquisa quantitativa mediante um formulário, a opinião das pessoas sobre a participação da mulher no jornalismo esportivo; e realizar entrevistas com mulheres repórteres de campo e jornalistas da área esportiva.

Os métodos de pesquisa utilizados neste estudo foram a pesquisa bibliográfica, que ajuda a sustentar e nortear o tema, trazendo contextualização e dados seguros sobre o assunto, a pesquisa exploratória que se manifesta nas entrevistas qualitativas realizadas com jornalistas de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, a respeito do tema e do problema de pesquisa já apresentado anteriormente, onde as profissionais puderam retratar fielmente a realidade do jornalismo esportivo, e, por fim, pesquisa quantitativa com pessoas que acompanham as coberturas esportivas.

O capítulo dois, intitulado *"História da imprensa esportiva no Brasil",* discorre sobre a história do jornalismo esportivo no Brasil, desde o seu surgimento, e as evoluções ao longo do tempo. Além disso, apresenta brevemente os primeiros jornais e veículos especializados

em esportes, como os jornalistas eram vistos e como foram realizadas as primeiras coberturas esportivas quando o futebol ainda era artigo de luxo e apenas as pessoas da elite podiam assistir ou praticá-lo. Além disso, o capítulo ainda dá um destaque especial para a primeira transmissão esportiva na televisão brasileira, e conta com breves informações sobre a Primeira Liga de Futebol e a virada de chave do esporte quando passou a ser uma febre mundial. Os autores utilizados para o estudo da imprensa esportiva no Brasil são: Ribeiro (2007), Fonseca (1997), Coelho (2003), Guterman (2009), Bezerra (2008) e Gasperino (2012).

Já no subcapítulo 2.1, *"As transmissões de jogos na televisão"* é possível compreender um pouco mais a respeito da história das transmissões esportivas na televisão, como a tecnologia surgiu no Brasil e as dificuldades nos primeiros anos, devido à falta de recursos e os baixos investimentos na inovação dos aparelhos utilizados para gravação e transmissão. Ademais, o capítulo ainda discorre sobre como eram os primeiros jogos exibidos, os quais continham muitos aspectos do rádio e diversos profissionais especializados na mídia que já existia há mais tempo e a evolução da televisão, até chegar nos dias atuais, com alta definição e maiores detalhes. Para tal reflexão, os autores mencionados são: Mattos (2010), Cardoso (1999), Ribeiro (2007), Hollanda (2013) e Schinner (2004).

No capítulo três, denominado *"A mulher no esporte",* o leitor é conduzido a uma reflexão sobre a trajetória da mulher no esporte, onde é possível abranger os desafios enfrentados por elas, como a exclusão de campeonatos esportivos e os comentários maldosos que muitas ouvem até hoje. Além disso, o item também apresenta os avanços e as superações femininas ao longo dos anos, dando destaque às primeiras aparições femininas na área e ao surgimento de iniciativas que incluem as mulheres nos esportes. Por fim, é colocada em evidência a participação de um número maior de mulheres do que de homens nos Jogos Olímpicos de Paris em 2024, avanço que levou inúmeros anos para acontecer, e que é motivo de orgulho e exemplo. Neste ponto, evidenciam-se como principais referências os autores: Gollner (2005) e Oliveira & Paixão (2010).

O capítulo quatro, "*A mulher no jornalismo esportivo brasileiro"*, apresenta um panorama sobre a inserção e a consolidação da mulher enquanto jornalista esportiva, destacando os principais desafios enfrentados e os avanços em prol da equalização de gênero nas redações. Além disso, são apresentadas as mulheres pioneiras no jornalismo esportivo e sua contribuição na ajuda da abertura de caminhos e novas possibilidades para as novas gerações de mulheres na cobertura esportiva. Para esta apresentação de dados e

contextualização histórica, referenciam-se como principais nomes os autores: Coelho (2003), Ramos apud Dantas (2016), Vasconcelos e Rubbo (2009) e Laís Milena (2020).

No subcapítulo 4.1, *"A contribuição feminina para um jornalismo esportivo de excelência",* há uma breve apresentação sobre o crescimento do número de mulheres no jornalismo esportivo, que agrega significativamente para a diversidade de perspectivas e de vozes nos conteúdos apresentados por cada veículo, destacando as contribuições femininas para a área. Para este assunto, os principais autores referenciados são: Caixeta (2006) e Abreu; Rocha (2006).

O capítulo cinco, intitulado *"Metodologia"*, explora os conceitos dos métodos utilizados neste estudo, abordando as ideias básicas essenciais para o desenvolvimento do projeto. Ao longo do item, são explicados os conceitos das pesquisas bibliográfica, exploratória, qualitativa e quantitativa, que foram utilizadas para alcançar os objetivos propostos. Além disso, ainda são apresentados e explicados os métodos de abordagem e procedimento, destacando os métodos empregados. Por fim, o capítulo discorre sobre a modalidade de entrevista de profundidade qualitativa semiestruturada, realizada com profissionais da área, onde foi possível compreender mais sobre o dia a dia, os desafios e as preparações das mulheres que trabalham com jornalismo esportivo.

No capítulo seis, nomeado *"As mulheres jornalistas esportivas e repórteres de campo nos canais RBS TV e Premiere"* e em seus subcapítulos, o leitor é conduzido a conhecer a história dos canais objetos de estudo desta pesquisa: a RBS TV e o Premiere. Além disso, é apresentada uma análise da presença das mulheres atuando nestas emissoras e em quais cargos elas se fazem presentes, a fim de compreender como anda a equidade de gênero nas redações atualmente. O capítulo sete, *"Análise de pesquisa quantitativa"* é uma extensão da primeira parte de análises da pesquisa, e apresenta os dados obtidos através da entrevista quantitativa, realizada com consumidores de conteúdos esportivos, que auxiliou na identificação de padrões e tendências a respeito da mulher no jornalismo esportivo.

O capítulo oito, *"Perspectivas, rotinas e desafios: análise das narrativas de repórteres de campo",* apresenta uma análise das entrevistas qualitativas semiestruturadas, realizadas com as jornalistas e repórteres de campo Jéssica Maldonado, Carolina Freitas, Letícia Marques e Bianca Molina, dando destaque a falas importantes das entrevistadas, que contribuíram positivamente para a compreensão dos desafios e das rotinas de uma jornalista

esportiva, e fazendo um paralelo final, entrelaçando as respostas das profissionais, que inúmeras vezes, mencionaram os mesmos pontos.

Para concluir a pesquisa, o capítulo nove, *"Considerações Finais"*, apresenta a resposta à questão principal desta pesquisa, verificando o cumprimento de todos os objetivos traçados no seu início. Neste item, também são relembrados o objetivo geral, os objetivos específicos e a metodologia que nortearam o processo de pesquisa e produção deste estudo.

2. HISTÓRIA DA IMPRENSA ESPORTIVA NO BRASIL

A relação das pessoas com o esporte vai muito além da paixão que está em torno das modalidades existentes, sendo considerada um fenômeno social e cultural, podendo ser uma prática de entretenimento, lazer ou, até mesmo, uma necessidade. A história do jornalismo esportivo no Brasil inicia a partir do interesse das classes mais altas e dos jornalistas mais respeitados em noticiar esportes e dar visibilidade aos mesmos. Principalmente ao futebol, que atualmente é a maior modalidade praticada no país e carrega os principais holofotes, além de milhares de apaixonados.

De acordo com Ribeiro (2007), o jornalismo esportivo no Brasil surgiu em 1856, com o periódico chamado *O Atleta,* que continha em suas páginas receitas para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro. Algum tempo depois, em 1885, passaram a circular no país os periódicos *O Sport* e *O Sportsman.* Já em 1891, surgiu em São Paulo *A Platea Sportiva,* um complemento da publicação *A Platea*, criada em 1888. O fato era que em nenhuma dessas publicações o futebol era prioridade e apenas notícias de turfe[1], regatas[2] e ciclismo eram encontradas nas páginas desses jornais.

Alguns anos se passaram até a chegada de Charles Miller, que desembarcou no Porto de Santos, no litoral de São Paulo, em novembro de 1894, trazendo todos os objetos necessários para pôr em prática no país o futebol, esporte que tanto admirava. Até esse momento, em terras brasileiras, ainda não era comum a prática do futebol e nas páginas dos principais periódicos brasileiros havia espaço apenas para esportes como críquete, turfe, remo e ciclismo.

Apesar de atualmente o futebol ser o principal esporte no país e o mais mostrado pela mídia, em 1894, o novo esporte, trazido para o Brasil por Charles Muller, não foi muito agraciado pela imprensa.

De acordo com Fonseca (1997, p.21):

> As pequenas colunas quase escondidas que tratavam do assunto foram crescendo apenas à medida que as pessoas passaram a comentar o esporte praticado por um pequeno grupo de jovens da sociedade. É por isso que a linguagem inicial da imprensa em relação ao futebol traduzia a posição intelectual de praticantes e torcedores. (Fonseca, 1997, p.21)

Cinco meses após desembarcar no Brasil, Charles Miller realizou o primeiro jogo de futebol que se tem registro: a partida entre São Paulo Railway Team x Gas Work Team. De

[1] Esporte que promove e incentiva corridas de cavalos.
[2] Prova náutica de velocidade entre vários barcos: à vela, a motor ou a remos.

acordo com Ribeiro (2007), o evento que entrou para a história do esporte brasileiro, não contou com nenhum repórter ou fotógrafo para a cobertura, mas se transformou em um importante marco, pois a partir daquele momento, o futebol era a nova moda entre os jovens ricos da sociedade paulistana.

Antes do esporte, mais precisamente o futebol se tornar essa "febre mundial" que observamos atualmente, o jornalista esportivo era mal visto pelas pessoas e até mesmo por alguns veículos, pois para eles, qualquer pessoa poderia realizar este trabalho, sem uma formação adequada. Nessa época, se a pessoa entendia o básico de futebol, já era suficiente para escrever sobre o assunto e existia um forte preconceito em relação às pessoas que desempenhavam essa profissão. No começo do século XX, o país do futebol, como é conhecido o Brasil, jamais imaginava ser reconhecido desta forma.

Sobre este preconceito, Coelho (2003, p. 09) destaca:

> [...] durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e consequentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. (Coelho, 2003, p.09)

Foi a partir do encontro de Charles Miller com Mário Cardim, Antônio Casemiro da Costa, René Vanorden, Hans Nobiling, Antônio Prado Jr. e Arthur Ravache e outras figuras ilustres da sociedade que o cenário se modificou. O único jornalista da roda de amigos era Mário Cardim, porém, todos tinham conhecimento sobre a vida política, econômica e social da cidade, além de compreender que o crescimento do futebol era irreversível devido ao aumento do número de praticantes desse esporte.

Os jornais daquela época tinham muitos assuntos para pôr em pauta, o crescimento da cidade não parava e a modernização da recém instalada República estava acontecendo em ritmo acelerado e por este motivo, era praticamente impossível emplacar pautas de futebol nos jornais já existentes (Ribeiro, 2007). Neste contexto, no ano de 1900, surge no Rio Grande do Sul o Sport Club Rio Grande, o time mais antigo do país, que segue em atividade até os dias atuais.

Durante esse período, o esporte crescia no meio da população de classes mais baixas, o que incomodava a sociedade. Porém, como a elite também fazia parte das redações, no final de 1901, foi projetada a criação da Primeira Liga de futebol Paulista com apenas cinco clubes das classes mais altas, o que gerou notícia e visibilidade para o esporte.

A partir disso, Antônio Casemiro da Costa, conhecido como Costinha, que era carioca, planejava, juntamente com o anglo-brasileiro Oscar Cox, viabilizar a primeira partida de futebol interestadual que certamente iria virar notícia. Um mês depois, em outubro de 1901, a equipe de Oscar Cox embarcou para São Paulo para o primeiro encontro dos times das duas metrópoles do Brasil. Costinha convocou Charles Miller e o jornalista Mário Cardim para fazer a divulgação nos jornais, visto que aquela partida seria um marco para a história do futebol brasileiro.

O sucesso do primeiro confronto entre cariocas e paulistas e a grande divulgação nos jornais das duas cidades acelerou o processo de criação da Primeira Liga de Futebol Paulistana e, com todas essas modificações, o ano de 1902 se transformou em um marco para a imprensa esportiva brasileira e, a partir de então, o futebol virava notícia importante nos principais jornais de São Paulo.

Com a abertura jornalística para a cobertura do futebol no início do século XX, o principal tema esportivo nos jornais e revistas não eram os jogos realizados, mas sim os benefícios ou prejuízos que esse novo esporte poderia trazer para a população. Conforme Ribeiro (2007), "o tema futebol servia como manobra para cronistas imporem sua visão ideal de sociedade e expor o antagonismo entre as equipes, o pobre e o rico, o colonizador e o colonizado". (Ribeiro, 2007, p.27)

Nessa época, o futebol era conhecido como um esporte de elite, onde apenas pessoas das classes mais altas da sociedade poderiam participar, enquanto as classes mais baixas não eram bem vistas na modalidade e apenas os times de maior relevância ganhavam os poucos espaços que existiam. E a partir disso surgia a crônica esportiva, com uma notável parcialidade dos que criaram o espetáculo e uma restritiva aos times que surgiam dia após dias na cidade. O cenário que vinha sendo estabelecido pelo jornalista Mário Cardim e seus amigos só começou a se modificar a partir de 1903, quando a várzea paulistana passou a ser notícia. (Ribeiro, 2007, p.28)

Além do preconceito que existia contra os jornalistas esportivos nessa época, era evidente a dificuldade que os repórteres tinham para tratar do novo tema que agora fazia parte do dia a dia das redações. No entanto, é importante destacar também que o preconceito que o futebol sofria não vinha apenas das redações dos jornais. Os dirigentes de clubes e entidades do esporte não levavam a sério os próprios discursos de que o futebol poderia se transformar em uma potência nacional nos anos que estavam por vir.

Mesmo com tantos fatores que indicavam apenas o fracasso dos esportes nas páginas dos jornais e também na forma como as pessoas tratavam sobre o assunto, o avanço seguiu

sendo evidente. A partir disso, surgiram publicações em grandes reportagens nos periódicos do Rio de Janeiro, cidade que impulsionava o Brasil em avanços significativos em diversas áreas. Anos mais tarde, ainda em meio a todas essas mudanças que o jornalismo passava ao inserir a nova editoria nas redações, novos jornais como o Brazil Sport e a Revista Sportiva foram criados entre os anos de 1907 e 1908.

Segundo Coelho (2003), já na década de 1910, começaram a surgir também páginas dedicadas ao esporte no jornal "Fanfulla[3]". Esse periódico teve grande importância, pois ele não formava opinião e nem era voltado para a elite, e por este motivo, foi o principal responsável por atingir um público crescente no Brasil e principalmente na cidade de São Paulo.

> Um aviso não muito pretensioso de uma das edições chamava-os a fundar um clube de futebol. Foi assim que nasceu o Palestra Itália, que se tornaria Palmeiras décadas mais tarde, no meio da Segunda Guerra Mundial. Nesse tempo, as poucas páginas dedicadas ao esporte nos diários paulistanos falavam sobre outra guerra. A travada entre os são-paulinos, que sonhavam tomar à força o estádio Parque Antártica dos palestinos. (Coelho, 2003, p. 08)

O futebol seguiu sendo um esporte de elite por muitos anos e negros também não eram bem vistos nessa prática esportiva. Ainda de acordo com Coelho (2003), no livro "Jornalismo Esportivo", o divisor de águas do período foi uma conquista atingida pelo Clube de Regatas Vasco da Gama: a conquista da segunda divisão de 1923. Nessa época o clube inovava e apostava na presença de negros em sua equipe, que eram personagens de destaque nas páginas dos diários esportivos. A popularização do futebol se deu principalmente pela entrada dessa parte da sociedade também no mercado consumidor dos jornais.

> Os negros entravam de vez no futebol, tomavam a ponta no esporte. O Vasco foi campeão carioca pela primeira vez em 1924, apesar da oposição dos outros grandes, que sonhavam tirá-lo da disputa alegando que o clube dos portugueses e negros não possuía estádio à altura de disputar a primeira divisão. Os portugueses construíram o estádio de São Januário e nunca mais saíram da elite do futebol do país. (Coelho, 2003, p. 09)

A partir dessa virada de chave, vários jornais dedicados ao esporte foram surgindo no país e se tornaram os responsáveis por lutar contra o preconceito que já estava fortemente enraizado e fazia com que todas as pessoas acreditassem que apenas as pessoas de classes sociais menos favorecidas poderiam se interessar por jornais esportivos.

Mesmo que o Brasil tenha sofrido inicialmente com a questão dos altos custos dos equipamentos necessários, o futebol se transformou em um esporte "fino", quando a elite do país adotou a modalidade como algo bom para todos. Porém, a popularização do mesmo se

[3] O Fanfulla é um tradicional veículo de comunicação da comunidade italiana, editado em São Paulo.

deu através dos operários das companhias férreas inglesas que trabalhavam no Brasil e tinham contato com as camadas sociais mais altas da sociedade, mas também com as mais baixas. Segundo Guterman (2009), esse contato dos operários com todas as pessoas, auxiliou na disseminação dessa prática esportiva, que é tão popular.

Quando o esporte começou a ter maior relevância para a sociedade, as editorias esportivas destes jornais começaram a receber um novo sentido, pessoas de classes altas começaram a conhecer e se interessar pela leitura dessas reportagens, aumentando a popularidade do esporte no mundo todo.

Passado o momento de introdução do esporte nas classes mais altas da sociedade e também na classe trabalhadora, o esporte passou a ser usado para atrair maiores níveis de audiência e contribuiu para que o radiojornalismo fosse um dos primeiros gêneros a se firmar no rádio (Bezerra, 2008). Além disso, é importante destacar que as décadas de 1920 e 1930 transformaram o rádio em um meio de comunicação importantíssimo para a cobertura e transmissão de eventos esportivos, importância esta, que se estende até os dias atuais.

Ainda em 1923, ano em que o Vasco da Gama teve sua primeira conquista, a imprensa carioca passou a contar com mais um jornal para divulgar as notícias do esporte. Segundo Ribeiro (2007), o *Rio Esportiv*o surgiu no mesmo período em que duas rádios operavam na capital da República: a *Rádio Sociedade* e a *Rádio Clube do Brasil,* que trabalhavam em um formato de revezamento de transmissões durante a semana. Assim como em outros veículos de comunicação, estas rádios também não falavam de futebol no início e apenas notícias do dia a dia da cidade eram lidas por locutores em recortes de jornais.

O estado de São Paulo não ficou para trás dos cariocas na chegada da rádio e, ainda no mesmo ano, em 1923, entrou no ar em São Paulo a Rádio Educadora Paulistana. Paralelo a isso, em todo o Brasil, começaram a surgir dezenas de rádios, mas, assim como o futebol, o rádio nascia apenas para as elites, pois eram poucas as pessoas que tinham condições de comprar os aparelhos receptores, que muitas vezes eram importados. Por esse motivo, enquanto os veículos de comunicação não se estruturavam, improvisos eram feitos para levar as informações sobre os esportes para a população.

Nesta época, o futebol já fazia sucesso nos gramados de todos os estados do país e o interesse dos torcedores em receber notícias sobre seus times cresceu, criando uma pressa em saber sobre os jogos, especialmente em dias de decisão. Até então, a única forma de saber o resultado dos jogos era assistir ao vivo no local, ou esperar os destaques dos jornais no dia

seguinte. O que a população em 1924 não imaginava é que a partir dessas mudanças o rádio viria para modificar essas transmissões, que passariam a ser em tempo real em breve.

Enquanto o cenário esportivo se modificava fortemente no país, em 1928, foi fundada a Gazeta Esportiva como suplemento semanal do jornal A Gazeta, sendo uma das publicações esportivas mais antigas do Brasil e mantendo sua relevância ao longo do tempo, oferecendo cobertura esportiva detalhada e com análises.

Após anos de dificuldades e preconceitos, a cobertura de esportes ganhou um novo capítulo a partir de 1931, onde, no dia 19 de julho deste ano, ocorreu a primeira transmissão esportiva no rádio no jogo entre as seleções de São Paulo e Paraná, pelo VIII Campeonato Brasileiro de Futebol. A primeira voz a narrar um jogo de futebol foi Nicolau Tuma. De acordo com Soares (1994), Tuma foi o primeiro a narrar uma partida durante os 90 minutos do jogo, tendo criado essa forma detalhada de lance-a-lance, como acompanhamos nas transmissões atualmente.

Gasparino (2013) destaca que antes de Tuma o esporte aparecia nas programações das rádios apenas como boletins informativos, divulgando os resultados. Além disso, esta narração lance-a-lance, conhecida através da voz de Nicolau Tuma, modificou a transmissão esportiva da época e abriu espaço para outros estilos de narração.

Os mundiais de futebol dos anos de 1930 e 1934 foram cobertos para o Brasil apenas pelos jornais impressos. Porém, com o advento do rádio no país e todas as mudanças vindas com ele, o primeiro grande evento esportivo com uma cobertura ainda precária em cadeia nacional, diretamente da Europa, foi a Copa do Mundo de 1938, na França, com o jogo entre Brasil x Polônia. O meio de comunicação foi o primeiro a contribuir, plantando no coração de cada torcedor brasileiro o amor pelo futebol e pela Copa do Mundo.

A partir da década de 1940, apesar de ainda existir preconceitos com o esporte e com os jornalistas esportivos que vinham ganhando cada vez mais espaço no cenário do país, a popularização da crônica esportiva, que já existia desde o início do século, aprimorou ainda mais a forma de dar mídia aos eventos esportivos nos jornais impressos. A crônica esportiva veio com a intenção de aumentar a capacidade de decifrar a entender os sentimentos e emoções que surgem através dos esportes por meio de uma nova narrativa, que estava entre a literatura e o jornalismo. Após isso, o jornalismo esportivo passou para um novo momento: a modernização, que começaria a acontecer na década de 1950.

De acordo com Ribeiro (2007), a televisão chegou ao Brasil em 1950, ainda em preto e branco, pelas mãos do jornalista Francisco de Assis Chateaubriand, conhecido como Chatô, que trouxe a TV Tupi. A primeira transmissão televisiva ocorreu na sede do Diários Associados e, nesse mesmo período, além do transmissor, Chatô importou dos Estados Unidos duzentas televisões. A década de 1950 se transformou em um novo marco para o jornalismo esportivo brasileiro. Neste período, a televisão se tornou também um importante meio de comunicação para a cobertura dos esportes.

O primeiro jogo de futebol transmitido ao vivo em televisão aberta aconteceu no dia 18 de setembro de 1955. O clássico Santos x Palmeiras, na Vila Belmiro, foi transmitido pela Record e teve como vencedor o Santos, pelo placar de 3x1. Nesta época, quase todos os programas eram feitos no formato ao vivo, pois a tecnologia ainda era fraca para realizar programas gravados. A Globo, uma das maiores emissoras na cobertura de esportes atualmente, transmitiu seu primeiro jogo em 1965.

Nesta época, o futebol já havia conquistado seu espaço na sociedade brasileira e, no ano seguinte da primeira transmissão local, no dia 26 de maio de 1956, a TV Record de São Paulo e a TV Rio, promoveram a primeira transmissão interestadual ao vivo, diretamente do calçadão de uma praia carioca. (Ribeiro, 2007, p.157)

Em 1958, diante do sucesso que a televisão começava a fazer, Anselmo Domingos, o criador da *Revista do Rádio,* a mais famosa no país desde 1948, transformou a publicação que chegou a vender tiragens de mais de 50 mil exemplares, na *Revista do Rádio e TV*. Já em março de 1959, Domingos foi ainda mais além, pensando em ampliar o faturamento de sua revista e lançou no mercado a Revista do Esporte. O sucesso da revista foi estrondoso, fazendo com que a revista fosse uma das mais prestigiadas da editoria esportiva e, durante toda a década de 1960, quem não a lesse estava por fora do que acontecia nos bastidores do esporte. (Ribeiro, 2007, p.175)

Enquanto o dinheiro e o sucesso estavam abundantemente presentes na televisão, que vinha crescendo rapidamente, o mercado de trabalho para jornalistas vivia sua primeira grande crise e no dia 1º de dezembro de 1961 os jornalistas de São Paulo fizeram sua primeira greve. Apesar de lucrarem muito em vendas no início da década de 1960, os grandes jornais demitiram centenas de profissionais no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Com a pressão para cortar custos nos veículos de comunicação e a demissão de tantos profissionais experientes, começaram a surgir no rádio e nos jornais oportunidades para que os

novos jornalistas mostrassem seus talentos, apesar da concorrência fortíssima. E foi nesse momento que começaram a surgir novos talentos que substituíram alguns nomes e se destacaram nas coberturas esportivas da década.

Até o ano de 1970, mesmo com alguns acontecimentos tristes e inesperados, como o incêndio na TV Record em 1969, com a perda de vários registros sobre a história do futebol, outros momentos importantes ajudaram o jornalismo esportivo a construir um caminho de sucesso. Entre esses momentos, está o surgimento no rádio de grandes nomes esportivos na Jovem Pan e também em 1970, com a primeira transmissão ao vivo da Copa do Mundo do México na televisão, para 700 milhões de pessoas.

A década de 1970 também contou com as novas regras do futebol impostas pela FIFA (Federação Internacional do Futebol) para as partidas de Copa do Mundo: realização de duas substituições por jogo e a implementação dos cartões amarelo e vermelho para infrações. Além disso, o período ainda foi marcado por criações jornalísticas esportivas e inovações dos meios de comunicação, como é o caso da primeira transmissão a cores da televisão, durante a Festa da Uva de 1972. A primeira transmissão a cores de uma partida de futebol também foi uma marca histórica, quando Grêmio e Caxias se enfrentaram em Caxias do Sul, com a narração de Luiz Mendes, da TV Rio (Ribeiro, 2007).

Ao final da década de 1970, outra luta começou a surgir nos esportes. Após a luta para que todas as pessoas pudessem acompanhar e praticar futebol, agora era a vez das mulheres lutarem pelo seu espaço no jornalismo esportivo. Essa luta contra o machismo, que percebemos atualmente, começou a tomar força a partir dos anos 1980. Apesar da constante reivindicação das mulheres por espaço no jornalismo esportivo, foi apenas 15 anos depois que as mulheres começaram a assumir cargos de liderança, como a chefia de redações.

Durante a década de 1980, a televisão também se consolidou ainda mais nas coberturas esportivas, grandes emissoras já estavam consolidadas e competiam pela exclusividade de transmissão de partidas e torneios de futebol (Ribeiro, 2007). Durante a Copa do Mundo do México, em 1986, assim como em 1974, a Globo não conseguiu a exclusividade do evento e as emissoras se reuniram para transmitir os jogos. Nesta época, Record, Bandeirantes e SBT criaram até um slogan para realizar o trabalho: “Unidos venceremos”.

No início da década de 1990, a Rede Globo começou a realizar grandes mudanças em suas estruturas. A partir de 1991, o telespectador brasileiro passou a ter acesso aos conhecidos canais de televisão por assinatura, mais um negócio que revolucionaria as telecomunicações

do Brasil, mesmo que o país estivesse relativamente atrasado em comparação com os Estados Unidos e à grande maioria dos países europeus. No ano seguinte, em 1992, surgiu o primeiro canal de esporte por assinatura do país: o SporTV.

No ano de 1994, houve um importante destaque para uma produção do cineasta brasileiro Murilo Salles, que produziu o filme da Copa de 1994, possibilitando a primeira gravação de transmissão de partidas de futebol da história. Outro destaque deste ano foi a criação do Portal UOL, que surgiu da união de dois grandes grupos de comunicação: Abril e Folha.

Em outubro de 1997, Walter Mattos Jr. realizou, em poucos meses, o sonho de fazer chegar às bancas do Rio de Janeiro e de São Paulo o diário *"Lance!"*. Com quarenta páginas completamente coloridas e em formato tabloide, o *Lance!* foi uma grande ideia de um jovem empresário que revolucionou o jornalismo esportivo com suas páginas 100% dedicadas aos esportes. Enquanto outros diários esportivos de formato tradicional, como o *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro e a *Gazeta Esportiva*, em São Paulo não andavam muito bem, o tablóide, formato polêmico no Brasil, apresentava um sucesso surpreendente. (Ribeiro, 2007)

O lançamento de um diário esportivo em um formato diferente do aceito no país não foi a única novidade às vésperas de uma Copa do Mundo, período que historicamente gera grandes audiências e também apostas em novos talentos profissionais. Pouco antes do Mundial da França, em 1998, o jornalismo esportivo teve um fato inédito em sua história: pela primeira vez, uma mulher passou a comandar a editoria de esportes de um grande jornal do país.

Esse foi o caso de Isabel Tanese, que trabalhou durante três anos no jornal *Estado de São Paulo* em uma função habitualmente ocupada por homens. Depois dela, surgiram outros grandes nomes de mulheres em outros veículos, como Kitty Balieiro, chefe de redação do canal ESPN Brasil, e Sonia Francine, também na ESPN, mas na função de comentarista.

Em meio a tantos avanços no jornalismo esportivo, na Copa do Mundo de 1998, a procura pelo credenciamento oficial da FIFA atingiu marcas que mostram exatamente a expectativa do evento no mundo inteiro. Nove mil jornalistas solicitaram credenciamento para fazer a cobertura do Mundial. Da imprensa esportiva escrita, foram inscritos quase duzentos jornalistas, porém, o grande problema é que só do Brasil havia 470 credenciais solicitadas. Devido ao grande número, a FIFA acabou recusando a solicitação de inúmeros veículos de comunicação do país.

Outra tecnologia também chegava com força para revolucionar o jornalismo brasileiro. No final da década de 1990, com a chegada da internet ao país, o jornalismo digital passou a fazer parte do dia a dia das pessoas, facilitando o acesso em qualquer lugar, exatamente da forma como vemos atualmente. Na virada do século XX, o carro-chefe do futebol mundial era o marketing esportivo e quem não se enquadrava nesse novo formato do mercado, corria sérios riscos de simplesmente desaparecer.

De acordo com Ribeiro (2007), esse foi o caso de um dos jornais mais tradicionais do jornalismo esportivo. Em novembro de 2001, a *Gazeta Esportiva* deixou de ir para as bancas, pois, ao completar 73 anos de história, o jornal que chegou a ter tiragens de mais de 500 mil exemplares, vendia nos últimos anos, tiragens de no máximo 14 mil exemplares. Em seus períodos mais críticos, chegou a vender tiragens inferiores a jornais de bairro, ou seja, apenas 4 mil exemplares.

No início do século XXI, com a decadência de diversos periódicos que existiam desde o início do século XX, as publicações digitais foram ganhando ainda mais força, possibilitando que as pessoas tivessem acesso a tudo na palma de suas mãos. Com a evolução ao longo dos anos, atualmente é possível até mesmo assistir às transmissões de jogos pelo computador ou pelo celular, atividades que até o século passado, ninguém imaginava poder fazer.

Durante pouco mais de um século de existência, o jornalismo esportivo passou por inúmeras transformações e mudanças que o moldaram da forma como vemos atualmente. Com a evolução das mídias existentes e o surgimento de novas com o passar das décadas, novos profissionais sonharam e se aventuraram na profissão. Muitas foram as dificuldades enfrentadas pelo jornalismo esportivo e pelos profissionais que apostaram nessa área, mas ao chegar nos dias atuais, pode-se compreender que cada passo e cada pessoa dessa história fez com que tudo valesse a pena.

2.1 AS TRANSMISSÕES DE JOGOS NA TELEVISÃO

A ascensão da televisão modificou a comunicação em todo o mundo. A nova tecnologia, que agora trazia imagens, impactou significativamente todas as outras mídias existentes e auxiliou no processo de identificação entre mídia e espectador, por ser uma mídia que está próxima das pessoas e traz consigo a capacidade de apresentar detalhes através da captação e projeção de imagens.

A história da televisão brasileira começa oficialmente no dia 18 de setembro de 1950, ainda em preto e branco. Como já visto no capítulo anterior, essa modernidade chegou através do jornalista Francisco de Assis Chateaubriand, conhecido como Chatô, que trouxe a TV Tupi. Quatro meses após inaugurar a primeira emissora de televisão do Brasil e da América do Sul, a Tupi de São Paulo, no dia 20 de janeiro de 1951, foi inaugurada a TV Tupi Rio.

Nos primeiros anos da televisão, tanto a Tupi de São Paulo quanto a do Rio de Janeiro, foram marcadas pela falta de recursos de pessoal e pelas improvisações. A televisão iniciou no Brasil com apenas duzentos televisores, que pertenciam a membros da elite. De acordo com Mattos (2010), o preço da mais sofisticada radiola da época era pouco menos de um carro. Esses fatores limitaram a difusão da televisão durante os anos 1950, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. A indústria televisiva brasileira tem renda, apesar de no início terem sido poucos os comerciais, além de estarem limitados a escassos recursos técnicos: o uso de slides e da chamada "garota propaganda".

Apesar das transmissões de partidas de futebol para milhares de pessoas terem acontecido apenas anos mais tarde, ainda no primeiro dia de transmissões da TV Tupi, o esporte se fez presente com Aurélio Campos comandando o programa pioneiro "Vídeo Esportivo". Segundo Cardoso (1999), um mês após, Palmeiras e São Paulo realizaram uma partida no Pacaembu e, aproximadamente, 200 pessoas puderam acompanhar pela televisão. Esse pequeno número de telespectadores, se dá pelo fato de que, nesta época, a televisão era apenas para a elite devido aos altos custos.

Em 1952, a TV Paulista chegou para concorrer diretamente com a TV Tupi, buscando se destacar frente a emissora já existente, porém, sofria com os mesmos problemas de falta de estrutura. Ambas já se arriscavam na transmissão esportiva, entretanto, realizavam coberturas pouco elaboradas em razão dos poucos recursos. Geralmente utilizavam uma ou duas câmeras e materiais que não auxiliavam na cobertura de eventos. Buscando um diferencial em relação à Tupi, a TV Paulista decidiu criar uma nova função muito conhecida nos dias atuais: a do repórter de campo.

Sobre isso, Ribeiro (2007, p.143), destaca:

> Para concorrer com a TV Tupi, pioneira na transmissão esportiva, a TV Paulista montou uma equipe forte. Moacir Pacheco Torres era o narrador; Leônidas da Silva, craque recém-aposentado dos gramados, o comentarista; e José Iazetti, comentarista de arbitragem. Para ter um diferencial da Tupi, a Paulista decidiu criar a nova função de repórter de campo. Silvio Luiz começou carregando um pesado equipamento, correndo de um lado a outro na beira do gramado atrás de jogadores que entravam e

> saíam de campo. As quedas eram inevitáveis, e enquanto trabalhava, a torcida divertia-se com seus tombos. (Ribeiro, 2007, p.143)

Durante as primeiras transmissões de partidas de futebol na televisão, era observada uma configuração praticamente idêntica à radiofônica, importando até mesmo alguns de seus profissionais. Através dessa experiência no rádio, em 1953, Paulo Machado de Carvalho fundou a TV Record e, assim como havia feito anteriormente com a Rádio Panamericana, o empresário investiu no esporte e nas transmissões do mesmo para aumentar a audiência da sua nova empresa de comunicação. Após essas mudanças, foram criados programas sobre os mais variados esportes e as transmissões passaram a ter nova cara, embora ainda fossem de baixa qualidade pela falta de equipamentos para atender a população de forma adequada.

Como já mencionado anteriormente, o primeiro jogo de futebol transmitido ao vivo em televisão aberta para o país inteiro, aconteceu no dia 18 de setembro de 1955. O clássico Santos x Palmeiras, na Vila Belmiro, transmitido pela TV Record, teve como vencedor o Santos, pelo placar de 3x1. Esse importante passo para o jornalismo esportivo televisivo aumentou ainda mais o interesse do brasileiro pelo esporte, pois, a partir de então, até quem não tinha condições de acompanhar um jogo no estádio, poderia assistir em tempo real através do aparelho de televisão que se popularizou durante os anos da década de 1950.

Com o passar do tempo, a televisão foi se modernizando e se espalhando pelos quatro cantos do Brasil, no final da década de 1950 já existiam, no Brasil, dez emissoras de televisão aberta. Segundo Ribeiro (2007), entre essas emissoras, a TV Excelsior foi a pioneira em apresentar uma grade de programação completa, tendo também uma administração empresarial. Em contrapartida, a TV Continental estreou no Rio de Janeiro com uma cobertura esportiva: a transmissão de um jogo de futebol entre Brasil e Inglaterra. Porém, durante a partida, a emissora sofreu fortemente com a estrutura precária, onde três das quatro câmeras espalhadas pelo estádio apresentaram defeito e o jogo foi transmitido por 20 minutos com apenas uma câmera.

Em 1965, momento em que a televisão já havia conquistado seu espaço em diversos cantos do país, surge a Globo, emissora que chegou para revolucionar a programação deste veículo. De forma rápida, a TV Globo desbancou a emissora de Chateaubriand, mesmo demorando para realizar investimentos no seu departamento de esportes. Com o momento de ditadura militar que o Brasil enfrentava, a Globo acabou se beneficiando com a falência de muitos canais de televisão do país que eram contra o regime político vigente.

Neste mesmo ano, a emissora que atualmente é um dos destaques na cobertura de esportes, também transmitiu seu primeiro jogo de futebol, porém, o primeiro grande evento esportivo exibido na emissora foi a Copa do Mundo de 1970. Essa edição da Copa se tornou de grande importância tanto para a Seleção que se destacou em campo, como para a cobertura televisiva de partidas de futebol, já que essa foi a primeira Copa do Mundo exibida ao vivo para todo o país e, também, a primeira transmissão em cores da televisão brasileira, mesmo que tenha sido apenas para alguns convidados da Embratel.

As narrações da época, bem como a forma de se expressar dos narradores, era bastante diferente das que vemos atualmente. Como até então o rádio era o único meio que se comunicava através da voz, os jornalistas que foram para a televisão eram inicialmente os radialistas da época, o que deu para as transmissões com imagens um aspecto muito parecido com o do rádio. A falta de preparo dos profissionais que trabalharam na narração esportiva durante os primeiros anos da televisão pode ter contribuído para a formação de uma escola de narração televisiva pouco diferente da escola radiofônica.

Durante a década de 1980, houve uma importante mudança nas transmissões de esportes pela televisão. Como visto anteriormente, até o ano de 1970, poucos eram os atrativos para acompanhar as transmissões pela televisão, visto que os problemas técnicos eram frequentes e não seguravam a audiência por muito tempo. Após todos os problemas enfrentados pela televisão durante o seu início, o período entre a Copa de 1974 e o final dos anos de 1980 serviu para a elaboração de uma nova identidade para as coberturas esportivas.

A partir das transformações trazidas na década de 80, o Brasil passou a acompanhar fielmente as Copas do Mundo e os Jogos Olímpicos através das imagens em cores e da invenção do replay, que fez um grande sucesso no país e atraiu ainda mais o público para assistir e poder acompanhar esse esporte que já era uma paixão nacional. Nessa época, surgiram novos narradores como Luciano do Valle, Silvio Luiz e Galvão Bueno que se destacaram pelo estilo de narração diferente da que vinha sendo apresentada. Estes foram importantes nomes nessa virada de chave da narração esportiva brasileira, pois contribuíram fortemente para a televisão se instalar de vez no país.

No ano de 1991, o Campeonato Alemão foi exibido pela primeira vez, ao vivo e em cores para todo o Brasil, pela TV Cultura. Foi graças a essa iniciativa da emissora em mostrar um campeonato estrangeiro que as transmissões televisivas tiveram uma grande evolução. As transmissões da *Bundesliga* na época chamaram a atenção pelas tecnologias utilizadas que

transformavam cada partida em um espetáculo gerado pelas imagens coloridas e em boa definição.

No final da década de 80 e início dos anos 90, a Bandeirantes foi a primeira emissora no país a investir amplamente nos esportes. Nessa época, a Band TV se consagrou com o slogan "O Canal do Esporte", por ser detentora dos direitos de transmissão dos principais campeonatos de futebol e a única a exibir diversas modalidades esportivas, como a sinuca, no "Show do Esporte". Além disso, a emissora também transformou sua programação dos finais de semana, abrindo espaço para outras competições esportivas, além da sinuca, que até então eram pouco exploradas. (Hollanda, et.al.. 2013, p.99-118)

Com o passar do tempo, muito além da alta qualificação apresentada pelos novos profissionais da área, as imagens passaram cada vez mais a serem valorizadas, e as câmeras ficaram bem mais próximas aos atletas, dando destaque a todas as expressões de esforço, alegria ou decepção que um esporte pode proporcionar a um atleta. De acordo com Carlos Fernando Schinner, “a grande virada veio quando a Globo passou a enxergar o futebol como algo rentável culminando com a criação da sua própria empresa para administrar os eventos” (Schinner, 2004, p.124).

A partir dessa virada de chave, a maior emissora do país passou a dar espaço para as transmissões esportivas dentro de alguns horários específicos da grade que não atrapalhasse o restante dos programas. Essas mudanças resultaram no aumento dos anúncios de terceiros, verbas de direito de imagem e maior visibilidade para alguns clubes. Se no início poucas emissoras apostaram nos esportes como algo que teria futuro, atualmente, são inúmeras as opções de canais dedicados apenas a eles. São seis grandes emissoras especializadas na tv a cabo: Premiere, SporTV, ESPN, TNT Sports, Fox Sports e BandSports, além de conteúdos e transmissões em canais abertos como TV Globo, Rede Bandeirantes, RedeTV, RecordTV, SBT e TV Brasil.

Os anos 2000 vieram para revolucionar ainda mais o jornalismo esportivo televisivo. Com a chegada da internet de forma geral no país e todas as suas atualizações e melhorias com o passar dos anos, atualmente é possível assistir às partidas até mesmo no celular em alta definição de imagem e som com o streaming, que em pleno ano de 2024 detém parte dos direitos de transmissão de algumas competições como a Copa do Brasil e a Libertadores. Essa pulverização em diversas plataformas vem sendo vista no Brasil como forma de

democratizar o acesso aos eventos esportivos, possibilitando que qualquer pessoa possa ter acesso em qualquer lugar que estiver.

Portanto, é possível notar que as transmissões esportivas pela televisão, principalmente após o ano de 2010, apresentam uma evolução significativa, impulsionada por avanços tecnológicos e mudanças nos hábitos de consumo de mídia por parte dos telespectadores. Durante este período, diversas tendências e eventos marcaram o cenário das transmissões esportivas globais e milhões de pessoas acompanharam, no mundo todo.

Além disso, a qualidade das transmissões esportivas melhorou consideravelmente desde a virada do século, com a chegada da alta definição (HD) e, recentemente, a resolução em 4K. Essas melhorias proporcionaram aos telespectadores uma experiência ainda mais impressionante, pois todas as transmissões contam com destaque aos detalhes, além de cores vibrantes que realçam a emoção do jogo e permitem que a pessoa que está assistindo, se sinta inserido no ambiente do estádio e até mesmo nos detalhes dos bastidores de grandes eventos esportivos.

Por fim, é possível notar que a televisão iniciou com inúmeras dificuldades e sofreu com problemas técnicos nas transmissões durante os primeiros anos. Porém, as tecnologias agiram de forma positiva e contribuíram amplamente para que o futebol e também os outros esportes se espalhassem pelo país, arrastando multidões de apaixonados que acompanham diariamente transmissões de jogos, programas esportivos e quaisquer outras atividades que envolvam o esporte.

A televisão também tem papel fundamental ao alimentar o amor dos brasileiros pelo futebol, pois carrega consigo a possibilidade de trazer para perto do clube do coração os torcedores que moram em regiões afastadas ou até mesmo os que estão em outros países.

3. A MULHER NO ESPORTE

Historicamente, a vida das mulheres nunca foi simples. Elas sempre foram vistas com preconceito e como inferiores aos homens em diversos sentidos, mas principalmente nos esportes. Durante muito tempo, a sociedade impôs à mulher, sob uma visão machista e por vezes opressora, o papel de ser dona de casa, mãe e esposa dedicada, o que a impedia de fazer qualquer tipo de atividade que fosse contra esta regra. Os vestígios de estereótipos machistas observados até os dias atuais reservam à mulher o papel de cuidar dos filhos e da casa, atrapalhando significativamente a participação da mesma no mercado de trabalho, no esporte e consequentemente no jornalismo esportivo.

Nos primórdios da história, quando os gregos criaram os Jogos Olímpicos da Antiguidade, as mulheres já eram excluídas da competição e, mais adiante, quando foi oficializada a Olimpíada "moderna", as elas foram orientadas a ficar "no lugar delas", fazendo os serviços de casa e se mantendo longe dos esportes, postura que ainda é vista nos dias atuais, principalmente vinda de homens que ainda tem raízes muito fortes no preconceito contra a mulher.

A participação feminina no esporte ao longo dos anos foi marcada por aparições restritas e por este motivo, no estudo da história das civilizações antigas, pouco se encontra sobre a presença da mulher em competições esportivas. O que acabou ficando documentado foram notas históricas da civilização espartana. No ano de 1896, o Barão Pierre de Coubertin, membro da aristocracia francesa, criou os Jogos Olímpicos, atrelando-os a ideia de união entre os povos, porém, segundo Goellner (2005), o mesmo excluía a mulher dessa união, por achar vulgar a participação feminina em qualquer modalidade ou formato, pois se tratava de um ambiente no qual, apenas homens poderiam participar.

Segundo Oliveira & Paixão (2010), apenas no início do século XX que as mulheres conseguiram participar de grandes eventos sociais e esportivos, após muitos anos de exclusão. A primeira participação feminina oficial em esportes foi nas Olimpíadas de Paris em 1900, e elas competiram em apenas duas modalidades: tênis e golfe.

O século XX foi marcado por avanços com relação à participação das mulheres no esporte, mesmo que ainda existissem inúmeras barreiras como diferença salarial, falta de patrocínios e uma menor cobertura dos esportes praticados por elas em comparação aos homens. O preconceito existente também refletiu fortemente na ausência de ligas profissionais específicas para muitas modalidades esportivas femininas.

Maria Lenk, que era filha de imigrantes alemães e começou a nadar para curar problemas respiratórios, foi a primeira mulher a se destacar nos esportes. Em 1932, nas Olimpíadas de Los Angeles, ela fez história ao se tornar a primeira mulher brasileira a disputar uma Olimpíada. Anos depois, em 1936, Maria Lenk recebeu outras companheiras olímpicas brasileiras, e mais uma vez deixou seu nome marcado, nadando a prova dos 200m no estilo borboleta, sendo a primeira mulher no mundo a competir nessa modalidade. Ela poderia também ter sido a primeira mulher medalhista olímpica, porém, as edições das Olimpíadas de 1940 e 1944 foram canceladas devido à Segunda Guerra Mundial.

Nesse mesmo período, outras iniciativas também surgiram para as mulheres ocuparem os campos de futebol, porém, em meio à ditadura de Getúlio Vargas, o decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941, foi instaurado no Brasil, e proibia todas as mulheres de praticar esportes "incompatíveis com a sua natureza", decreto esse que só foi derrubado em 1979. Diante disso, ficaram completamente proibidas às mulheres as práticas de esportes como lutas, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, rugby, halterofilismo e beisebol.

Durante a segunda metade do século XX, movimentos sociais e mudanças na cultura começaram a desbancar o preconceito, ajudando a abrir espaço para que mulheres se destacassem ainda mais na prática esportiva. Nas décadas de 1960 e 1970 houve uma evolução significativa na participação feminina em esportes e, durante esses anos, as mulheres seguiram firmes na missão de conquistar seu espaço e reconhecimento em várias modalidades.

Com essa ascensão das mulheres no esporte, no ano de 1964, ainda em meio a um cenário negativo no esporte feminino, outra mulher fez história: Aída dos Santos, mulher, negra e pobre, transformou-se em uma das maiores atletas do país, principalmente por todo o preconceito que teve que enfrentar para representar o Brasil nos Jogos Olímpicos. Ela foi a única mulher da delegação brasileira na Olimpíada de Tóquio, em 1964. Aída viajou sem técnico, sem uniforme e, mesmo com todas as dificuldades que enfrentou, conseguiu um inédito quarto lugar no salto em altura.

Em 1984, após 88 anos, a participação feminina foi aceita pelo Comitê Olímpico Internacional na prova mais tradicional da Olimpíada: a maratona. Nesta oportunidade, 50 atletas de 28 países estiveram na largada para o desafio e 44 finalizaram a prova e a única brasileira que esteve nas pistas naquele dia foi Eleonora Mendonça. Como as mulheres eram historicamente consideradas inferiores e sem capacidade de participar dos esportes, nesta mesma competição quem chamou atenção foi a suíça Gabriele Andersen, que não entrou no

pódio e terminou a prova desidratada, mas recusou a ajuda porque queria chegar ao final e mostrar que era possível a participação feminina nos jogos.

O futebol masculino foi aceito pela sociedade desde sua origem. A maior competição internacional masculina, a Copa do Mundo, existe desde 1930, mas a FIFA nunca havia organizado uma versão feminina do evento. O futebol praticado por mulheres foi proibido em grande parte do mundo por muitos anos, e demorou até que a FIFA reconhecesse o direito feminino de jogar.

Muitos anos de luta foram necessários até que a mulher fosse aceita pela sociedade nos esportes. Em 1988, a FIFA organizou um torneio experimental na China e, apenas em 1991, foi organizada a primeira Copa do Mundo feminina, com a participação de 12 seleções, incluindo o Brasil, quebrando mais um tabu existente na sociedade.

Após o surgimento oficial do futebol feminino, em 1994, as mulheres se destacaram em outra modalidade: o basquete. Apesar de ter na delegação três das maiores jogadoras na história, Hortência, Magic Paula e Janeth, a seleção brasileira de basquete feminino chegou ao Campeonato Mundial da modalidade com poucas expectativas, e voltou com uma conquista histórica. Nessa época, ninguém dava a devida importância para o basquete feminino, na própria confederação, por exemplo, as mulheres enfrentavam preconceito, descaso e uma atenção bem abaixo do que se dava a modalidade masculina. Porém, as mulheres foram protagonistas e se tornaram campeãs diante da China.

No ano de 1996, cem anos após a primeira Olimpíada da Era Moderna, o Brasil conquistou as primeiras medalhas olímpicas no esporte feminino. As medalhas premiaram as mulheres por destaque no vôlei de praia, com ouro e prata, no basquete e no vôlei de quadra, com uma medalha de bronze. O ouro no vôlei de praia se transformou em algo significativo para a história e trajetória das mulheres no esporte, porque foi conquistado por Jacqueline e Sandra, e Jacqueline, anos antes, sofreu com boicotes do Comitê Olímpico Brasileiro por lutar pelos direitos iguais entre homens e mulheres.

Durante suas luta em prol dos direitos das mulheres, Jacqueline foi a líder de protestos contra a Confederação Brasileira de Vôlei, repudiando as diferenças salariais e de tratamento entre as duas seleções, onde os homens recebiam parte do patrocínio que a seleção recebia, enquanto as mulheres somente vestiam a marca sem receber nada. Anos após, ela foi para os Estados Unidos e passou a jogar vôlei de praia, onde o Comitê Olímpico do Brasil percebeu

seu talento e pediu para que ela representasse o país na Olimpíada de 1996, a primeira do vôlei de praia, onde conquistou o ouro histórico.

Na virada para o século XXI, após estes passos dados por mulheres em direção à participação nos esportes e a conquista de respeito perante a sociedade, muitos outros avanços ocorreram e, atualmente, todas as modalidades esportivas contam com delegações femininas e masculinas, o que mostra mais um avanço significativo, mas que ainda não justificam uma possível pausa nas lutas pelos direitos iguais entre homens e mulheres, principalmente nos esportes e na cobertura deles.

O percurso até o porto seguro das mulheres no esporte durou mais de um século. Levou todo esse tempo para que elas pudessem conquistar o direito de disputar todas as modalidades olímpicas que os homens disputavam. Durante os Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, houve a estreia do boxe feminino, onde, pela primeira vez na história, houve uma edição olímpica realmente igual para ambos os gêneros, em relação à divisão entre as delegações e categorias femininas e masculinas em todos os esportes.

Outra modalidade que cresceu significativamente durante os anos esse último século foi o futebol feminino, após sofrer inúmeras décadas de preconceito ao longo da sua curta história. Foram quatro décadas de proibição feminina no futebol, até que fosse derrubado o decreto-lei que proibia a prática do futebol pelas mulheres. Porém, mesmo com a queda da lei que proibia, existiram ainda inúmeras décadas de negligência, falta de investimento e estrutura na modalidade e, até hoje, ainda ouvimos de várias pessoas que o futebol não é coisa de mulher.

A presença da mulher no futebol tem crescido a passos longos durante as últimas décadas, desafiando estereótipos e conquistando espaços antes dominados por homens. Neste mesmo período também surgiram grandes nomes do futebol feminino, como é o caso de Marta Vieira da Silva, conhecida como a maior jogadora de futebol de todos os tempos. Ela, assim como muitas outras mulheres, lutou bravamente e passou por cima de todo o preconceito para chegar aonde chegou e estar em posição de destaque por tantos anos. Ela quebrou recordes e mostra a cada ano o motivo de ser conhecida como a melhor.

No ano de 2018, pela sexta vez, ela foi eleita a melhor jogadora do mundo, se tornando a atleta que mais tem troféus nesse prêmio. Mostrando toda a força e o poder da mulher de estar em qualquer lugar e fazer tudo o que quiser, ela ainda se destaca pelo fato de

que nenhum homem tem tantos títulos de melhor do mundo como ela, nem Messi e nem Cristiano Ronaldo se destacaram no futebol tanto quanto a gloriosa Marta.

Com todos os avanços conquistados ao longo do tempo, hoje, existem ligas profissionais de futebol feminino em diversos países ao redor do mundo, com jogadoras de alto nível competindo em campeonatos internacionais de prestígio, como a Copa do Mundo Feminina da FIFA e os Jogos Olímpicos. Esses eventos, além de destacarem o talento e o alto nível de muitas atletas, também servem como formas para promover a igualdade de gêneros e de oportunidades, além de inspirar outras mulheres a seguirem seus sonhos e fazerem carreira no esporte.

Um exemplo de resultado da força e da dedicação da mulher nos esportes foi concretizado nos Jogos Olímpicos de Paris de 2024, onde mais da metade dos atletas da delegação brasileira eram mulheres, e no geral, houve a mesma quantidade de vagas para mulheres e homens pela primeira vez na história. Além disso, a primeira medalha de ouro brasileira na competição também veio através de uma mulher: Beatriz Souza, que ganhou a disputa pela seleção de judô. Outra mulher brasileira que se destacou nos Jogos Olímpicos de Paris foi a ginasta Rebeca Andrade. Ela fez história, pois, de acordo com a colunista do Valor Econômico, Larissa Maia, pela primeira vez, uma ginasta brasileira chegou ao pódio na modalidade.

Durante os jogos olímpicos, não foram apenas as mulheres brasileiras que se destacaram. Devido ao maior número em comparação às edições anteriores, as mulheres protagonizaram momentos de sucesso representando todas as seleções, e reverenciando umas às outras, acabando com a ideia de que uma mulher precisa ser rival das outras para crescer e ser reconhecida. Um exemplo disso foi o momento do pódio da brasileira Rebeca Andrade, onde ela foi reverenciada por Simone Biles, a estadunidense com maior destaque e número de medalhas nas Olimpíadas.

Atualmente, elas ainda vão muito além do campo como atletas. As mulheres também vêm conquistando seus espaços em outras áreas do futebol, como treinadoras, árbitras, dirigentes e comentaristas esportivas. As novas perspectivas trazidas por essas mulheres enriquecem o esporte, além de incluir ainda mais elas nesse mundo que até então era apenas masculino e desafia os preconceitos de gênero que ainda seguem existindo em diversas esferas do esporte e da sociedade como um todo.

Um longo caminho já foi percorrido pelas mulheres, mas ainda tem muita estrada para que elas possam ser reconhecidas da forma como realmente merecem. Apesar do progresso significativo, ainda há inúmeros desafios a serem enfrentados. Questões como grandes diferenças salariais entre homens e mulheres, menor cobertura midiática para o futebol feminino em comparação com o masculino e a persistência dos preconceitos relacionados ao gênero continuam sendo obstáculos que precisam ser superados e deixados para trás.

A conscientização e a luta das mulheres pelo seu espaço continua, não só no esporte, mas em todas as áreas da sociedade. No que diz respeito ao esporte, mais precisamente ao futebol, a criação de políticas inclusivas e o apoio financeiro de grandes investidores dos esportes são fundamentais para garantir que o futebol continue a se desenvolver como um esporte igualitário. À medida que novas oportunidades são criadas, mais mulheres são vistas e mais vozes são ouvidas. Diante desse cenário de igualdade e respeito, o futebol não se fortalece apenas como esporte, mas também avança em direção a um futuro vitorioso e com grandes conquistas, independente do gênero de cada pessoa.

4. A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO

O ingresso da mulher no jornalismo esportivo foi relativamente tardio se comparado ao dos homens. Além das dificuldades para ingressar na área, o salário pago aos jornalistas esportivos era bem menor que o de um jornalista político, por exemplo, que era a editoria mais prestigiada na época. Em meio a este cenário de dificuldades, durante a década de 1930, no Rio de Janeiro, surge o primeiro diário completamente dedicado aos esportes: o *Jornal dos Sports* que foi mencionado anteriormente, e com suas páginas cor-de-rosa se transformou em um sucesso absoluto entre quem acompanhava o periódico.

Durante todo o século XIX e metade do século XX, as mulheres eram naturalmente excluídas das redações esportivas e consideradas incapazes de cobrir eventos esportivos, pois os mesmos não eram de sua natureza. No entanto, algumas mulheres desafiaram essas percepções e abriram caminho para que outras pudessem criar coragem e correr atrás dos seus sonhos, se inserindo e se destacando no jornalismo esportivo, mesmo com todos os estereótipos e preconceitos existentes neste ambiente.

Apesar dos passos pequenos, porém significativos, que já vinham sendo dados em busca de uma participação aceita da mulher na cobertura de esportes, foi apenas durante a década de 40 e ao longo dos anos de 1950 e 1960 que o jornalismo esportivo teve um importante avanço nesta luta pela igualdade de gênero.

Durante este período, o *Jornal dos Sports* e a *Gazeta Esportiva* se transformaram em referência, apresentando um jornalismo esportivo com um modelo já conhecido nos Estados Unidos, dando destaque importante a dois pontos: a liberdade de imprensa e a objetividade. É a partir dessa fase de conquistas que começam a surgir as primeiras mulheres no mundo do jornalismo esportivo.

Durante as décadas de 1960 e 1970, esse movimento em prol da igualdade de gênero na sociedade se intensificou e começou a influenciar o jornalismo esportivo. Nesta época, surgiram com mais força as primeiras mulheres jornalistas esportivas no Brasil. Antes desse período, segundo Coelho (2003), era muito difícil ver mulheres dedicadas a este tipo de jornalismo. Além disso, o autor ainda destaca que uma possível justificativa para que não houvesse mulheres cobrindo esportes, se dava ao interesse da própria população.

> Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 1970 [...] Mas é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população. Se em estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens do que mulheres, é normal

> que haja também índice diferente de homens e mulheres nas redações. (Coelho, 2003, p.34)

Apesar de entre os anos de 1926 e 1930 já existirem mulheres trabalhando e se destacando nas coberturas dos Estados Unidos, o que criava condições para que outras mulheres pelo mundo se arriscassem nesse ambiente masculino e fizessem história nas coberturas. A primeira jornalista esportiva mulher que se conhece no Brasil é Maria Helena Rangel, que ingressou na Gazeta Esportiva em 1947, enquanto ainda estava na faculdade.

Para representar ainda mais as mulheres no mundo do esporte, a jornalista também era atleta de arremesso de disco, e ganhou competições da modalidade por oito anos seguidos. Rangel cobriu campeonatos de vôlei e basquete e se destacou pela garra e coragem ao ingressar neste mundo que até então era apenas de homens, se transformando em uma referência para todas as outras mulheres que vieram em seguida na profissão.

Ainda na mesma época de destaque da jornalista Maria Helena Rangel, outra mulher deixou seu legado, sendo mais uma pioneira da história das mulheres na cobertura esportiva, desta vez no fotojornalismo: a carioca Mary Zilda Grassia Sereno, que realizava trabalhos para diversas editorias, mas a sua paixão sempre foi o esporte. Ela também era muito conhecida nos vestiários das equipes de futebol, pois estava presente em diversos jogos. De acordo com Ramos, apud Dantas (2016, p. 37-38), os jogadores sempre eram avisados de que ela estava entrando no local para fazer registros. Essa atividade sempre foi vista como um ato de coragem por todas as pessoas, porém, para a fotojornalista era algo normal do seu trabalho.

O primeiro grande trabalho de Mary Zilda Sereno para um jornal foi sobre esporte, em 1934, quando ela tentou vender uma de suas fotos para o jornal O Globo após o título da Itália na Copa do Mundo daquele ano. A foto dava destaque para uma freira italiana que estava no Rio de Janeiro comemorando o feito da seleção de seu país. O jornal utilizou a foto da profissional em suas páginas, porém, Mary Zilda não foi contratada para novos trabalhos pelo fato de ser mulher (Ramos apud Dantas, 2016, p. 37).

Anos após, o jornalismo esportivo feminino teve outra pioneira, desta vez na reportagem: Regiani Ritter. Servindo também como uma referência para outras mulheres deixarem suas marcas no jornalismo esportivo brasileiro, Ritter foi uma das primeiras repórteres de campo mulher da história. Ela ainda é citada por Paulo Vinícius Coelho em seu livro “Jornalismo Esportivo” como uma das grandes profissionais mulheres na área, com três coberturas de Copa do Mundo no currículo:

> Era bem informada e entendia do assunto. Tanto que suas claras demonstrações de conhecimento causam até hoje lembranças carinhosas em homens apaixonados por futebol. Quando ela começou, certamente havia muito mais preconceito do que hoje, tempo em que o espaço existe para ser conquistado. (Coelho, 2003 p.36)

Regiani Ritter, apesar de ser um dos maiores nomes no pioneirismo feminino na cobertura de esportes, não se intitula como a primeira mulher no ramo, e destaca que outras trabalharam e "prepararam o terreno" antes dela. A jornalista iniciou sua carreira como atriz no começo dos anos de 1960, participando de peças, propagandas e até mesmo programas de humor, tendo seu primeiro contato com o esporte na profissão, três anos após ser contratada pela Rádio Gazeta, no início dos anos 80, onde cobria a folga dos setoristas de futebol e desde então já imaginava e desejava participar das transmissões dos jogos.

Outro nome de grande destaque e influência nesse início das mulheres no jornalismo esportivo é o de Renata Falzoni, que em 1979 começou a trabalhar com o fotojornalismo, e poucos anos depois, em 1984, foi convidada por José Trajano para fazer parte da equipe de jornalismo esportivo da Folha de S. Paulo como fotógrafa de basquete e vôlei femininos, dando início a um caminho inspirador nas coberturas esportivas. (Vasconcelos e Rubbo, 2009, p.04).

Além disso, Falzoni foi uma das primeiras fotojornalistas mulheres em editoria de esportes, seguindo os passos de Mary Zilda Sereno, que abriu espaço para as mulheres nessa cobertura fotográfica. Anos mais tarde, em 1995, entrou para a ESPN e se tornou também pioneira na vídeo-reportagem, onde se especializou em coberturas de eventos de esportes radicais e de aventura. Seguindo a ascensão da tecnologia e o seu grande destaque, o pioneirismo de Renata Falzoni chegou também à era digital, quando seu programa foi a primeira atração nacional transmitida em alta definição na ESPN. Também entre o final dos anos 80 e início dos anos 90, outros grandes nomes femininos como Elys Marina e Mylena Ciribelli se destacaram na reportagem de campo.

Nomes como estes ajudaram a abrir caminho para que outras mulheres que vieram anos mais tarde, pudessem encontrar um solo firme e mais receptível para as profissionais do sexo feminino. Dos anos de 1970 até os dias atuais, as mulheres conquistaram seus espaços e criaram bases e raízes sólidas nas editorias de esporte, na TV, nos jornais e nos portais dedicados ao tema, mostrando suas qualidades e contribuindo significativamente para as coberturas esportivas, trazendo ainda mais dinamismo e cuidado com a informação, que é o ponto principal do jornalismo, em qualquer editoria.

A virada do milênio trouxe grandes mudanças, e por este motivo, houve uma maior aceitação da mulher por parte das pessoas, além do crescimento da visibilidade delas no esporte, o que contribuiu para uma maior aceitação das jornalistas esportivas. No início dos anos 2000, várias mulheres começaram a ganhar destaque no novo cenário que vinha se desenhando, seja em emissoras de televisão ou em redações de grandes jornais, desafiando estereótipos e provando suas importantes contribuições no campo.

De acordo com Coelho (2003, p.35), há 14 anos, apenas 10% das redações esportivas do país são compostas por mulheres e, mesmo que não haja uma pesquisa atual sobre o tema, o que podemos perceber é que não houve grandes mudanças mesmo após todos esses anos. Isso se dá devido aos estereótipos que continuam fortemente enraizados no nosso dia a dia, pois, apesar de haver uma maior abertura para as mulheres nas redações e coberturas esportivas, ainda existe um grande preconceito quando se fala sobre a mulher e seu relacionamento com o esporte, seja praticando ou trabalhando com ele.

Uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) em 2018 com o apoio do Google News Lab, intitulada “Mulheres no jornalismo brasileiro”, onde participaram 477 mulheres de 271 veículos, buscou apresentar a partir de uma pesquisa geral e outra pesquisa qualitativa, com grupos específicos, envolvendo 42 jornalistas, quais os maiores desafios enfrentados pelas mulheres nas redações pelo Brasil, em todas as editorias.

Nela, foi apresentado que 73% das jornalistas já escutaram comentários e piadas de mau gosto e de natureza sexual no ambiente de trabalho; 92% já ouviram diretamente piadas machistas; 46% afirmaram que as empresas não contavam com canais para receber denúncias de assédio e discriminação; 64% sofreram abuso por parte dos chefes; 83,6% destacam que já sofreram violência psicológica nas redações; 65,7% tiveram sua competência questionada pelo simples fato de serem mulheres e 70,4% receberam cantadas indesejadas no ambiente de trabalho.

Por décadas as mulheres não se sentiam representadas no esporte e nas transmissões de partidas, pelo fato de que não havia mulheres que se dedicavam exclusivamente a isso, tudo era feito por homens. Grandes canais como SportTV, Premiere, ESPN e Fox Sports contam atualmente com uma equipe maior de profissionais mulheres, porém, este número ainda é muito abaixo do que o esperado.

Segundo Laís Milena (2020), o “Bem Amigos”, do SporTV, é um bom exemplo disso. O programa chegou a ter oito homens em uma única edição, entre apresentador, convidados e comentaristas e nenhuma mulher. Os jogos também não contavam com mulheres comentando ou narrando na TV aberta durante anos, até Ana Thaís Matos se transformar na primeira mulher a comentar o futebol masculino na Rede Globo, no ano de 2019.

A publicação de um artigo da Federação Nacional dos Jornalistas, divulgado em março de 2020, revelou que 78,5% das jornalistas já enfrentaram algum tipo de atitude machista durante entrevistas e mais de 70% delas disseram que já deixaram de ser designadas para uma pauta pelo fato de ser mulher.

Um exemplo deste preconceito ocorreu em julho de 2017 onde, durante uma entrevista coletiva pós-jogo do técnico Guto Ferreira, que na época comandava o Sport Clube Internacional, a repórter Kelly Costa, da RBS TV, fez uma pergunta ao treinador sobre as chances de gol desperdiçadas pela equipe colorada e foi respondida com outra pergunta em tom de deboche e preconceito: “Eu não vou fazer essa pergunta porque você é mulher e, de repente, não jogou”.

E não é só no Brasil que estes casos acontecem, na Copa do Mundo de Futebol masculino na Rússia, em 2018, o mundo pode ver vários episódios interpretados por torcedores latinos e entre eles, os brasileiros que se aproveitaram da diferença de idiomas para expor inúmeras mulheres, jornalistas ou não, a situações constrangedoras. Situações como essas apenas mostram o quanto a sociedade precisa evoluir e se conscientizar do quão vergonhoso é ver ou presenciar uma cena que desmerece uma profissional que está ali única e exclusivamente para realizar o seu trabalho.

Além do preconceito e de serem em menor número nas redações, as mulheres enfrentam outro problema ao ingressarem na profissão: as diferenças salariais entre homens e mulheres. Conforme a pesquisa “Características Demográficas e Políticas dos jornalistas” realizada em 2012 e citada por Laís Milena (2020, p.14), nesta época, cerca de 64% dos jornalistas brasileiros eram mulheres, no entanto, ainda recebiam salários menores e não ocupavam cargos de liderança nas emissoras, jornais ou portais que atuavam enquanto profissionais.

Mesmo que não sejam de pesquisas atuais, esses dados refletem um pouco da realidade das redações esportivas em pleno ano de 2024, pois apesar de existir um avanço, ele não foi tão maior que os números já apresentados. Essas diferenças refletem um problema

estrutural que afeta diversas profissões, mas ganha ainda mais visibilidade no jornalismo. Mesmo com uma presença feminina significativa na área, as mulheres frequentemente enfrentam problemas e preconceitos que impedem um avanço para posições de maior visibilidade, prestígio e até mesmo, de remuneração.

Um brilhante caminho já foi trilhado pelas mulheres em busca da igualdade de gênero tanto nos esportes quanto na cobertura dele. Para o progresso continuar e as desigualdades e preconceitos serem abolidos, é de suma importância que o jornalismo esportivo mantenha o foco na promoção da diversidade e da inclusão, oferecendo ambientes de trabalho mais acolhedores e oportunidades iguais de crescimento na área. Além disso, a conscientização de todos também é importante, para que um futuro próspero para as mulheres seja construído a partir das bases sólidas e admiráveis que mulheres corajosas criaram neste jornalismo esportivo que conhecemos e acompanhamos atualmente.

4.1 A CONTRIBUIÇÃO FEMININA PARA UM JORNALISMO ESPORTIVO DE EXCELÊNCIA

Muito além de inspirar e ensinar com as lutas que ao longo do tempo as mulheres tiveram que enfrentar para conquistar seus espaços, elas também conseguem transformar significativamente as coberturas esportivas, levando um maior dinamismo para as transmissões além dos olhares diferenciados e mais críticos sobre as competições, os atletas e tudo o que envolve o esporte. A contribuição feminina para o jornalismo esportivo, ano após ano, vem sendo fundamental para a evolução e a excelência dos conteúdos apresentados pelas grandes mídias. Nos últimos anos, as mulheres têm se destacado, apresentando novas perspectivas, experiências e abordagens que enriquecem o jornalismo esportivo.

Ainda é importante destacar que a contribuição feminina para as coberturas esportivas não apenas melhora a qualidade dos conteúdos, mas também promove uma maior inclusão na área. A presença de mulheres tem sido essencial para desafiar princípios estabelecidos, enriquecer as narrativas esportivas e inspirar futuras gerações, além de destacar ainda mais a importância de lutar contra os preconceitos e desigualdades citadas anteriormente e que vem enraizadas na história da mulher ao longo dos anos. O caminho para um bom e justo jornalismo esportivo, perpassa pelo reconhecimento e a valorização do papel das mulheres na área.

Sobre essa inserção das mulheres no jornalismo esportivo, Caixeta (2006), destaca:

> Não é de hoje que se percebe a presença cada vez maior da mulher no esporte. E elas não estão só praticando: vêm demonstrando talento e segurança nas coberturas jornalísticas em todas as mídias. Entendem de basquete, rali, Fórmula-1, futebol, e, em geral, torcem também. (Caixeta, 2006)

A partir do caminho aberto por mulheres que não se importaram com as proibições e os preconceitos que existiam em torno do tema, outras mulheres puderam também conquistar seus espaços e mostrar que elas podem, sim, fazer o que quiserem. Esse ingresso das mulheres no jornalismo esportivo não só foi uma ótima resposta a todos os impedimentos impostos pela sociedade, mas também abriu espaço para a inclusão, a diversidade e o respeito neste campo que deixou de ser apenas masculino e passou a ser misto.

A entrada das mulheres no jornalismo esportivo contribuiu significativamente para uma maior diversidade de vozes e perspectivas. Elas abordam frequentemente o tema "esporte" com uma sensibilidade e um foco diferente que o dos homens, ajudando a ampliar e aprofundar a cobertura dos mais diversos eventos esportivos. A voz feminina carrega consigo o poder de transformar as narrativas, explorando histórias que antes passavam batidas e oferecem uma visão mais inclusiva do universo esportivo, mostrando que apesar de todas as dificuldades, nos esportes é possível haver um ambiente pacífico e respeitoso para todos.

Além de apresentar novas perspectivas, as mulheres ainda trazem para o jornalismo esportivo uma ampliação dos temas abordados, sendo pioneiras na cobertura de esportes femininos, dando visibilidade às atletas mulheres e aos desafios que as atletas enfrentam e inspirando o público a gostar e prestigiar as modalidades praticadas por mulheres. Ademais, elas ainda exploram novas mídias como podcasts, e vídeos, gerando uma cobertura mais dinâmica e interativa, atraindo novos públicos e tornando a comunicação acessível para todos.

De acordo com Abreu; Rocha (2006, orelhas):

> A mulher trouxe para o jornalismo algo que faltava nas redações quase exclusivamente masculina nas décadas de 50 e 60 [...] o processo de transformação do jornalismo, que deixou de ser uma escada para posições consideradas mais respeitáveis, muito deve àquelas profissionais que se satisfaziam em ser boas jornalistas. (Abreu; Rocha, 2006, orelhas)

Em suma, a presença da mulher no jornalismo esportivo vem crescendo cada vez mais, apesar de todas as dificuldades que elas precisam enfrentar e, mesmo com esses desafios, elas conseguem levar um toque diferenciado para as coberturas, com mais sensibilidade, cuidado com a informação e com as pessoas que vão receber. O jornalismo em sua totalidade, não apenas o esportivo, tem apenas a ganhar com a entrada dessas mulheres que exploram novos caminhos, denunciam problemas e discriminações, trazendo ainda mais público para as

coberturas e apresentando um trabalho diferente do tradicional que se destaca nas mais diferentes mídias.

5. METODOLOGIA

A palavra metodologia é derivada dos termos gregos *méthodos* e *logia*, referindo-se a um conjunto de processos utilizados para conduzir e realizar pesquisas científicas. Segundo definição da Enciclopédia Intercom de Comunicação (2010, p 815), a metodologia de pesquisa pode ser definida, ainda, como o estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência. Com base nisso, podemos notar a importância desta etapa para um trabalho científico com fundamentação teórica e bases sólidas em seu desenvolvimento.

De acordo com Dencker; Viá (2001, p.17):

> A metodologia de pesquisa é o estudo analítico e crítico dos métodos de investigação e de prova. Trata-se de uma reflexão sobre a atividade científica para obter, em determinado momento, um retrato dessa atividade – retrato esse que diferirá de acordo com a ciência sobre a qual estamos refletindo. (Dencker; Viá, 2001, p.17)

Este processo deve ser fundamentalmente desenvolvido para a realização de um trabalho científico e engloba todas as escolhas e práticas realizadas pelo pesquisador a respeito da escolha dos métodos que serão utilizados na hora de colocar em prática a dissertação. Outro ponto importante a ser considerado quando falamos sobre pesquisas científicas, é que apenas será possível iniciar uma pesquisa se existir uma questão norteadora, a qual se quer buscar respostas através do estudo. Portanto, realizar uma pesquisa é buscar por respostas coerentes com a nossa dúvida central.

Segundo Gil (2007, p. 17), pesquisa é definida como o:

> [...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. (Gil, 2007, p.17)

Porém, para criar uma pesquisa científica, não basta apenas o desejo do pesquisador. É necessário que, além do conhecimento base do mesmo, o pesquisador tenha acesso aos recursos necessários para que seja possível chegar, de fato, a uma resposta satisfatória e aprofundada sobre o assunto.

A abordagem metodológica utilizada neste estudo foi determinada através da questão norteadora e objetivos já mencionados, sendo adotados os métodos de pesquisa bibliográfica, exploratória, qualitativa nas entrevistas realizadas com profissionais da área e quantitativa nas entrevistas com pessoas que acompanham o futebol, porém não se envolvem nele como profissionais. Com o objetivo de compreender o como é vista a presença da mulher como repórter de campo no jornalismo esportivo televisivo, foram utilizados livros e artigos de

autores que falam com propriedade sobre o assunto e ajudaram a responder inúmeras questões.

Além disso, foi utilizado também um formulário da plataforma Google com perguntas sobre o tema, direcionadas a pessoas leigas no assunto que acompanham futebol e as transmissões, principalmente através da RBS TV e do Premiere, canais que são objetos de pesquisa deste estudo e, por fim, foram realizadas entrevistas com mulheres profissionais da área, para agregar ainda mais ao trabalho.

5.1 MÉTODOS UTILIZADOS NA PESQUISA

5.1.1 A pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica é a principal deste estudo e pode ser traduzida como um processo de investigação para responder ou aprofundar sobre a questão central do trabalho. Este tipo de pesquisa baseia-se no estudo das teorias já existentes e publicadas por outros autores e o responsável por realizar a pesquisa deve buscar atentamente por elas, ler, compreender e discorrer sobre o tema estudado, criando um embasamento teórico que passe credibilidade ao pesquisador e ao seu artigo.

De acordo com Fonseca, (2002, p. 32):

> A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (Fonseca, 2002, p.32)

Através da pesquisa bibliográfica, o pesquisador realiza o levantamento de informações que são importantes e indispensáveis para a construção do trabalho científico. Portanto, este tipo de pesquisa sempre é relevante independente do assunto a ser debatido. Para Gil (2002, p. 17), "A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não pode ser adequadamente relacionada ao problema".

Já, segundo Macedo (1994, p. 13), a pesquisa bibliográfica: "Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação". Nesse sentido, surgem as ideias de outros

autores que servem como complemento ao pensamento de Macedo (1994): de acordo com Marconi e Lakatos (2005, p. 183): "[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras".

Considerando estas ideias e pensamentos, podemos entender que esse tipo de pesquisa é importante desde o início de um trabalho científico, pois é através dela que começamos a agir para conhecer e escrever sobre o assunto escolhido. Por fim, esse tipo de estudo merece cautela e muita atenção para que dados sejam interpretados corretamente e sem que haja ruídos, contribuindo para o quadro teórico da pesquisa.

5.1.2 A pesquisa exploratória

Segundo Santos (1991), a pesquisa exploratória é o primeiro contato com o tema que está em análise, com os sujeitos a serem investigados e com as fontes secundárias disponíveis para realizar a mesma. Portanto, nesse tipo de pesquisa, o responsável deve receber as informações e os dados da realidade social adotando uma postura flexível e não formalizada.

Este tipo de pesquisa, de acordo com (Figueiredo, 2007), tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, buscando "desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores". (Gil, 2002, p. 46), deixando a questão a ser debatida mais clara e de fácil entendimento.

A grande maioria dos trabalhos que envolvem a metodologia de pesquisa exploratória contém: levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão (Gil, 2007). Essas pesquisas podem ser classificadas como: pesquisa bibliográfica e estudo de caso (Gil, 2007).

O objetivo da pesquisa exploratória é entender as razões existentes por trás de determinadas atitudes e comportamentos de algumas pessoas. Esse método de pesquisa é bastante utilizado na geração de hipóteses e na identificação de pontos importantes que devem ser anexados na pesquisa. Conforme Malhotra (1993) "a pesquisa com dados qualitativos é a principal metodologia utilizada nos estudos exploratórios e consiste em um método de coleta de dados não-estruturado, baseado em pequenas amostras e cuja finalidade é promover uma compreensão inicial do conjunto do problema de pesquisa" (Malhotra, 1993, p. 156).

Por fim, podemos compreender que a pesquisa exploratória ajuda o pesquisador a se aproximar do problema que está sendo estudado, por trazer diversas fontes e informações que ajudam a construir o todo, como é o exemplo do trabalho de pesquisa em questão que contou com entrevistas qualitativas a respeito do tema e do problema já definidos anteriormente.

5.1.3 A pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa é aquela que não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com a qualidade e aprofundamento das respostas do grupo que respondeu à pesquisa. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (Goldenberg, 1997, p. 34).

Os pesquisadores que optam por utilizar os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas acerca do problema em questão, exprimindo as informações necessárias para conferir qualidade ao trabalho, mas não quantificam os valores e o ponto principal passa a ser a qualidade das fontes e das respostas dadas aos questionamentos.

De acordo com Minayo, (2001, p. 14):

> Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador. (Minayo, 2001, p.14)

Além da qualificação das respostas, essa pesquisa também tem como características a objetivação do fenômeno, a hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno, a observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural, o respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos, a busca de resultados os mais fidedignos possíveis e a oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (Gerhardt; Silveira, 2009, p.32).

Podemos entender, por fim, que a pesquisa qualitativa traz maior credibilidade para o pesquisador e também para o seu trabalho, pois se trata de uma pesquisa selecionada e com boas fontes, e trabalha com muitos significados, valores e atitudes, que correspondem a um espaço aprofundados de relações, processos e dos fenômenos observados e estudados na pesquisa.

5.1.4 A pesquisa quantitativa

Ao contrário da pesquisa qualitativa, onde a qualidade das respostas é mais relevante que a quantidade, na pesquisa quantitativa, os resultados são analisados a partir dos números. Por um lado, essa pesquisa tem suas raízes na lógica e enfatiza o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana, enquanto, a pesquisa qualitativa destaca os aspectos dinâmicos e individuais da experiência humana, para apreender a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno (Polit, Becker E Hungler, 2004, p. 201).

De acordo com Fonseca (2002, p. 20):

> Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente. (Fonseca, 2002, p.20)

As características desse tipo de pesquisa são a coleta de dados confiáveis, pois os mesmos são apresentados em números e, portanto, serão respostas confiáveis, a coleta de dados rápida, por se tratar de uma pesquisa simples e necessitar de menos tempo entre o envio da pesquisa e o recebimento dos dados, a análise de dados mais abrangente, pois esse tipo de pesquisa necessita de muitas respostas para ser precisa e, por fim, a eliminação de desvios e alterações por não dar margem para comentários pessoais ou desvio dos resultados.

Portanto, podemos concluir que esse método de pesquisa ajuda na análise de dados, pois se baseia no uso de algoritmos e modelos estatísticos para processar informações objetivas e quantificáveis, e com isso, é possível ter um resultado livre de diferenças ou problemas nos resultados apresentados.

5.2 MÉTODOS DE ABORDAGEM

Os métodos de abordagem são os caminhos a serem percorridos na realização de uma pesquisa científica, ou seja, todas as atividades que permitem que os objetivos de uma pesquisa sejam alcançados. Os métodos de abordagem são: indutivo, dedutivo, hipotético, dedutivo, dialético e fenomenológico.

Segundo Marconi; Lakatos (2003, p. 83):

> Assim, o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (Marconi; Lakatos, 2003, p. 83)

O primeiro método de abordagem a ser explicitado é o indutivo, proposto pelos empiristas David Hume, Francis Bacon, John Locke e Thomas Hobbes, onde ocorre a generalização de um assunto, partindo de caso específico em direção a uma questão mais ampla, através da observação e da experimentação.

De acordo com Marconi e Lakatos (2005), a indução ocorre em três etapas. A primeira delas conta com uma observação rigorosa dos acontecimentos e fenômenos. Na segunda etapa ocorre o esclarecimento da relação entre esses fenômenos onde, através de experimentos, é realizada a classificação dos fatos e a determinação de sua causa. Por fim, a terceira etapa tem relação com a generalização, onde se cria a conclusão gerada a partir da observação.

Por fim, pode-se dizer que o intuito do método indutivo de pesquisa é "chegar a conclusões mais amplas do que o conteúdo estabelecido pelas premissas nas quais está fundamentado" (Mezzaroba; Monteiro, 2009, p. 63).

Já o método dedutivo funciona de maneira oposta ao indutivo, mesmo estando também fundamentado em um processo observacional, pois parte de uma generalização e vai em direção a um caso particularizado que acaba em uma conclusão. Recomendado pelos racionalistas Baruch Spinoza, René Descartes e Wilhelm Leibniz, o método dedutivo traz a ideia de que apenas a razão pode levar ao conhecimento verdadeiro. Por este motivo, não existe meio-termo e os argumentos dedutivos devem ser considerados corretos ou incorretos. (Markoni; Lakatos, 2005).

Outros autores também destacam que esse método "prediz a ocorrência de casos particulares com base na lógica" (Prodanov; De Freitas, 2013, p. 27). Seguindo esta lógica, se as ideias iniciais são verdadeiras e as leis aplicadas estiverem corretas, a conclusão também é verdadeira. Em suma, este método na maioria das vezes é utilizado para testar hipóteses já existentes, chamadas de axiomas[4] para poder provar teorias, denominadas *teoremas*[5]. Segundo

[4] Verdades inquestionáveis universalmente válidas, muitas vezes utilizadas como princípios na construção de uma teoria ou como base para uma argumentação.
[5] Dedução lógica que pode ser provada a partir de deduções baseadas em axiomas.

Diehll e Tatim (2004), as definições, os princípios e os teoremas são os instrumentos principais da dedução.

Por outro ângulo, o método hipotético-dedutivo, estabelecido por Karl Popper com base em críticas à indução, é um método que busca por uma solução, através de tentativas e eliminação de erros. Um ponto importante neste método é o problema, pois toda pesquisa se origina de um problema que o pesquisador busca solucionar. Com base nisso, segundo Gil (2008), neste método são formuladas conjecturas ou hipóteses que tentam explicar as dificuldades expressas no problema em questão.

Ainda, conforme Marconi; Lakatos (2003, p. 95):

> A primeira etapa do método proposto por Popper é o surgimento do problema. Nosso conhecimento consiste no conjunto de expectativas que formam como que uma moldura. A quebra desta provoca uma dificuldade: o problema que vai desencadear a pesquisa. Toda investigação nasce de algum problema teórico/prático sentido. Este dirá o que é relevante ou irrelevante observar, os dados que devem ser selecionados. Esta seleção exige uma hipótese, conjectura e/ou suposição, que servirá de guia ao pesquisador. (Marconi; Lakatos, 2003, p. 95)

A partir deste problema e da criação de hipóteses que servem como um guia para o pesquisador, as mesmas devem ser testadas no processo chamado de inferência indutiva. Estas hipóteses são importantes, pois têm dois papéis na investigação: propor explicações aos problemas abordados e guiar o recebimento de dados.

Em compensação, o método dialético, criado por Georg Wilhelm Hegel, é geralmente utilizado em pesquisas qualitativas, pressupondo que os fatos não podem ser considerados fora de um contexto social, compreendendo que “as contradições transcendem-se, dando origem a novas contradições que passam a requerer solução”. (Prodanov; De Freitas, 2013, p. 34). Nesse sentido, de acordo com Marconi e Lakatos (2007) para o método dialético tudo está interligado e nada pode ser observado separadamente.

Concluindo os métodos de abordagem, o método fenomenológico, proposto por Edmund Husserl, é adotado na pesquisa qualitativa por não ser dedutivo nem indutivo e preocupa‑se com a descrição direta da experiência tal como ela é. Nesse sentido, o método busca criar uma base segura e livre de pressupostos para todas as ciências. (Gil,2008)

Segundo Prodanov e De Freitas (2013), o método fenomenológico é focado apenas nos aspectos essenciais do fenômeno, independentemente de ser real ou não. Nesse método, a

realidade é construída socialmente e entendida da forma que é interpretada e a realidade não é única. (Gil, 1994).

Diante do exposto, é possível compreender que esta pesquisa utilizou o método de abordagem dedutivo, por partir de constatações gerais como dados, informações e relações já existentes e conhecidas sobre a mulher no esporte, no futebol e também no jornalismo esportivo, tendo um olhar atento a casos particulares, como o trabalho realizado por essas mulheres nas duas emissoras estudadas e verificando se o mesmo se enquadra nas constatações gerais fundadas em teorias de autores. Além disso, a pesquisa conta com entrevistas de profissionais da área, a fim de compreender melhor o espaço e o papel da mulher enquanto repórter de campo.

5.3 MÉTODOS DE PROCEDIMENTO

Diferente dos métodos de abordagem, que tem como característica o alto grau de alienação ao examinarem fenômenos da natureza e da sociedade, os métodos de procedimento constituem etapas mais complexas da pesquisa. De acordo com Prodanov; De Freitas (2013), esses métodos são específicos das ciências sociais, e buscam apresentar ao pesquisador meios técnicos para ajudar na precisão dos estudos sobre os mais diversos fatos sociais. Estes métodos estão divididos em histórico, comparativo, monográfico ou estudo de caso, estatístico, tipológico, funcionalista e estruturalista.

O primeiro método de procedimento é o método histórico, proposto pelo antropólogo americano Franz Boas que consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado com o objetivo de confirmar a sua influência na sociedade atual. (Marconi; Lakatos, 2007). Nesse sentido, para melhor compreender as formas de viver da sociedade contemporânea, é necessário examinar o passado. Só assim vamos conseguir compreender sua natureza e função. (Henriques; Medeiros, 2017).

Considerando que este método se baseia na verificação e em fontes para reconstruir da melhor forma possível o passado e a história, é possível compreender que ele é muito utilizado no estudo de eventos e fenômenos históricos, entendendo as consequências de alguns acontecimentos, além de ajudar no estudo da evolução das sociedades.

Já o método comparativo, segundo Marconi e Lakatos (2007), é o estudo das semelhanças e diferenças entre diferentes grupos, sociedades ou povos, a fim de contribuir

para a compreensão do comportamento humano, investigando fatos para explicá-los com base nessas mesmas semelhanças e diferenças. Geralmente, esse método aborda dois ou mais pontos, para descobrir o que é comum entre ambos. Ainda, segundo Fachin (2006), esse método possibilita a análise de dados concretos, levando a conclusão de semelhanças e divergências de elementos constantes, abstratos e gerais, propiciando investigações de caráter indireto.

Ao mesmo tempo, o método monográfico ou estudo de caso, segundo Gil (2008), consiste no estudo de um caso em profundidade e, pode ser considerado representativo de muitos outros, ou até mesmo, de todos os casos semelhantes. Desta maneira, é possível compreender que nesse método é selecionado um ou mais casos específicos para analisá-los profundamente, entendendo e destacando todos os detalhes e trazendo à tona o motivo pelo qual o mesmo é considerado um caso ou assunto importante.

O método estatístico possibilita analisar de forma aprofundada um determinado tema conhecido por sua complexidade e apresentá-lo de forma simplificada. (Marconi; Lakatos, 2005). Desse modo, pode-se compreender que o método estatístico facilita a análise de temas bastante complexos com maior clareza, se aproximando de uma técnica. O método foi criado por Adolphe Quetelet, e não é apenas uma simplificação numérica por possibilitar a análise de determinados problemas de forma apurada, onde os dados coletados geram conclusões qualitativas.

Posteriormente, o método tipológico consiste em uma técnica para a criação de tipos ideais que não encontram correspondência na realidade. Esse método é caracteristicamente parecido com o método comparativo, pois o mesmo visa realizar uma comparação entre fenômenos sociais que são complexos de serem compreendidos.(Marconi; Lakatos, 2005). Nesse sentido, o pesquisador realiza comparações entre determinados casos ou temas, e tece meios para compreender essas complexidades desses fenômenos sociais.

Já o método funcionalista, consiste em analisar todos os elementos que fazem parte de uma sociedade como integrantes de um corpo vivo, e além de ser uma pesquisa exploratória, também é relevante para compreender fenômenos complexos. Por fim, esse método nos mostra que a sociedade é constituída por parcelas diferenciadas, inter-relacionadas e independentes , e cada uma dessas parcelas realiza um papel importante na construção do todo. (Marconi; Lakatos, 2005).

Por fim, o método estruturalista, empregado por Claude Lévi-Strauss, possibilita elaborar uma estrutura abstrata que facilitará a compreensão do fenômeno em sua complexidade. De acordo com o exposto, segundo os autores Marconi; Lakatos (2005) esse método parte da investigação de um fenômeno concreto, vai até o nível abstrato e por fim retorna ao concreto. Em suma, podemos compreender nesse método, que a estrutura de um conjunto de relações é o determinante na explicação dos objetos psicossociais.

A partir de tudo o que foi apresentado, conclui-se que o presente trabalho aborda o método de procedimento monográfico ou estudo de caso, pois foi escolhido um assunto específico (a mulher como repórter de campo no jornalismo televisivo) para ser analisado de forma aprofundada, trazendo elementos e situações que destacam o quanto o assunto é atual e relevante, devendo ser discutido na sociedade, para que o respeito e os novos espaços sejam ainda mais conquistados daqui para frente.

5.4 A ENTREVISTA

A entrevista constitui uma parte importante do processo de pesquisa do presente trabalho, e está presente nas pesquisas quantitativas, abrangendo respostas de diversas pessoas que não são profissionais da área, porém gostam do esporte e acompanham as partidas e nas qualitativas, realizadas com mulheres que trabalham na área e podem falar com mais propriedade sobre o assunto, devido aos estudos e experiências diárias.

Segundo Marconi e Lakatos (2004), a entrevista é uma técnica de pesquisa que representa um dos instrumentos básicos para a coleta dos dados. Já para Gil (1999), ela é uma forma de interação social, um diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Ribeiro (2008, p.141) apresenta a entrevista como:

> A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores. (Ribeiro, 2008, p.141)

Sobre os objetivos de uma entrevista, Marconi e Lakatos (2003) destacam que o principal e o mais comum deles é a obtenção de informações do entrevistado sobre o assunto ou problema que está sendo debatido. Ainda, sobre a classificação da entrevista, de acordo

com Gil (1999), elas podem ser classificadas em: informais, focalizadas, por pautas e formalizadas.

O tipo de entrevista informal é o menos estruturado possível e só se diferencia da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados. Já a entrevista focalizada é livre de estruturação como a anterior, porém, evidencia um tema bem específico, permitindo que o entrevistado possa falar livremente sobre o assunto, mas necessitando do esforço do entrevistador para retomar o foco quando ele começa a se alterar.

A entrevista por pautas apresenta um grau maior de estruturação, já que é guiada mediante uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai abordar. Por último, a entrevista estruturada, ou formalizada, tem base em um roteiro fixo de perguntas, onde a ordem e o tipo de questão se mantém a mesma para todos os entrevistados.

Uma entrevista possui diversos atributos que podem colaborar para enriquecer ainda mais o trabalho de pesquisa, pois, através dela, é possível ter contato direto com fontes que vão fornecer informações importantes e relevantes para o assunto que está sendo debatido. Portanto, é possível compreender que a mesma tem uma grande capacidade de auxiliar na construção de uma narrativa com apropriação de conteúdos e com a qualificação de pessoas que falam com propriedade sobre determinado tema.

5.4.1 A importância da entrevista

A entrevista desempenha um papel importante em um trabalho de pesquisa, principalmente quando combinado com outras metodologias que ajudam a criar um embasamento teórico e explicações aprofundadas de autores sobre o que está sendo debatido. De acordo com Gil (1999), a entrevista é a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que existe na área de ciências sociais.

Esse método muitas vezes conta com opiniões de pessoas que já são experientes no assunto, apresentando diferentes pontos de vistas e qualificando a pesquisa e recepção de dados sobre o assunto debatido. Entrevistas se tornam fundamentais quando o pesquisador deseja mapear crenças e valores de esferas específicas onde não fica claro quais os meios devem ser utilizados para resolver determinados problemas. Quando uma entrevista é realizada, ela permite que o explorador tenha respostas aprofundadas, que contribuem para que situações sejam explicadas.

Com base nessa qualidade que a entrevista pode trazer para a pesquisa, Duarte (2011) defende a pesquisa em profundidade. Para ele, essa técnica qualitativa visa investigar o tema através do recebimento e da averiguação de informações e percepções de fontes que podem ser analisadas e apresentadas de forma estruturada, após todo o processo. As entrevistas em profundidade defendidas pelo autor são geralmente realizadas individualmente, mas também existe a possibilidade de realizá-las com outras pessoas.

Existem três tipos de estruturação de entrevista: não estruturadas, semiestruturadas e estruturadas. As não estruturadas não possuem nenhum roteiro pré-estabelecido, podendo ser reconhecido também como um simples bate-papo, com perguntas livres que mesmo não sendo projetadas anteriormente, ainda podem ser planejadas pelo entrevistador no momento da conversa. Já as semiestruturadas, são um meio-termo entre os outros dois formatos e são geralmente as mais utilizadas em projetos de pesquisa. Nesse caso, existe um roteiro pré-estabelecido por parte do entrevistador, mas dependendo do rumo que a entrevista tomar, é possível acrescentar novas perguntas, até mesmo complementos às respostas do entrevistado.

Por fim, a entrevista estruturada, como o próprio nome já expressa, é feita com um roteiro pré-estabelecido com perguntas definidas. Esse tipo de pesquisa pode aumentar ainda mais a qualidade das respostas, por fazer com que o entrevistado pense detalhadamente em cada palavra que vai falar.

Com base nisso, é possível compreender que o presente trabalho abordou pesquisas semiestruturadas, pois existe um roteiro pré-estabelecido, porém ele pode ser modificado ao longo da conversa, se adequando ao rumo que ela será conduzida.

5.4.1.1 Preparação para a entrevista semiestruturada

Para garantir o sucesso dos resultados que serão obtidos, é necessária uma preparação geral para a realização da entrevista. Antes de mais nada, é importante que o entrevistador tenha um contato inicial com o entrevistado, pois a partir desse contato, é possível alinhar todos os detalhes, como explicar a finalidade da pesquisa, e frisar a importância da colaboração da fonte no momento da realização da entrevista. É necessário também criar um ambiente saudável e confortável para a fonte, deixando em evidência a importância da mesma para a realização da pauta, para que ela se sinta preparada para falar sobre o assunto, trazendo aspectos relevantes.

Após esse contato inicial, o entrevistador deve pré-estabelecer um roteiro, com perguntas padronizadas e organizadas de acordo com o tipo de entrevista que está sendo realizada. (Marconi; Lakatos, 2003). Essa formulação de perguntas é parte fundamental da realização de uma entrevista, pois é através delas que o entrevistador conseguirá coletar as melhores informações. No caso da pesquisa semiestruturada que foi empregada neste trabalho, o roteiro é uma base, que pode ser modificada ao longo da conversa, a fim de aproveitar ganchos que o entrevistado possa trazer de assuntos que até então não haviam sido abordados na coleta de dados.

Durante a entrevista, todos os pontos devem ser anotados ou gravados, facilitando o pós-entrevista, onde será realizada a transcrição e a análise de tudo o que foi dito. Para a abordagem ser ainda mais completa, é indispensável que as palavras utilizadas pela fonte sejam anotadas fielmente, para não haver ruídos ou mudanças na fala ao trazer o que foi dito para o papel.

Ao final da entrevista, é de extrema importância que o entrevistador mantenha um relacionamento respeitoso e cordial a longo prazo com a fonte, pois caso as respostas obtidas não sejam suficientes para atender a demanda da pesquisa, o entrevistado não irá se opor a ceder novas respostas e ajudar novamente na coleta de dados. Por fim, é válido lembrar que a entrevista é extremamente importante e manter uma boa relação com as fontes pode ajudar a construir uma parceria de sucesso para novos projetos.

5.4.2 As entrevistadas

Para iniciar a projeção desta entrevista, se fez necessário definir quais as profissionais que seriam entrevistadas. Levando isso em consideração, foi constatada a importância de entrevistar diferentes perfis de mulheres que fazem parte do jornalismo esportivo, além de coletar informações de jornalistas de diferentes regiões do Brasil, a fim de compreender melhor sobre como a mulher é vista em cada uma das regiões entrevistadas.

Ao todo, quatro mulheres profissionais do esporte foram ouvidas, divididas entre as cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. Com esse conjunto de entrevistadas, é possível compreender de forma mais aprofundada sobre como é o trabalho da mulher tanto como repórter de campo quanto como setorista de clubes ou comentarista de esportes, nesse ambiente que até os dias atuais segue sendo dominado por homens.

As profissionais entrevistadas foram Jéssica Maldonado (Rio de Janeiro, Globo/SporTV), Carolina Freitas (Porto Alegre, Rádio Gaúcha), Letícia Marques (Rio de Janeiro, Globo/SporTV) e Bianca Molina (São Paulo, TNT Sports). Todas essas jornalistas atuam no objeto principal de análise deste estudo: a televisão, exceto Carolina Freitas, que atua na Rádio Gaúcha.

Antes de realizar qualquer tipo de entrevista é indispensável conhecer o entrevistado, montando uma breve linha sobre a história de cada um, sua formação e seu trabalho a fim de procurar ser assertivo e direto nas perguntas que serão realizadas no próximo passo. Por se tratarem de entrevistas em profundidade, semiestruturadas e qualitativas, as questões foram bem elaboradas para colher as mais qualificadas informações e dados. A partir disso, foram montados os pré-roteiros para as entrevistas, abrindo a possibilidade de ir adicionando novas perguntas ao longo das conversas.

Após a finalização de todas as entrevistas, iniciou-se o processo de transcrição e compreensão aprofundada dos dados que foram coletados. Nesta etapa todas as entrevistas foram escritas com as mesmas palavras que as jornalistas falaram, a fim de seguir fiel a tudo o que foi conversado e todas as informações apresentadas. Depois da realização desse processo, as respostas foram analisadas e ocorreu a procura de informações condizentes entre elas, ou seja, criou-se um paralelo entre todas as falas das entrevistadas a fim de encontrar pontos de semelhança que ligam uma à outra.

6. AS MULHERES JORNALISTAS ESPORTIVAS E REPÓRTERES DE CAMPO NOS CANAIS RBS TV E PREMIERE

6.1 HISTÓRIA DOS CANAIS

6.1.1 RBS TV

A RBS TV foi fundada por Maurício Sirotsky Sobrinho, no dia 29 de dezembro de 1962, quando entrou no ar a TV Gaúcha, canal 12 de Porto Alegre. Anos após, em 1967, a TV Gaúcha virou afiliada da Rede Globo e desde então, a maioria da programação passou a ser gerada pela emissora carioca. Desde os primórdios, a RBS TV se consolidou entre os gaúchos e sua trajetória é marcada por inúmeros desafios e superações que atualmente fazem dela a maior emissora de televisão do estado do Rio Grande do Sul.

De acordo com o site da emissora, poucos anos depois, em 1969, foram ao ar as primeiras emissoras de televisão do Grupo RBS no interior do Rio Grande do Sul: a TV Imembuí, de Santa Maria, e a TV Caxias, canal 8 de Caxias do Sul. A TV Tuiuti de Pelotas entrou no ar em 1972, mesmo ano em que estreou o principal programa da emissora, o Jornal do Almoço. Atualmente, o Grupo RBS conta com uma cobertura de 98,8% do Rio Grande do Sul, atingindo 497 municípios e mais de 11,1 milhões de telespectadores.

A emissora recebeu o nome de “RBS TV” no ano de 1979, quando lançou sua primeira emissora em Santa Catarina: a TV Catarinense, que posteriormente foi batizada como “RBS TV Florianópolis”, sendo vendida pelo grupo em 2016. Entre todos os marcos desta emissora, dois dos maiores símbolos do jornalismo da RBS TV surgiram no ano de 1983: o RBS Notícias que atualmente é transmitido à noite e o Bom Dia Rio Grande, o primeiro jornal do dia, ambos transmitidos para todo o estado.

Ainda na linha do tempo apresentada no site do canal no 24 de março de 1986, o fundador da RBS TV, Maurício Sirotsky Sobrinho, faleceu devido a uma parada cardíaca e Jayme Sirotsky assumiu a presidência da empresa. Nos anos seguintes, também passaram pela presidência da emissora Nelson Sirotsky, Eduardo Sirotsky Melzer e Claudio Toigo, que ampliaram o legado de pioneirismo de Maurício Sirotsky Sobrinho, consolidando a marca na liderança da comunicação no Rio Grande do Sul, produzindo jornalismo e entretenimento em rádio, televisão, jornal, plataformas digitais e eventos.

O primeiro programa esportivo da emissora foi o RBS Esporte, criado no ano de 2006, e transmitido todos os sábados às nove horas da manhã, era uma revista eletrônica onde todas as modalidades tinham espaço. Além dos atletas de destaque e das melhores competições, o

programa mostrava personagens que eram exemplo de esforço e dedicação, inspirando novos atletas a seguirem no ramo do esporte. A última edição do RBS Esporte foi ao ar no dia 27 de dezembro de 2014.

No dia 18 de outubro de 2008, a emissora adotou uma nova marca, criada por Hans Donner, em preparação para a chegada da TV digital, que ocorreu em 4 de novembro de 2008, quando a RBS TV Porto Alegre iniciou sua transmissão neste novo modelo. Conforme citado no site da própria emissora, na ocasião, o ministro das comunicações da época, Hélio Costa, esteve em Porto Alegre para assinar as autorizações e participar da cerimônia pública, dando início a nova fase da emissora. No dia seguinte, foi ao ar o primeiro programa produzido em alta definição: o Jornal do Almoço, que foi apresentado ao vivo do Mercado Público da capital.

Em 16 de dezembro de 2011, os portais G1 e globoesporte.com, da Globo, líderes em audiência nos segmentos de notícias e esporte no Brasil, passaram a contar com uma área dedicada exclusivamente às notícias esportivas do Rio Grande do Sul. No G1 RS, as pessoas podiam ter acesso às editorias geral, política, economia, polícia, educação, trânsito e cultura específicos do nosso estado. Já no globoesporte.com/RS, podiam ser encontrados bastidores da dupla Gre-Nal e dos principais times do interior, além de tabelas, blogs de comentaristas da RBS TV e conteúdos de vídeos de esporte do Estado.

Conforme os registros históricos presentes no site da emissora, entre os anos de 2013 e 2014, a emissora passou a exibir seus telejornais em HD, além de finalizar a primeira fase de expansão da TV Digital com 18 emissoras operando com a tecnologia. Atualmente, no auge dos seus 61 anos de existência, a RBS TV conta com afiliadas em 11 cidades gaúchas: Bagé, Caxias do Sul, Cruz Alta, Erechim, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santa Rosa e Uruguaiana, além da sede principal, em Porto Alegre.

A RBS TV vem se destacando pelas coberturas de grandes eventos que ocorrem no estado, no Brasil e no mundo e se atualiza constantemente para entregar a melhor qualidade de sinal e conteúdo para os telespectadores. Além disso, a emissora também vem conquistando seu espaço nas coberturas esportivas, trazendo emoção e o toque gaúcho para cada competição e partida disputadas.

6.1.2 Premiere

O Premiere, mantido pelos Canais Globo, foi fundado em 1997, sendo um canal de televisão pay-per-view[6] que transmite os principais Campeonatos Estaduais de futebol no Brasil, além do Campeonato Brasileiro das séries A e B. De acordo com o site da emissora, o canal também já recebeu diversas nomenclaturas. Entre os anos de 1997 e 2006, o canal era conhecido como Premiere Esportes, passando depois a se chamar Premiere Futebol Clube e, posteriormente, PFC. Já em 2011, o nome foi alterado para Premiere FC, e, em 2013, logo após a pausa do Campeonato Brasileiro para a Copa das Confederações, o canal reformulou sua marca, adotando apenas Premiere e o slogan "Futebol Clube".

Assim como diversos outros canais de televisão, o Premiere também passou por inúmeras mudanças ao longo de sua história. Por não ser um canal que transmite diariamente programas esportivos, trabalhando apenas com jogos ao vivo e reprises, ele se adaptou facilmente aos *streaming*s[7] o que trouxe a emissora ainda mais credibilidade e confiança de milhões de torcedores espalhados pelo Brasil e pelo mundo, que hoje podem acompanhar seu time do coração de qualquer lugar.

Conforme dados encontrados no site da emissora, a adaptação ocorreu no ano de 2018, quando o canal passou a ser comercializado sem necessidade de um plano de televisão por assinatura, algo que até então era muito comum. Neste mesmo ano, o Premiere passou a ser transmitido através do *globo.com* e, alguns anos depois, em 2021, junto ao *Globoplay*. Em junho do mesmo ano, ele passou a ser comercializado e transmitido dentro do P*rime Video,* onde até hoje transmite jogos exclusivos da Copa do Brasil para a *Prime Video* e a *Amazon*.

Atualmente, o Premiere é uma das maiores emissoras em pay-per-view de televisão dedicada exclusivamente às transmissões esportivas, com uma equipe preparada para levar ao telespectador a melhor experiência possível ao assistir um jogo, além de estar disponível para assistir em qualquer lugar.

6.2 MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO DA RBS TV

A RBS TV conta com um grupo de pelo menos 13 mulheres que participam das coberturas e programas esportivos da emissora, seja como repórter, apresentadora ou como produtora nos bastidores, fazendo tudo acontecer. Porém, nas reportagens esportivas e nos programas diários, como o Globo Esporte RS, o destaque fica para três grandes nomes da

[6] Tipo de canal com programação paga e específica, que oferece conteúdos exclusivos fora do guia de programação tradicional.
[7] Tecnologia de transmissão de conteúdos multimídia através da internet e sem necessidade de fazer download.

emissora: Alice Bastos Neves, Kelly Costa e Milena Acosta, são elas que mais aparecem na tela da RBS TV para falar e comentar sobre esportes.

Alice Bastos Neves é apresentadora do Globo Esporte RS, repórter de campo em alguns jogos da dupla Gre-Nal e da dupla Ca-Ju, cobriu duas Copas do Mundo, duas Olimpíadas e coleciona muitas histórias no esporte. Kelly Costa também é apresentadora do Globo Esporte RS, revezando com Alice, é repórter de campo em alguns jogos da dupla Gre-Nal e da dupla Ca-Ju e participou da cobertura da Copa do Mundo masculina de 2022 e da Copa do Mundo feminina de 2023. Já Milena Acosta é uma das jornalistas mais novas da RBS TV e atualmente participa como repórter de campo em alguns jogos da dupla Gre-Nal e da dupla Ca-Ju, além de fazer reportagens para o Globo Esporte RS.

Apesar destes três grandes nomes que se destacam na cobertura, o número de mulheres é inferior ao de homens na editoria de esportes da emissora. A equipe conta com um grupo ainda maior de homens que fazem parte das coberturas, entre editores, produtores, cinegrafistas, repórteres e narradores. Os principais nomes são Luciano Périco, Bruno Halpern, Maurício Saraiva, Mateus Trindade, Diogo Olivier, além de Rodrigo Cordeiro que cobre os esportes para a televisão na Serra. Outros grandes nomes também se destacam na Rádio Gaúcha, emissora ligada a RBS TV, como Pedro Ernesto Denardin, José Alberto Andrade, Marcelo De Bona e Rodrigo Oliveira.

As coberturas da emissora ocorrem de forma mais intensa no início das temporadas, quando ocorre o Campeonato Gaúcho, e, no restante do ano, aos domingos, junta-se à programação esportiva da Rede Globo, porém, sempre dando prioridade para a transmissão dos jogos dos times gaúchos caso haja no dia e horário. Os demais jogos dos times gaúchos, são transmitidos pelo SporTV e pelo Premiere, emissoras que também fazem parte do mesmo grupo da RBS TV, de acordo com o site do canal Premiere.

6.2.1 Análise da presença feminina em partidas exibidas pela RBS TV

Durante o semestre, foram analisadas diferentes partidas de futebol transmitidas pela emissora, a fim de estudar o número de homens e mulheres que participavam de cada cobertura e quais os cargos de cada um. Ao todo, foram analisados cinco jogos do Campeonato Gaúcho de 2024, o qual a emissora detém os direitos de transmissão, três do Campeonato Brasileiro e dois da Copa do Brasil, totalizando 10 jogos. Os confrontos analisados encontram-se no quadro abaixo:

Tabela 1: Análise da participação de mulheres nas coberturas esportivas da RBS TV

Data	Partida	Campeonato	Número de homens	Número de mulheres
09/03/24	Internacional x São Luiz	Campeonato Gaúcho 2024	2	1
17/03/24	Caxias x Grêmio	Campeonato Gaúcho 2024	2	1
25/03/24	Internacional x Juventude	Campeonato Gaúcho 2024	2	1
30/03/24	Grêmio x Juventude	Campeonato Gaúcho 2024	4	1
06/04/24	Grêmio x Juventude	Campeonato Gaúcho 2024	6	1
22/06/24	Grêmio x Internacional	Campeonato Brasileiro 2024	3	1
30/06/24	Grêmio x Fluminense	Campeonato Brasileiro 2024	3	0
07/07/24	Juventude x Grêmio	Campeonato Brasileiro 2024	3	1
31/07/24	Corinthians x Grêmio	Copa do Brasil 2024	4	0
07/08/24	Corinthians x Grêmio	Copa do Brasil 2024	3	0

Fonte: autora.

Na maioria dos jogos analisados, percebe-se a presença feminina, na reportagem de campo, na imagem das jornalistas Alice Bastos Neves, Kelly Costa e Milena Acosta. Porém, em todas as coberturas, pode-se observar que o número de homens segue em vantagem, não dando espaço para as mulheres serem o maior número na cobertura. O principal nome da narração na RBS TV é Luciano Périco que narrou 100% dos jogos analisados. Na reportagem, houve uma maior rotatividade, mas, mesmo assim, foi observado que o número de homens também é maior neste cargo.

A primeira partida analisada foi Internacional x São Luiz, no dia 09 de março de 2024, válida pelo Campeonato Gaúcho. Neste jogo, participaram da cobertura dois homens: Luciano Périco (narrador) e Maurício Saraiva (comentarista) e uma mulher: Kelly Costa (repórter de campo). Logo na primeira análise, é possível observar que os homens se encontram em vantagem na cobertura, mas, ainda assim, existe espaço para que mulheres possam se inserir e modificar positivamente o ambiente.

O segundo confronto analisado foi Caxias x Grêmio, no dia 17 de março de 2024, também válido pelo Campeonato Gaúcho. Neste jogo, também participaram da cobertura dois homens: Luciano Périco (narrador) e Maurício Saraiva (comentarista) e uma mulher: Alice

Bastos Neves (repórter de campo). Assim como o primeiro jogo analisado, este também reforçou a ideia que os homens são a maioria nas coberturas esportivas da emissora.

Já o terceiro foi Juventude x Internacional, no dia 25 de março de 2024, jogo válido pela semifinal do Campeonato Gaúcho, o qual classificou o Juventude para a final do campeonato, onde enfrentou o Grêmio, partida que será analisada em seguida. Nesta partida, novamente participaram da cobertura dois homens: Luciano Périco (narrador) e Maurício Saraiva (comentarista) e uma mulher: Kelly Costa (repórter de campo).

O quarto e o quinto confronto foram as finais do Campeonato Gaúcho, entre Grêmio x Juventude, que ocorreram nos dias 30 de março e 06 de abril de 2024. Os dois jogos tiveram uma estrutura maior de cobertura por se tratar de uma final, onde muitos lances ocorrem e o torcedor espera saber de todos os detalhes. No jogo do dia 30 de março, a equipe da RBS TV contou na cobertura com quatro homens: Luciano Périco (narrador), Maurício Saraiva (comentarista) Diogo Olivier (Comentarista), Rodrigo Cordeiro (repórter de campo) e duas mulheres: Kelly Costa (Repórter de Campo) e Alice Bastos Neves (repórter de campo).

Já para o jogo do dia 06 de abril, no qual foi consagrado o campeão gaúcho de 2024, a estrutura da emissora para a cobertura foi ainda maior, sendo escalada para o confronto com seis homens: Luciano Périco (narrador), Matheus Trindade (repórter de campo), Fernando Becker (repórter de campo), Maurício Saraiva (comentarista) , Diogo Olivier (comentarista) e Rodrigo Cordeiro (repórter de campo) e uma mulher: Kelly Costa (repórter de campo).

Mudando de campeonato, o sexto jogo analisado foi um Gre-Nal, o maior clássico gaúcho, que sempre mobiliza as emissoras locais para as coberturas e discussões. A partida, válida pela 11ª rodada do Campeonato Brasileiro, ocorreu no dia 22 de junho de 2024, e contou com três homens: Luciano Périco (narrador), Maurício Saraiva (comentarista) e Mateus Trindade (repórter de campo) e uma mulher: Milena Acosta (repórter de campo).

A sétima partida analisada foi entre Grêmio e Fluminense, que ocorreu no dia 30 de junho de 2024, também pelo Campeonato Brasileiro, na 13ª rodada. Este jogo foi o primeiro dos analisados a não contar com nenhuma mulher na cobertura pela RBS TV. Com isso, a equipe da emissora foi escalada apenas com três homens: Luciano Périco (narrador), Diogo Olivier (Comentarista) e Fernando Becker (repórter de campo).

O oitavo confronto foi Juventude x Grêmio, analisado no dia 07 de julho de 2024, válido pela 15ª rodada do Campeonato Brasileiro. Nesta partida, a equipe que realizou a

cobertura pela RBS TV foi de três homens: Luciano Périco (narrador), Maurício Saraiva (comentarista) e Rodrigo Cordeiro (repórter de campo) e uma mulher: Milena Acosta (repórter de campo).

Por fim, os últimos dois jogos analisados, foram as partidas entre Corinthians e Grêmio, válidas pelas oitavas de final da Copa do Brasil e que se realizaram nos dias 31 de julho de 2024 e 07 de agosto de 2024. As duas partidas contaram apenas com homens nas coberturas, e ocorreram ao mesmo tempo que as Olimpíadas de Paris, quando parte da equipe de esportes da RBS TV estava na França para fazer a cobertura.

No primeiro jogo, quatro homens fizeram a cobertura: Luciano Périco (narrador), Bruno Halper (repórter de campo), Caio Ribeiro (comentarista esportivo do SportTV/Globo) e Maurício Saraiva (comentarista). Já no segundo, três homens fizeram a cobertura: Luciano Périco (narrador), Maurício Saraiva (comentarista) e Fernando Becker (repórter de campo).

Com base nas análises, é perceptível que narradores e comentaristas são apenas homens na emissora e as mulheres participam na reportagem de campo, dividindo seu espaço também com homens. Mesmo que os espaços para elas ainda sejam menores, tanto na reportagem de campo como comentaristas ou narradoras, na RBS TV, o Globo Esporte RS, principal programa de debate e apresentação esportiva da emissora, é diariamente comandado por mulheres.

Como já mencionado anteriormente, o ingresso das mulheres no jornalismo esportivo e na reportagem de campo demorou a acontecer, porém, elas vem desempenhado um papel fundamental em um ambiente que historicamente foi dominado por homens. A presença feminina na beira do campo como repórter e nas cabines dos veículos, participando ativamente das coberturas esportivas, não apenas diversifica, mas também traz novas perspectivas e contribuições valiosas para o trabalho e também para o futebol, que ganha um destaque diferente a partir dos olhos femininos.

Algo muito forte percebido nas coberturas esportivas da RBS TV que contavam com a presença de mulheres é que elas ajudam a desafiar as antigas normas do esporte, além de ampliar a representação, contribuindo para uma cobertura mais equilibrada e abrangente, mesmo que na maioria das vezes, elas sejam o menor número. Por fim, é notável que a participação delas em campo, não apenas enriquece a cobertura dos eventos, mas também é um grande reflexo das mudanças sociais em direção à igualdade de gênero e à inclusão no jornalismo esportivo brasileiro.

6.3 MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO DO PREMIERE

O *Premiere* conta com um grupo de mais de 10 mulheres que participam das coberturas esportivas da emissora, seja como apresentadora, repórter, ou como produtora nos bastidores das transmissões. Por se tratar de um canal específico de futebol, também pertencente ao Grupo Globo, assim como a RBS TV, e só realizar a transmissão de jogos do Campeonato Brasileiro séries A e B, não contendo outros programas, o Premiere, muitas vezes, conta com profissionais de outras emissoras para auxiliar na cobertura.

Por exemplo, quando não existe a possibilidade de transmissão na RBS TV, o Premiere transmite os jogos e as emissoras trabalham em conjunto. Outra emissora de esporte pertencente ao Grupo é o SporTV, que algumas vezes também contribui na transmissão de jogos de futebol, apesar de se dedicar mais a outras transmissões, como os Jogos Olímpicos, que englobam diversas modalidades e exigem uma equipe específica apenas para as coberturas.

Os principais nomes femininos de destaque da emissora nas coberturas são Ana Thaís Matos (comentarista), Alline Calandrini (comentarista), Renata Silveira (1º narradora), Natália Lara (narradora), Raphaela Potter (repórter) e Karine Alves (repórter). Um ponto que merece destaque da emissora é que, apesar das mulheres serem em menor número, elas ocupam cargos iguais aos dos homens, inclusive como narradoras, cargo que vem sendo muito contestado, principalmente por homens.

As mulheres no cargo de repórteres de campo também são maioria nesta emissora, assim como na RBS TV, apesar das mulheres serem em menor número que os homens. Porém, no Premiere, dois nomes femininos se destacam na narração, algo que não é muito comum na maioria das emissoras. Renata Silveira, se destaca por ser a primeira mulher a narrar uma Copa do Mundo na TV Globo e também tem grande destaque nas narrações do Campeonato Brasileiro pelo Premiere. Porém, em uma entrevista concedida à “Revista 29” no ano de 2022, a narradora conta que tem orgulho de ser a pioneira, mas não gostaria que tivesse sido assim.

De acordo com a narradora, apesar do grande protagonismo conquistado por ela nas emissoras do Grupo Globo, o fato de poucas mulheres terem espaço no jornalismo esportivo nos dias atuais, mesmo com todas as mudanças e avanços, e a demora para as mulheres chegarem até aqui, a incomoda.

> Eu me sinto honrada pelo título de 'pioneira', mas eu nunca quis que fosse assim. É triste pensar que demorou tanto para estarmos aqui. Meu mais sincero desejo era que eu fosse apenas mais uma entre tantas mulheres que já tivessem conseguido alcançar esse espaço. Mas, enquanto ainda engatinhamos, creio que seja um marco crucial para desestruturar estigmas e preconceitos no esporte. (Renata Silveira; Revista 29, 2022)

As comentaristas esportivas mulheres também ganham espaço e força no Premiere. Conforme analisado nas partidas, a emissora conta com mais de uma comentarista que faz parte de diversas coberturas, trabalhando lado a lado com os homens da emissora e enfrentando os diversos percalços. De acordo com Meirelles (2022), estes impasses surgem pelo simples fato de serem mulheres nesse ambiente onde sofrem tanto preconceito.

Ainda, segundo Neto; Tanure; Andrade, “os estereótipos machistas estão tão arraigados culturalmente que por vezes não são percebidos por suas próprias vítimas”. Ou seja, as mulheres ainda são diminuídas por conta do pensamento machista de homens, muitas vezes de sua família e também de outras mulheres que não aceitam essa inserção feminina no jornalismo esportivo, além de sofrer com o sexismo, mesmo que às vezes não percebam.

Com base nos pontos citados pela narradora, e tantos outros dados existentes sobre a participação feminina no jornalismo esportivo, é possível compreender que os obstáculos enfrentados pelas mulheres são inúmeros e o caminho das mulheres não é fácil neste meio, pois são vistas como profissionais que não entendem de esportes e não podem opinar e participar deste contexto.

Mesmo com grandes nomes que se destacam nas coberturas, o número de mulheres no Premiere também é menor em relação aos homens da emissora. A equipe conta com um grupo mais robusto de homens que fazem parte das coberturas, entre editores, produtores, cinegrafistas, repórteres, comentaristas e narradores. Os principais nomes são Jader Rocha, Gustavo Villani, Paulo Andrade, Paulo Nunes, entre outros nomes de sucesso que se consolidaram na cobertura esportiva ao longo dos anos.

As coberturas esportivas no canal ocorrem durante todo o ano, transmitindo entre os meses de janeiro e abril os campeonatos estaduais e após, entre os meses de abril e dezembro, as séries A e B do Campeonato Brasileiro. Como já citado anteriormente, o Premiere trabalha em conjunto com outras emissoras do Grupo Globo como SporTV e RBS TV, e alterna os profissionais, dando espaço para que todos possam realizar coberturas.

6.3.1 Análise da presença feminina em partidas exibidas pelo Premiere

Assim como na RBS TV, durante o semestre, foram analisadas diferentes partidas de futebol transmitidas pelo Premiere, a fim de estudar o número de homens e mulheres que participavam de cada cobertura e quais os cargos de cada um, buscando uma análise mais profunda sobre as repórteres de campo mulheres que atuam na emissora. Ao todo, foram analisados sete jogos do Campeonato Brasileiro e três jogos das Olimpíadas de Paris 2024. Os confrontos analisados encontram-se no quadro abaixo:

Tabela 2: Análise da participação de mulheres nas coberturas esportivas do Premiere

Data	**Partida**	**Campeonato**	**Número de homens**	**Número de mulheres**
17/04/24	Fortaleza x Cruzeiro	Campeonato Brasileiro 2024	4	0
17/04/24	Flamengo x São Paulo	Campeonato Brasileiro 2024	2	2
20/04/24	Fluminense x Vasco	Campeonato Brasileiro 2024	3	1
04/05/24	Bragantino x Flamengo	Campeonato Brasileiro 2024	3	2
13/05/24	São Paulo x Fluminense	Campeonato Brasileiro 2024	4	1
23/06/24	Flamengo x Fluminense	Campeonato Brasileiro 2024	4	1
26/06/24	Bahia x Vasco	Campeonato Brasileiro 2024	3	1
24/07/24	Nigéria x Brasil	Jogos Olímpicos Paris 2024	0	4
03/08/24	França x Brasil	Jogos Olímpicos Paris 2024	0	4
06/08/24	Espanha x Brasil	Jogos Olímpicos Paris 2024	0	3

Fonte: autora.

As análises realizadas nas transmissões do Premiere foram um pouco além do que no caso da RBS TV. Enquanto na primeira emissora analisada as mulheres se faziam presentes nos jogos apenas como repórteres de campo, no Premiere é possível encontrar mulheres narradoras, comentaristas e repórteres. Mesmo sendo em um número menor que os homens, destacam os avanços conquistados pelas mulheres nos últimos anos, que as levaram a cargos de liderança e destaque, algo que não se via até pouco tempo atrás.

O primeiro jogo analisado foi Fortaleza x Cruzeiro, realizado no dia 17 de abril de 2024, válido pelo Campeonato Brasileiro. Na transmissão, participaram da cobertura quatro homens: Jader Rocha (narrador), Ramon Motta (comentarista), Eric Faria (comentarista) e

Lucas Catrib (repórter). Nesta partida, não foi identificada a presença feminina, mesmo que elas estejam na emissora trabalhando em diversos jogos.

Já a segunda partida analisada foi entre Flamengo x São Paulo, também no dia 17 de abril de 2024, válida pelo Campeonato Brasileiro. Diferente do primeiro jogo analisado, que contou com a presença de quatro homens e nenhuma mulher na cobertura, este teve um equilíbrio de gêneros, contando com dois homens: Luiz Carlos Júnior (narrador) e Grafite (comentarista) e duas mulheres: Renata Mendonça (comentarista) e Karine Alves (repórter).

A terceira partida analisada foi Fluminense x Vasco, no dia 20 de abril de 2024, também válida pelo Campeonato Brasileiro. Neste confronto, houve a presença de homens e mulheres na cobertura, porém, neste caso, foi notada uma presença maior de homens, totalizando três: Gustavo Villani (narrador), Ramon Motta (comentarista) e Lédio Carmona (comentarista) e uma mulher: Raphaela Potter (repórter).

O quarto jogo analisado foi Bragantino x Flamengo, válido pelo Campeonato Brasileiro, no dia 04 de maio de 2024. O confronto contou em sua transmissão pelo Premiere com uma equipe de três homens: Paulo Andrade (narrador), Lucas Rangel (repórter) e Renato Cury (repórter) e duas mulheres: Ana Thaís Matos (comentarista) e Alline Calandrini (comentarista).

Chegando na metade dos jogos analisados, o quinto foi o confronto entre São Paulo x Fluminense, no dia 13 de maio de 2024, válido também pelo Campeonato Brasileiro. Nesta transmissão, mais uma vez houve uma grande diferença entre o número de homens e mulheres. A equipe escalada para a partida contou com quatro homens: Paulo Andrade (narrador), Eric Faria (comentarista), Leonardo Lepri (repórter) e Victor La Regina (repórter) e uma mulher: Alline Calandrini (comentarista).

A sexta partida analisada foi o clássico carioca FlaFlu (Flamengo x Fluminense), no dia 23 de junho de 2024, válido pelo Campeonato Brasileiro, onde novamente foi percebido um número maior de homens na cobertura. A equipe que participou da transmissão do confronto contou com quatro homens: Paulo Andrade (narrador), Dodô (comentarista), Klauss Barbosa (repórter) e Ricardo Lay (repórter) e uma mulher: Renata Mendonça (comentarista).

O sétimo confronto analisado foi Bahia x Vasco, no dia 26 de junho de 2024, também válido pelo Campeonato Brasileiro. Nesta partida, a equipe do Premiere contou com uma

equipe mais parelha em relação aos gêneros, com três homens: Paulo Andrade (narrador), Danny Moraes (comentarista) e Dênis Medeiros (comentarista) e uma mulher: Karine Alves (repórter).

Como já mencionado anteriormente, os Jogos Olímpicos de Paris 2024 foram um marco histórico para a igualdade de gênero nos esportes, pois pela primeira vez, houve o mesmo número de homens e mulheres competindo. Além disso, para o Brasil, foi um avanço ainda mais significativo, pois pela primeira vez, a delegação brasileira viajou para participar dos jogos com mais mulheres do que homens.

Esses avanços não ficaram apenas para as delegações de atletas, e se estenderam também para as emissoras de televisão, que transformaram sua grade de programação e modificaram suas equipes para realizar a cobertura de todas as modalidades. Todos os jogos foram transmitidos pela Rede Globo, e contaram com a presença das mulheres do Premiere. Na cobertura dos jogos de futebol da seleção brasileira feminina, as transmissões foram realizadas apenas por mulheres, dando ainda mais significado para esse avanço e esse momento histórico vivido pelo país e pelos esportes.

Com base nisso, a oitava análise foi a partida de futebol feminino Nigéria x Brasil, no dia 24 de julho de 2024, nos Jogos Olímpicos Paris. O jogo foi transmitido pela Rede Globo, canal aberto, diferente do Premiere, porém, contou com as jornalistas da emissora que em outros momentos também já fizeram parte das coberturas da Globo. Este jogo contou com quatro mulheres: Natália Lara (narradora), Alline Calandrini (comentarista), Ana Thaís Matos (comentarista) e Karine Alves (repórter). Além das jornalistas, também participou da transmissão deste jogo a atleta do Flamengo, Cristiane Rozeira, como comentarista.

A nona partida analisada também foi do futebol feminino nas Olimpíadas de Paris, no dia 03 de agosto de 2024, onde Brasil x França se enfrentaram e participaram da cobertura novamente quatro mulheres: Natália Lara (narradora), Alline Calandrini (comentarista), Ana Thaís Matos (comentarista) e Karine Alves (repórter). Um importante ponto a ser destacado nesta e em todas as outras coberturas do futebol realizadas durante os Jogos Olímpicos, é que, diferente do que todos falam, as mulheres que comandaram as transmissões conseguiram manter um nível de excelência, dando destaque a todos os lances importantes das partidas.

O último jogo analisado foi Espanha x Brasil, no dia 06 de agosto de 2024. O jogo válido pela semifinal do futebol feminino das Olimpíadas de Paris foi bastante disputado e gerou uma transmissão envolvente e que conteve todos os detalhes, incluindo os bastidores.

Para essa cobertura, participaram quatro jornalistas mulheres do *Premiere*: Natália Lara (narradora), Alline Calandrini (comentarista), Ana Thaís Matos (comentarista) e Karine Alves (repórter). Além delas, participou novamente da transmissão a atleta do Flamengo, Cristiane Rozeira, como comentarista.

Em todos os jogos de futebol das Olimpíadas de Paris, a equipe de jornalistas do Premiere para a cobertura foi composta pelos mesmos nomes, e com jogadoras das delegações femininas de grandes clubes do Brasil que auxiliaram nos comentários, dando ênfase na parte técnica de cada partida. O protagonismo feminino foi essencial para manter o destaque dessas Olimpíadas, que se transformaram em um novo marco histórico das mulheres no esporte, onde, se tratando do Premiere, jornalistas homens participaram das coberturas, porém, nos bastidores e fizeram parte dos programas esportivos pós-jogo, para criação de um debate acerca do que aconteceu durante os noventa (ou mais) minutos.

O futebol feminino e as mulheres que se dedicam às coberturas esportivas, competindo nos espaços com homens, enfrentam historicamente barreiras culturais e preconceitos. As Olimpíadas de Paris 2024 vieram para destacar e celebrar o futebol feminino, além de dar ainda mais visibilidade para as jornalistas esportivas mulheres, que desempenham um papel importante seja nas cabines de transmissão como comentaristas e narradoras ou na beira do gramado como repórteres de campo.

Esses avanços, tanto no futebol quanto no jornalismo esportivo praticado por mulheres, ajudam a desafiar e mudar percepções preconceituosas e diferenças de gêneros nos esportes. Laís Milena em seu livro “Camisa 10: de torcedora a jornalista” destaca que grandes nomes femininos do jornalismo esportivo passaram por inúmeras dificuldades, porém, não desistiram, e atualmente dão força para outras mulheres conquistarem seus espaços.

A autora também destaca que ter a oportunidade de abrir jornais e revistas com o nome de mulheres nas editorias de esporte ou acompanhá-las na televisão e no rádio durante as coberturas, é algo significativo para uma mudança social de aceitação da figura feminina nesses espaços. (Laís Milena, 2020. p.68) Além disso, esses avanços mostram o quanto já foi conquistado, fazendo com que mulheres sejam reconhecidas e inspirem novas mulheres a estarem nestes espaços que já não são mais exclusivamente masculinos.

Segundo Laís Milena (2020, p.67):

> Com tantos dilemas e desafios, desde o surgimento da paixão de torcedora até se tornarem jornalistas, as mulheres precisam ter persistência para ingressar e se manter

> na área. [...] Porém, o desejo de trabalhar com aquilo que realmente gostam é maior. E ainda bem que elas não desistiram, foi graças a figuras como Renata Fan e Glenda Kozlowski que as estudantes de hoje acreditam que podem ser as jornalistas esportivas de amanhã. (Laís Milena, 2020, p.67).

A visibilidade proporcionada pelo crescente número de mulheres no jornalismo esportivo, percebida durante a análise dos jogos transmitidos pelo Premiere, inspira a nova geração de repórteres, comentaristas, narradoras e líderes na transmissão esportiva no Brasil. Além disso, mostra o caminho para que essas novas mulheres lutem pelos seus direitos e espaços, mostrando que uma mulher é, sim, capaz de realizar um trabalho de excelência nas coberturas esportivas.

7. ANÁLISE DE PESQUISA QUANTITATIVA

A pesquisa quantitativa é importante neste trabalho, pois ajuda a identificar padrões e tendências por meio de dados, permitindo uma melhor compreensão dos processos de aceitação da mulher como jornalista esportiva. A pesquisa foi aplicada mediante um formulário do Google, com 16 questões, que ajudaram a compreender as ideias e posições de pessoas que consomem conteúdo esportivo e também qual o nível de satisfação das pessoas com presença feminina nas coberturas esportivas, principalmente como repórter de campo.

A aplicação do formulário contribuiu para o estudo e entendimento de alguns estereótipos existentes quando se trata da mulher enquanto jornalista esportiva, na cobertura das competições de futebol feminino e masculino. Através dele, foi possível perceber que a cobertura feminina é aceita de uma forma melhor nos jogos femininos e sofre uma maior repressão nos jogos masculinos, porém, as dificuldades enfrentadas por elas neste meio existem nos dois casos e não devem ser esquecidas, necessitando de atenção especial para poderem ser resolvidas.

Para garantir uma favorável coleta de dados para análise, o questionário foi compartilhado por meio de redes sociais e e-mails, entre os dias 13 de agosto e 01 de setembro de 2024, e recebeu 111 respostas. Os resultados revelaram uma distribuição equilibrada entre os gêneros dos participantes, com 49,5% homens e 50,5% mulheres respondendo ao questionário. Esse equilíbrio entre as respostas é significativo e oferece *insights* consideráveis para a análise dos dados coletados, bem como para a interpretação dos resultados alcançados. Além disso, ajudou a compreender as perspectivas de homens e mulheres sobre um tema que para muitos ainda é polêmico.

Diferente do gênero, a idade dos participantes da pesquisa foi bastante diversificada. A faixa etária que mais respondeu, foi a de jovens entre 20 e 30 anos, com 36% das respostas, seguida das idades entre 30 e 40 anos com 17,1% e entre 40 e 50 anos com 16,2% das respostas. As faixas etárias que menos participaram da pesquisa foram entre 50 e 60 com 10,8%, 60 ou mais com 12,6% e menores de 20 anos com 7,2%. Essa diferença de idade também ajudou a compreender como cada faixa etária vê as mulheres nas coberturas esportivas.

Quanto ao grau de instrução das pessoas que responderam à pesquisa, 41,4% declararam ter ensino superior completo, 21,6% têm ensino superior incompleto, 15,3% têm ensino médio completo, 12,6% tem ensino fundamental incompleto, 7,2% ensino médio

incompleto e 1,8% ensino fundamental completo. Iniciando as questões sobre a participação das mulheres no jornalismo esportivo, 91,9% dos entrevistados disseram que apoiam as mulheres jornalistas esportivas, 6,3% não apoiam e 1,8% não souberam responder se apoiam ou não.

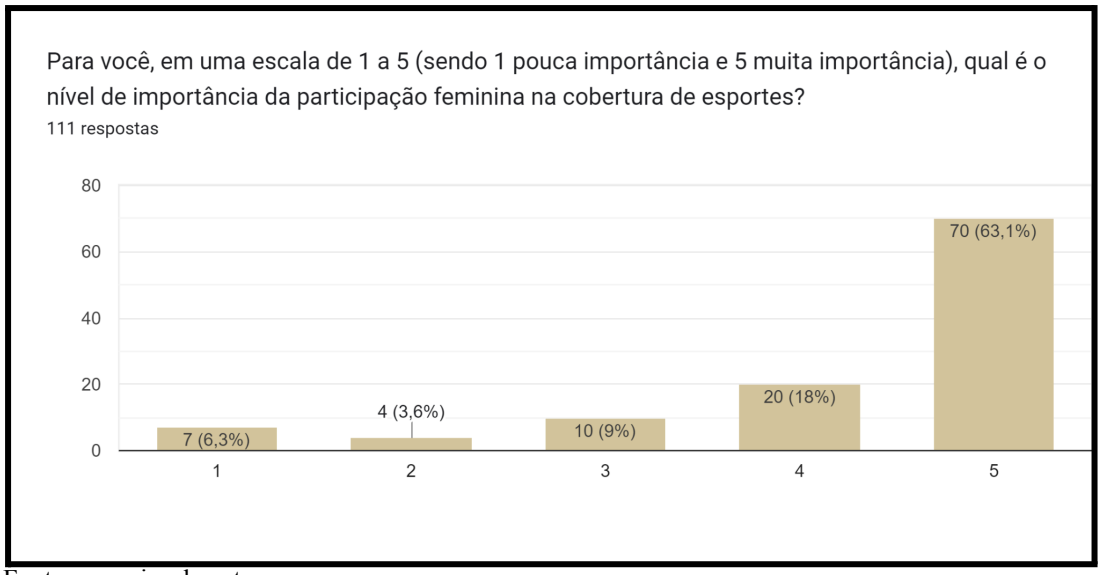
Quando questionados sobre suas percepções, a respeito do número de homens e mulheres nas redações e nas coberturas esportivas, 88,3% dos entrevistados afirmaram que apesar do crescimento significativo no número de mulheres nas redações e na cobertura de eventos esportivos, o número de homens ainda segue em vantagem, 7,2% não souberam responder e 4,5% afirmam que os homens não são a maioria nas coberturas, ou seja, percebem que existe um número igual ou parecido de homens e mulheres no jornalismo esportivo.

Ao serem indagados sobre a existência de uma diferença salarial significativa entre homens e mulheres enquanto jornalistas esportivos, 61,3% afirmaram que existe sim uma grande diferença, 33,3% não souberam responder e 5,4% acreditam que homens e mulheres recebem salários de forma igualitária, sem diferenças de gênero. Este resultado reflete uma alienação de parte dos respondentes desta pesquisa. Isso porque recentemente, uma pesquisa dos ministérios das Mulheres e do Trabalho e Emprego (MTE), afirmou que mulheres recebem 19,4% a menos que os homens em diversas profissões. Além disso, ainda de acordo com o levantamento do MTE, em cargos de dirigentes e gerentes, a diferença salarial pode chegar a 25,2%.

Diante de alguns situações de preconceito contra mulheres nas coberturas esportivas, principalmente de repórteres de campo, que estão mais próximas do público e, portanto, são alvos diretos não apenas nas redes sociais, mas também no exercício profissional, os entrevistados foram questionados sobre o gênero do (a) repórter (a). Nesta pergunta, 81,1% afirmaram que o gênero não interfere na qualidade da cobertura apresentada, 15,3% disseram que o gênero interfere e 3,6% não souberam responder.

Outra questão abordada na pesquisa foi a importância da participação feminina na cobertura esportiva, onde foi apresentada uma escala de 1 a 5, sendo 1 pouca importância e 5 muita importância. Sobre isso, 63,1% dos entrevistados classificaram como “muita importância” a participação da mulher na cobertura dos esportes e 18% acham que a importância é de grau 4. Já 9% afirmaram ser de grau 3 e 3,6% afirmaram que a importância é de grau 2. Ainda, 6,3% dos entrevistados afirmaram que existe “pouca importância” na presença feminina nas coberturas esportivas, conforme apresentado no gráfico abaixo.

Figura 1: Gráfico sobre a importância das mulheres na cobertura esportiva



Fonte: pesquisa da autora

Ao serem questionados sobre o incentivo das famílias e amigos das mulheres que gostam e querem se inserir no jornalismo esportivo, 72,1% dos entrevistados afirmaram que as mulheres são menos incentivadas pela família e amigos a trabalharem com esportes, 8,1% responderam que elas não são menos incentivadas e 19,8% não souberam responder.

Partindo para perguntas mais polêmicas e específicas, os respondentes da pesquisa foram questionados sobre suas percepções com a inserção de mulheres como narradoras, repórteres e comentaristas. Sobre a mulher como narradora, 53,2% disseram que não se importam com o gênero da profissional, 33,3% falaram que continuam assistindo uma transmissão quando a narradora é uma mulher e 13,5% afirmaram que trocam de canal, pois não gostam da narração feminina.

A respeito da mulher como repórter de campo, 52,3% dos entrevistados afirmaram que não se importam com o gênero da repórter, 36,9% continuam assistindo à transmissão, pois apoiam as mulheres repórteres de campo e 10,8% disseram que mudam de canal, pois não gostam da reportagem feminina. Em relação à mulher comentarista, 54,1% das pessoas disseram que não se importam com o gênero da comentarista, 35,1% afirmaram que continuam assistindo à transmissão e 10,8% responderam que trocam de canal, pois não gostam dos comentários de mulheres.

No momento em que foram indagados sobre a capacidade da mulher de ocupar um cargo de destaque nas coberturas esportivas, apresentando a mesma qualidade que as coberturas realizadas por homens, 87,4% dos entrevistados afirmaram que as mulheres tem

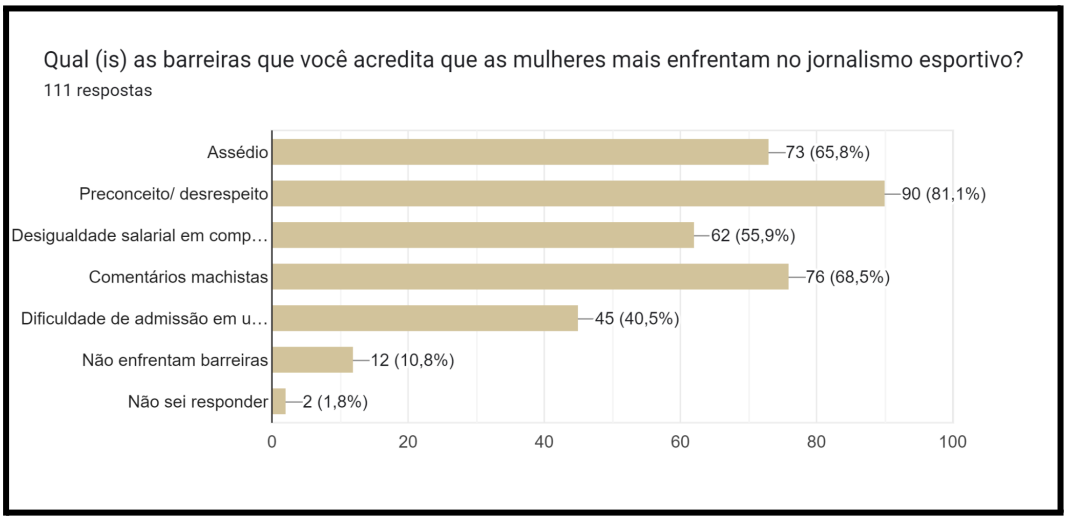
sim, a mesma capacidade que os homens, 9% disseram que elas não têm e 3,6% não souberam responder a esta pergunta.

Em relação à igualdade de gênero criada acerca da participação das mulheres na cobertura esportiva, 88,3% das pessoas afirmaram que a participação feminina nas coberturas é importante para a igualdade de gênero, 6,3% disseram que não e 5,4% não souberam responder à pergunta. Sobre o apoio a campanhas em prol das mulheres jornalistas esportivas, 78,4% afirmaram que apoiam, 2,7% disseram que não apoiam e 18,9% não souberam responder.

Para finalizar a pesquisa, a última pergunta foi sobre as barreiras que os entrevistados acreditam que as mulheres enfrentam no jornalismo esportivo. Nesta questão, os 111 respondentes poderiam selecionar mais de uma opção e os resultados foram variados. Dos resultados obtidos, 65,8% dos entrevistados responderam que as jornalistas esportivas sofrem com assédio, 81,1% afirmaram que elas sofrem com preconceito/desrespeito. Já 55,9% dos entrevistados disseram que elas sofrem com desigualdade salarial em comparação com os homens e 68,5% que sofrem com comentários machistas.

Além disso, 40,4% dos respondentes disseram que as mulheres sofrem com dificuldade de admissão em um veículo especializado em esportes, 10,8% acreditam que elas não enfrentam barreiras e 1,8% não souberam responder à pergunta, conforme apresentado no gráfico abaixo.

Figura 2: Gráfico sobre as barreiras enfrentadas pelas mulheres no jornalismo esportivo



Fonte: pesquisa da autora.

A pesquisa foi realizada visando compreender como as mulheres são vistas no universo do jornalismo esportivo, um campo historicamente dominado por homens. Utilizando uma abordagem quantitativa, já citada anteriormente, a pesquisa identificou as percepções da sociedade sobre o papel feminino no jornalismo esportivo e revelou que, apesar de um progresso significativo, a mulher ainda enfrenta desafios relacionados à sua presença neste espaço.

Muitas vezes, sua capacidade e suas habilidades são questionadas em comparação com seus colegas masculinos. No entanto, as respostas dos entrevistados mostraram uma crescente aceitação e reconhecimento da competência feminina no setor. Entre os desafios mais citados estão o preconceito e o desrespeito, os comentários machistas e o assédio que vem de diversas formas e atrapalham a realização do trabalho feminino.

De acordo com Pedroza (2017), o preconceito é só o primeiro dos inúmeros desafios que as mulheres enfrentam no ambiente de trabalho e aumenta significativamente ao ingressar em um meio predominantemente masculino como o esporte. Este ponto refletiu fortemente na pesquisa, sendo o tópico mais citado pelos entrevistados quando questionados sobre as principais barreiras enfrentadas pelas mulheres.

Com a pesquisa, é possível perceber que, embora ainda haja desafios significativos, a mulher como jornalista esportiva e repórter de campo está avançando e trazendo novas perspectivas de mercado profissional. Grande parte das pessoas demonstraram ser a favor da inclusão delas nas coberturas esportivas e apoiam que espaços como estes, sejam cada vez mais ocupados por mulheres, mesmo que uma porcentagem pequena ainda seja contra e mantenha uma posição de defesa em relação ao assunto.

Esta crescente aceitação, compreensão das dificuldades e reconhecimento do papel feminino, combinados com as suas conquistas, indicam uma mudança progressiva e positiva no setor, contribuindo para que novas mulheres se insiram neste ambiente ajudando a conscientizar o pequeno grupo que ainda é resistente sobre a qualidade dos conteúdos criados e transmitidos por mulheres.

8. PERSPECTIVAS, ROTINAS E DESAFIOS: ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE REPÓRTERES DE CAMPO

Neste capítulo, será apresentada uma análise de cada uma das 04 entrevistas realizadas com jornalistas esportivas, cujo objetivo é compreender as vivências, rotinas, desafios e perspectivas destas profissionais. As entrevistas contaram com repórteres de campo de grandes emissoras, sendo uma de Porto Alegre, uma de São Paulo e duas do Rio de Janeiro. Através dos relatos pessoais e experiências compartilhadas pelas profissionais, é possível perceber não apenas a dinâmica da profissão, mas também as questões de gênero, e os desafios enfrentados pelas mulheres que atuam com o esporte. Essa análise apoia-se na importância da voz feminina na cobertura esportiva e as consequências sociais e culturais dessa presença na mídia.

Como mencionado anteriormente no capítulo dois, durante todo o século XIX e metade do XX, as mulheres eram excluídas das redações esportivas, por serem consideradas incapazes de cobrir eventos esportivos. No entanto, algumas mulheres desafiaram essas percepções e abriram caminho para que outras pudessem criar coragem e correr atrás dos seus sonhos e seguissem o caminho do jornalismo esportivo.

As primeiras mulheres se arriscaram no jornalismo esportivo no início da década de 1970. Antes disso, segundo Coelho (2003, p. 34), era praticamente impossível ver mulheres no esporte. Porém, mesmo que atualmente ainda não tenhamos uma equidade de gêneros nas redações de esportes, o número de mulheres segue crescendo e elas vêm se destacando apesar de todos os desafios. Também citada anteriormente, Regiani Ritter foi uma das primeiras mulheres repórteres de campo da história e serviu como uma grande referência para outras mulheres deixarem suas marcas no jornalismo esportivo brasileiro, assim como todas as mulheres entrevistadas neste estudo.

8.1 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM JÉSSICA MALDONADO

A jornalista, repórter de campo e setorista do Botafogo pela Globo/ SporTV do Rio de Janeiro, Jéssica Maldonado, destacou em sua fala durante a entrevista concedida à pesquisadora, no dia 17 de setembro de 2024, que muitas outras mulheres no passado andaram para que as mulheres do presente pudessem correr. Jéssica, que também foi assessora de imprensa do Grêmio em Porto Alegre, durante 10 anos, relembrou seu início no clube. Ela ressaltou que entrou no Grêmio com muito brilho nos olhos e ficou assim por muito tempo, porque, com o passar dos anos, foi percebendo que poderia fazer coisas diferentes.

Jéssica Maldonado é bacharela em Jornalismo pela UniRitter e atuou entre 2012 e 2022 no Grêmio, de Porto Alegre, como assessora de comunicação, onde iniciou como estagiária. A jornalista considera sua passagem no clube como "uma escola", que serviu como base para os novos desafios de sua carreira. No Grêmio, atuou na Grêmio TV, Grêmio Rádio e na assessoria de imprensa da equipe feminina do Grêmio, a partir do ano de 2017, quando foi recriada a modalidade no clube. Em fevereiro de 2022, passou a fazer parte do time de esportes da Globo no Rio de Janeiro e no SporTV, onde após passar pela equipe de vídeos do ge.globo, se tornou repórter do site como setorista do Botafogo.

Ao ingressar como estagiária no clube, a jornalista não imaginava que teria uma passagem tão especial marcada por aprendizados constantes e desafios, mas afirma que nunca olhou muito para o lado de ser a única mulher na rádio do clube, por exemplo. Sobre os desafios da mulher que trabalha em um ambiente predominantemente masculino, a jornalista comentou que percebe situações de machismo e desrespeito com várias profissionais. Sobre isso, Maldonado (2024) [8]destaca:

> Eu nunca olhei para o fato de ser a única mulher na rádio e tive uma situação, em uma viagem para Chapecó, que fui a única mulher a viajar com a delegação[...] Claro que senti que tinha que provar mais em vários momentos, que a minha voz precisava ser mais firme e por vezes não me sentia ouvida [...] Sempre tentei fechar os meus olhos para isso e encarar de uma forma com que essas situações não me amedrontassem, muito pelo contrário, que isso fizesse eu me sentir cada vez mais empoderada para fazer meu trabalho, pois, à medida que eu olhasse para uma situação delicada que tivesse acontecido, poderia me desmotivar e tirar o brilho dos meus olhos. (Maldonado, 2024, informação verbal)

Apesar das dificuldades encontradas ao longo do caminho, a atual repórter de campo e setorista do Botafogo destacou que sua passagem pelo Grêmio foi fundamental para o seu desenvolvimento profissional, pois, durante os 10 anos que esteve atuando diretamente no clube, aprendeu lições valiosas que a ajudaram a superar os desafios e a realizar seu trabalho com excelência, o que a fez chegar ao Rio de Janeiro com uma bagagem que auxiliou na sua adaptação na emissora e também a lidar com situações adversas.

> Dessa minha trajetória enquanto mulher no jornalismo esportivo e no futebol, o que eu consigo tirar de saldo positivo disso tudo é a forma como eu lidei nessa caminhada. Muitas vezes não me enxergava em outras mulheres. É muito melhor trabalhar em pares e vendo que existem mais mulheres como, por exemplo, na área em que estou hoje [...] O meu grande triunfo nessa questão voltada para a mulher no jornalismo esportivo foi não olhar para essas adversidades que o machismo me impôs em alguns momentos. (Maldonado, 2024, informação verbal)

[8] Informação verbal: todas as citações relacionadas a Maldonado (2024) são oriundas de entrevista concedida à pesquisadora através da plataforma Google Meet no dia 17 de setembro de 2024.

Quando questionada sobre sua rotina como repórter de campo, a jornalista salientou em vários momentos que não existe uma rotina pré-estabelecida e seu trabalho é por escala, ou seja, sempre sabe se vai trabalhar ou não apenas um dia antes. Além disso, ela frisou que muitas vezes, mesmo estando fora do horário de trabalho, surgem demandas a partir de outras pessoas. Por esse motivo, a jornalista destaca também que muitas vezes não consegue desligar do trabalho, nem no horário de descanso, porque está sempre muito ligada e aproveita para coletar informações sempre que elas aparecem.

Sobre isso, Jéssica destacou que a área da reportagem requer relacionamento, com fontes, outros jornalistas e colegas de equipe. Segundo ela, o dia de um repórter de campo, mesmo quando não tem jogo, é bastante corrido e já inicia com relacionamento, a fim de receber informações sobre jogadores, torcida ou até mesmo dos bastidores do clube, principalmente em momento de tensão no vestiário.

> Essa área de reportagem, demanda muito relacionamento e eu acho que essa é a parte mais delicada, porque é a partir desse relacionamento que conseguimos informações e confirmações de informações que saíram em algum lugar para poder publicar no GE. Levamos isso muito em consideração, a questão da apuração e da credibilidade, trabalho para o maior portal de notícias do Brasil, então precisamos ter muita certeza daquilo que publicamos. (Maldonado, 2024, informação verbal)

Ao comentar sobre a preparação necessária para a cobertura de uma partida, a jornalista contou que inicialmente busca estudar ambos os times que vão se enfrentar, seus históricos na competição, como chegam física e taticamente para a partida e projeta uma provável escalação. Ao chegar no estádio no dia do jogo, a repórter recebe as delegações para sentir o clima entre os jogadores e a sua torcida, faz o reconhecimento do gramado e acompanha o aquecimento, onde é possível observar mais de perto como se encontra cada jogador, e confirma a escalação das duas equipes.

Segundo Maldonado (2024), durante o jogo, o trabalho da repórter é analisar cada lance cautelosamente, para comentar e poder compreender os pontos fortes e fracos de cada jogador e a forma como estão atuando em equipe. Ao finalizar a partida, a repórter participa da coletiva de imprensa e coleta as informações que não foi possível anteriormente, para realizar a análise do jogo e das atuações individuais dos jogadores, dando uma nota com base no que foi feito taticamente durante os noventa minutos de jogo.

Sobre as principais barreiras enfrentadas pelas mulheres trabalhando como repórteres de campo, a jornalista destaca que observa o machismo e a falta de oportunidades como os maiores desafios. Muitas pessoas duvidam da capacidade das mulheres de realizar uma cobertura esportiva por acreditarem que elas não entendem do assunto. Isso também pode ser

observado em algumas emissoras, que não oportunizam os mesmos espaços para homens e mulheres, muitas vezes por medo de repressão a respeito do sexo feminino fazer parte das equipes de esportes.

Mesmo com o preconceito muito forte e a dúvida de algumas pessoas e emissoras sobre a capacidade da mulher de cobrir esportes, Jéssica ainda destaca que, atualmente, com todos os avanços conquistados, muitas emissoras inserem mulheres em coberturas esportivas e oportunizam a elas experiência profissional, se desfazendo da ideia de que mulher não pode falar de futebol. Sobre isso, Maldonado (2024) ainda destaca que:

> Hoje, percebo que existem empresas que estão muito abertas a dar oportunidade para as mulheres de fazer, de certa forma, uma reparação e estão livres daquele pré-conceito de que são poucas mulheres que entendem de futebol. As empresas que ainda são fechadas para o assunto, precisam abrir um pouco mais a mente neste sentido de oportunizar que mais mulheres estejam ocupando estes espaços e que abram vagas especificamente buscando mulheres, onde a mulher não precise cobrir apenas o futebol feminino, e possa (deva) e precise estar no futebol masculino. (Maldonado, 2024, informação verbal)

A jornalista ainda destaca que na emissora onde atua já existe uma política de inserção de mulheres e de haver mais equidade em termos de número de mulheres trabalhando. Para ela, isso serve de exemplo, porque mesmo com a inserção das mulheres nas coberturas, a qualidade dos conteúdos apresentados ou a audiência da emissora não diminuiu, como era esperado pela maioria dos telespectadores. Segundo Maldonado (2024), devemos esquecer a ideia de que mulheres não têm capacidade. E enquanto elas não estiverem com força neste meio, os homens jamais vão conseguir normalizar.

> Quanto mais formos ocupando os espaços, mais isso será normalizado e cada vez menos precisaremos falar mais alto para a nossa voz ser de fato ouvida e as pessoas vão parar de nos interromper quando estamos dando uma opinião. Acredito que o principal desafio não está nas nossas mãos, está nas mãos de terceiros e não depende da gente. Talvez dependa de outras mulheres que estejam em cargos de gestão dentro de grandes empresas de comunicação, em assessorias de imprensa e dentro dos clubes de futebol, para que mulheres possam ser contratadas também para trabalhar em assessorias de imprensa de clubes, canais de futebol e produção de conteúdo digital, uma área que vem crescendo. (Maldonado, 2024, informação verbal)

Sobre as diferenças de tratamento entre homens e mulheres nas redações e coberturas esportivas nas emissoras, a jornalista confirmou que percebe uma grande diferença de tratamento entre os gêneros, mas também, uma melhora significativa nesse sentido, onde, cada vez menos essas situações irão acontecer. Maldonado (2024) também destaca que “ainda temos um longo caminho para percorrer e para ser resiliente, não absorvendo negativamente estas situações. Mas, devemos nos unir umas às outras e nos empoderarmos para podermos passar por isso juntas”.

Quando questionada sobre casos de assédio ou preconceito que já tenha sido alvo durante o exercício da profissão, Jéssica Maldonado destacou que tais atitudes vêm principalmente das torcidas. Segundo a jornalista, o machismo e o preconceito acontecem de forma velada e a pessoa, muitas vezes, nem se dá conta. Além disso, ela ainda destacou que o X, antigo Twitter, é a rede social mais utilizada por alguns jornalistas para compartilhar as informações. Nessa rede social ela já sofreu diversos abusos vindo de torcedores, que a criticavam por diversas coisas que ela fazia e até mesmo pelas roupas que vestia em eventos ou coberturas esportivas. Porém, ela busca maneiras de não se sentir atingida por isso, como, por exemplo, não conversar com torcedores ou dar plateia para atos machistas.

> Eu sei que tem muito jornalista que ama Twitter, e eu sou uma pessoa que a única ação no Twitter é publicar ou retweetar alguma matéria que eu fiz. Não fico trocando ideia com torcedor, não faço elogios e nem críticas, não curto e não comento nada, porque isso pode criar margem para falarem algo em algum momento ou para alguma discussão que eu não estou aberta a ter. [...] Em 2020, no aniversário do Grêmio que apresentei, eu recebi alguns tweets de pessoas falando de mim, da minha roupa, da minha bunda, falando da minha voz irritante e várias outras coisas. Esse já não é um lugar que eu gosto de estar, então eu busco me blindar para que isso não me atinja. (Maldonado, 2024, informação verbal)

A respeito das redes sociais, a jornalista complementa que o espaço é ainda mais propício para acontecerem atos de desrespeito e machismo, pois cada pessoa fala e publica o que quer, sem pensar nas consequências. Porém, segundo ela, é importante que todas as mulheres, jornalistas esportivas ou não, que sofrem com esse tipo de preconceito nas redes sociais, encontrem maneiras para se blindar desses ataques, para que isso não passe a afetar seus dias e suas rotinas. Neste sentido, ela também enfatiza que jamais deixaria alguém, com más intenções, destruir a sua caminhada como jornalista.

> Já bloqueei muitas pessoas que vêm tentando me colocar para baixo por algum motivo ou até mesmo que fazem comentários de cunho sexual. Então, esse assédio vem principalmente dos torcedores e, por isso, nem olho muito para o que escrevem, só bloqueio e sigo minha vida. Já foram várias situações. Mas nunca me permiti ser engolida por aquela situação e acreditar que uma pessoa que nem me conhece, não conhece a minha trajetória, a minha caminhada, o que eu lutei para estar aqui, quantas vezes eu deixei de brincar na rua com as minhas amigas porque eu queria ficar dentro de casa assistindo um jogo de futebol, pudesse me destruir. (Maldonado, 2024, informação verbal)

Em relação ao apoio da família e dos amigos quando ela decidiu ser jornalista esportiva, Maldonado (2024) conta que sempre foi incentivada por toda a família e pelo círculo de amizades a seguir o sonho de trabalhar com futebol. Segundo ela, desde criança, tanto o pai quanto a mãe gostavam de futebol e a incentivaram quando ela queria jogar futebol ou quando queria assistir a um jogo no estádio. Sobre o jornalismo, Jéssica conta que não necessariamente pensava nesta área, mas seus pensamentos de querer trabalhar com o futebol

a levaram para este caminho: “não pensava em fazer necessariamente jornalismo, mas percebi que jornalismo é estar onde as coisas estão acontecendo e isso poderia se encaixar no futebol. Então, foi algo que me chamou atenção e decidi fazer vestibular para jornalismo”, comenta Jéssica.

Ainda sobre esse apoio, Maldonado (2024), destaca:

> Ninguém nunca me colocou para baixo. Eu venho de uma família em que fui a segunda pessoa a ter uma graduação. Nasci em Rosário do Sul e a minha família é toda de lá, do interior do Rio Grande do Sul, e eu tinha seis meses quando meus pais saíram de Rosário do Sul para tentar a vida na cidade grande. Minha família toda é muito humilde, nunca me faltou nada, digo humilde porque ninguém tinha instrução acadêmica. Quando eu decidi fazer faculdade, conversei com a minha mãe e disse que a minha vontade sempre foi de trabalhar com o futebol. (Maldonado, 2024, informação verbal)

Sobre o que falta nas emissoras de televisão e rádio para que homens e mulheres recebam as mesmas oportunidades na cobertura esportiva, Jessica destacou que as emissoras precisam oportunizar que mais mulheres possam se inserir neste meio, além de abrir espaço para essas novas mulheres que se interessam em trabalhar com esportes. Para ela, cabe a gestão e os responsáveis pela contratação dos profissionais se conscientizarem de que as mulheres merecem conquistar seus espaços, nesse universo que já não é mais 100% masculino.

> A mulher precisa estar na linha de frente e precisa ter igualdade, a equidade a gente não vai atingir amanhã ou depois de amanhã. Para chegar a isso, ainda temos um caminho a ser percorrido, mas à medida em que vão surgindo novas mulheres no jornalismo, percebemos que é possível, que podemos ser umas como as outras e seguir os mesmos caminhos. É questão de representatividade. Estamos no caminho certo para que isso aconteça, mas na parte das empresas é necessário criar projetos voltados para mulheres, assim como vimos da ESPN há um tempo atrás que buscou uma voz feminina para narrar determinado jogo, não apenas femininos, mas também masculinos. (Maldonado, 2024, informação verbal).

Sobre a formação acadêmica, Jéssica destacou que ela é essencial, pois na faculdade é possível ter uma base importante para exercer a profissão. Segundo a jornalista, ninguém sem uma formação, exceto comentaristas que tem propriedade para falar sobre os assuntos, consegue fazer a função. Porém, ela frisa que a experiência é vivida no dia a dia que ensina a lidar com os mais variados desafios que ocorrem na vida de um jornalista. As teorias, aprendidas durante a formação, contribuem para o aperfeiçoamento.

8.2 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM CAROLINA FREITAS

A jornalista e repórter de futebol feminino da Rádio Gaúcha, do Grupo RBS de Porto Alegre, Carolina Freitas, destacou em sua fala durante a entrevista concedida à pesquisadora, no dia 20 de setembro de 2024, que a rotina de uma repórter de campo é bastante movimentada e os desafios enfrentados são diversos, principalmente quando se fala de equidade de gêneros e o machismo enfrentado pelas profissionais enquanto estão trabalhando.

Carolina Freitas é bacharela em Jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Foi estagiária da Frispit, Rádio da universidade. Após, Carolina trabalhou na Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL) de Caxias do Sul. Em 2019 foi selecionada para o Grupo RBS e ingressou como estagiária da Rádio Gaúcha Serra, onde atuou como produtora do Chamada Geral e do Gaúcha Hoje. Em seguida, foi transferida para a editoria de Esportes, onde produzia o Show dos Esportes ainda como estagiária. Ao encerrar o estágio, trabalhou como freelancer em Porto Alegre durante os Jogos Olímpicos, como produtora da Gaúcha, e logo após foi efetivada como editora digital em GZH. Atualmente, Carolina é repórter de futebol feminino em GZH.

Assim como a repórter Jéssica Maldonado, Carolina Freitas destaca que os principais atos de desrespeito contra ela, vêm de torcedores e chegam através das redes sociais, onde são inúmeras as mensagens ofensivas recebidas por ela. Outro ponto em comum entre as duas jornalistas é o fato do machismo velado nas redações, para ambas, isso acontece de forma tão discreta, que por vezes, não é percebido pelas mulheres.

Sobre sua rotina como repórter na redação e na rádio, Carolina Freitas destaca que trabalha seis dias por semana e folga um dia, sendo essa folga geralmente nos finais de semana. Em períodos sem jogos femininos pelas competições, seu dia a dia é baseado em buscar informações, descobrir para onde vão as atletas, falar com empresário e realizar a apuração das informações coletadas. Além disso, a jornalista conta também, que usa este período mais tranquilo para criar episódios especiais do podcast “Resenha das Gurias”, com entrevistas exclusivas e temas mais elaborados, pois na temporada de jogos, não sobra muito tempo para fazer esses especiais.

Já nos períodos em que estão acontecendo os jogos, ocorre a transmissão de clássicos Gre-Nais e decisões pela Rádio Gaúcha e o trabalho se intensifica um pouco mais. Nesse período, Freitas (2024)[9], conta que passa mais tempo nos estádios, fazendo a crônica das partidas, texto que vai para o site e para o jornal impresso. Ela também grava boletins na

[9] Informação verbal: todas as citações relacionadas a Freitas (2024) são oriundas de entrevista concedida à pesquisadora através da plataforma Google Meet no dia 20 de setembro de 2024.

rádio, onde o futebol feminino entra em três programas: o “Hoje nos esportes”, o “Show dos esportes” e o “Esporte e Cia”. Freitas (2024), ainda destaca que no seu dia a dia entra ao vivo o “Hoje nos esportes” e grava para os outros programas.

Além da cobertura do futebol feminino, Freitas (2024) conta que participa semanalmente, nas terças-feiras, do “Bola nas Costas”, programa de uma hora que fala sobre esportes de uma forma geral. Sobre a preparação necessária para a cobertura de uma partida, a jornalista destaca que geralmente realiza a cobertura do jogo para o site e as informações que são necessárias, já são construídas durante a semana nas matérias que vão sendo feitas.

Sobre isso, Freitas (2024), complementa:

> Todo jogo feminino que tem, sempre fazemos o serviço para o site. Por exemplo, tem Gre-Nal pelo Gauchão feminino, Grêmio e Internacional: onde assistir, escalações e como chegam. Com este material que fazemos já estamos preparados pela cobertura e eu, particularmente, sou muito metódica, então tenho uma tabela de organização de todos os gaúchos que disputam competições nacionais. Tenho do Inter, do Grêmio, do Juventude e do Brasil de Farroupilha, e eu atualizo isso depois de todos os jogos com todos os números, quem tem mais partidas, mais gols, quais foram as maiores goleadas, quais foram as maiores derrotas, assistências, cartões amarelos, tudo que possa me ajudar. (Freitas, 2024, informação verbal)

Quando o jogo é transmitido pela rádio, de acordo com Freitas (2024), a dinâmica é diferente e exige um maior cuidado com as informações. Diferente do que ocorre com as matérias publicadas no site, que existe um tempo para pesquisar informações desconhecidas para a jornalista, na rádio, tudo é instantâneo e as respostas e informações precisam estar prontas na hora que forem solicitadas. Para isso, a jornalista destaca algumas de suas ações para conseguir apresentar o conteúdo da melhor forma possível estando ao vivo:

> Geralmente, transmitimos na rádio apenas os Gre-Nais e as decisões, então, eu tenho um arquivo no drive, onde estão os nomes de todas as atletas dos elencos da dupla Gre-Nal e todas as informações necessárias sobre elas. Então, por exemplo: a Mari, goleira do Inter, ela já foi convocada para a seleção no mês tal pela Pia, disputou tantos jogos, sofreu tal lesão, no mês tal, antes vir por Inter ela participou de tal e tal coisa, a família dela é tal e tal coisa, então são informações mais complementares. Porque, ao longo da partida que estamos transmitindo, alguém foi destaque e é alguém que não é costumeiramente destaque e se é alguém que surpreende neste sentido, às vezes não temos essas informações na cabeça. (Freitas, 2024, informação verbal)

Sobre as principais barreiras enfrentadas por uma mulher no jornalismo esportivo, Freitas (2024) destaca o machismo como a principal. Para a jornalista, atualmente o número de mulheres nas redações de esporte vem aumentando, porém, continua muito longe do ideal e isso acaba gerando alguns tipos de machismo, justamente por ter mais homens nas coberturas. Segundo ela, outra relação delicada nas coberturas é a das jornalistas com os jogadores.

Muitas vezes, segundo Freitas (2024), eles acabam interpretando situações de forma diferente do que realmente é e, por isso, ela não abre espaço para os jogadores poderem falar algo de cunho machista. Um exemplo disso, é que a jornalista não segue nenhum jogador em redes sociais, nem mesmo os jogadores do time pelo qual torce.

> Quando eu trabalhava no Pioneiro, os guris seguiam todos os jogadores nas redes sociais e eu não seguia nenhum. Um dia me perguntaram o porquê de eu não seguir nenhum, sendo que isso iria me ajudar com informação e aí eu disse que não seguia porque se eu começasse a seguir todos os atletas, eles iriam se achar no direito, na liberdade de vir dar em cima de mim, por acreditarem que isso era uma brecha. Nem do próprio Juventude eu sigo os jogadores. Sei que isso é algo que não é culpa minha, mas sim deles de terem esse pensamento. Mas não tem como eu acabar com isso, então para me preservar, eu não faço. Não sigo porque não quero ter esse desgaste a mais. (Freitas, 2024, informação verbal)

Ainda em relação ao preconceito, a jornalista frisa que nunca aconteceu de algum torcedor ir para cima dela presencialmente com alguma situação. A jornalista associa isso ao fato de trabalhar com futebol feminino e não ter esse tipo de situações com atletas também. Quando questionada sobre o tratamento entre homens e mulheres nas redações e coberturas esportivas, Freitas (2024) destaca que percebe uma grande diferença e que, muitas vezes, isso fica mascarado pelo fato de que um homem tem mais experiência que as mulheres da redação.

A jornalista ainda destaca que, frequentemente, homens são enviados para as coberturas esportivas por terem mais experiência, não dando espaço para colegas mais novos que buscam também aprender. E isso, na visão de Freitas (2024), não ocorre apenas com as mulheres, homens mais novos na redação se sentem excluídos e acabam desanimando por não terem as mesmas oportunidades que os veteranos.

> Até tem uma situação nesse caso da Copa do Mundo feminina, que tivemos no ano passado, porque as pessoas que acompanham futebol feminino direto lá na firma somos eu e a Valéria, e a pessoa que foi para fazer a cobertura foi o Rodrigo Oliveira que é muito competente, é a pessoa que mais fala idiomas na empresa e que mais viajou para coberturas deste gabarito, e ele estudou muito, fez uma planilha imensa com arquivos de Copa do Mundo feminina, foi preparadíssimo e isso não entra em critério para mim. O que entra em critério é o fato de que ele é uma pessoa que não acompanha o futebol feminino, e para a empresa compensava mais mandar um homem que está há mais tempo fazendo isso do que apostar em outra pessoa. [...] E nisso a gente entra em um processo que também tem alguns colegas homens mais jovens que falam a mesma coisa, acham que nunca vão ir para um Jogo Olímpico porque não tem experiência e a empresa nunca vai proporcionar isso. (Freitas, 2024, informação verbal)

A respeito de ter sofrido algum preconceito ou assédio vindo de torcedores, ou de alguém dos clubes de futebol, Freitas (2024) destaca que pessoalmente nunca viveu situações de desrespeito. Porém, pelas redes sociais, seguidamente a jornalista é atacada por torcedores que a criticam por diversas coisas. Segundo a jornalista, o simples fato dela ser mulher e estar

falando de futebol, já gera um certo desconforto em homens que não gostam da presença feminina nesta área e ainda tem um pensamento muito ultrapassado de que mulher não entende de futebol e não deve falar sobre.

> Já fui questionada por uma menina que torce para o Juventude sobre como que aguento o *hate* e eu disse que eu lido com ele, não lendo o que me enviam. Na primeira vez que participei do Bola, fui ler a live do programa e da minha voz ao que eu entendia de futebol era tudo de pior que tinha e eu internalizei aquilo e fiquei muito mal. Depois disso, comecei a pensar no que eu ganho ouvindo isso, qual o ponto positivo que eu vou ter para a minha vida se eu parar meia hora do meu dia, abrir uma live e ficar lendo só as pessoas me xingando. Então, a partir daquele momento, desativei as notificações do Twitter, do Instagram e deixei apenas o WhatsApp, apenas por trabalho. Nunca mais li mais nada, mas sei que sempre tem gente me xingando, tem uns que até assediam nas redes sociais. (Freitas, 2024, informação verbal)

Ademais, a jornalista ainda destaca que, muitas vezes, os conflitos de opiniões não ocorrem porque a mulher não entende sobre futebol, mas sim, porque os homens não aceitam a participação delas neste meio e sempre vão acabar discordando dela como pessoa, mesmo que a mulher esteja correta na informação que está passando. Já sobre o apoio e incentivo da família quando decidiu trabalhar como jornalista esportiva, Freitas (2024) conta que todos a incentivaram muito e sempre torceram para que tudo desse certo.

Quando questionada sobre o que falta dentro das emissoras de televisão e rádio para que homens e mulheres recebam as mesmas oportunidades na cobertura esportiva, Freitas (2024) diz que falta uma evolução como sociedade, pois sempre que vemos uma mulher em uma posição que a sociedade só está acostumada a ver homens, ouvimos questionamentos a respeito do que ela fez para estar ali. Para a jornalista, existem muitas profissionais capacitadas para ocuparem estes cargos e cabe ao profissional que está selecionando, fazer o trabalho dele bem feito e não colocar a mulher nesses cargos apenas para ter cota.

> Precisamos evoluir como sociedade nesse sentido de as pessoas entenderem que não é só pelo número ou só porque a sociedade cobra, por estarmos em 2024 e ainda nas redações esportivas ter mais homens. Tanto é que se tu perguntar para alguma mulher que trabalha na imprensa de Porto Alegre, ela sabe o nome de todas as mulheres que trabalham nos jogos, porque são poucas. Então, acho que o ponto um é esse, as pessoas que contratam entenderem que não é só por número, que é por capacitação também e a gente tem muitas mulheres capacitadas para isso. E o segundo ponto é esse sentido de a sociedade parar e evoluir, e eu acredito que isso só vai acontecer na próxima geração, porque é um pensamento muito retrógrado no sentido de tudo que envolve a mulher. (Freitas, 2024, informação verbal)

Ainda sobre essa questão, Freitas (2024) comenta que por conta desses preconceitos e julgamentos, a mulher precisa provar em todos os jogos e todos os dias que ela é boa no que faz, que entende de futebol e está preparada para assumir as coberturas. Além disso, a

jornalista ainda destaca que o erro de uma mulher em uma cobertura, pesa infinitamente mais que o erro de um homem, porque eles não são julgados por errar, mas uma mulher sim. Ademais, Freitas (2024) ainda comenta que a sociedade precisa evoluir muito, inclusive a cabeça das próprias mulheres que ficam procurando erro em outra mulher para provar que é mais capacitada que ela.

> Infelizmente vivemos em pleno 2024, em uma sociedade que ainda é muito machista e que acha que a mulher precisa provar que é boa a cada jogo. Então, um erro de uma mulher vale 20 vezes mais que o erro de um homem e ela precisa provar a cada jogo que está capacitada para estar ali. E nessa sociedade também a mulher não pode errar nunca. Isso era algo que me assustava muito quando eu ia fazer transmissão de rádio, um erro meu ao vivo, teria o peso 60 vezes maior do que o erro de um colega homem e isso me preocupava muito. Agora eu já lido melhor com isso, sei que em algum momento eu vou errar e tá tudo bem, não posso me levar na onda dessa galera que está louca para que eu cometa um erro, para poder comprovar a tese de que mulher não tem que estar ali. (Freitas, 2024, informação verbal)

A respeito de como a formação acadêmica pode contribuir para a superação do preconceito em relação à mulher na cobertura esportiva, a resposta de Freitas (2024) vai ao encontro da resposta de Maldonado (2024). As duas jornalistas destacaram que a faculdade traz muita bagagem de teoria, mas apenas a prática que ensina realmente como trabalhar e fazer o jornalismo construindo credibilidade. Segundo Freitas (2024), na faculdade aprendemos que as coisas são muito quadradinhas e perfeitinhas, já na realidade, as coisas são muito diferentes.

> Se tu vai fazer um programa ao vivo, é tudo atropelado, não tem a lauda com quatro linhas e duas barras para decretar o final do que tu vai falar e se vai começar uma fala nova tem que dar página nova. Isso não acontece. E eu lembro que o primeiro roteiro que eu fui fazer do "Notícia na hora certa", da Gaúcha Serra, já me ensinaram que na graduação o roteiro é todo em caixa alta e coloca o ponto e as barras, mas na realidade é tudo diferente. Então eu acho que o que eu aprendi de jornalismo eu aprendi na vida. Tanto é que hoje, quando vou dar um boletim na rádio, eu não uso lauda nenhuma, uso só a minha cabeça e é um negócio que tu vai aprender, porque precisa ganhar confiança com o passar do tempo. E essa confiança não tem como aprender na faculdade. Aprendemos com a experiência. (Freitas, 2024, informação verbal)

Ademais, a jornalista ainda destaca que se sente privilegiada por estar em uma redação onde todos são acessíveis e é possível conversar e pedir opiniões, sem ter medo de repressão, porque todos trabalham para entregar os melhores conteúdos enquanto equipe. De acordo com Freitas (2024), essa confiança em si e nos outros, é conquistada com o passar do tempo e não tem uma receita mágica que a faculdade passa para que tudo dê certo.

8.3 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM LETÍCIA MARQUES

A jornalista, repórter de campo e setorista do Flamengo na Rede Globo e no SporTV do Rio de Janeiro, Letícia Marques salientou em sua fala durante a entrevista concedida à pesquisadora, no dia 04 de outubro de 2024, que uma repórter de campo não tem rotina pré-definida, e que na emissora onde atua, a chefia visa dar as mesmas oportunidades para homens e mulheres, mesmo que isso desagrade alguns telespectadores, pois o canal entende que as mulheres vêm conquistando cada vez mais seus espaços e apresentando trabalhos e conteúdos de excelência.

Letícia Marques é bacharela em Jornalismo pela Facha - Faculdades Integradas Hélio Alonso, focada apenas em comunicação social, no Rio de Janeiro, e realizou um intercâmbio de seis meses nos Estados Unidos, cursando Língua Inglesa. Letícia atuou na Fox Sports como estagiária entre os anos de 2018 e 2020, onde trabalhou como produtora de programas da emissora e coordenadora de repórteres. Em março de 2020, a jornalista passou a integrar também o Blog do Fla, mídia alternativa que fala apenas do Flamengo, onde escrevia a respeito do time e tudo o que acontecia nos bastidores, onde se segmentou como setorista e ficou até junho de 2022.

Ainda no mesmo ano, Letícia passou a integrar a redação do UOL, como setorista do Flamengo. Em paralelo ao trabalho no UOL, ela também realizava lives no YouTube para outro canal. Três meses após, Letícia foi contratada pela Globo, onde seguiu seu trabalho de setorista do Flamengo e atua até hoje.

Assim como as repórteres Jéssica Maldonado e Carolina Freitas, Letícia Marques frisa que sabe da sua escala de trabalho sempre um dia antes e que os principais atos de desrespeito contra ela vêm através das redes sociais e das transmissões que faz parte. Outro ponto abordado pelas três profissionais é o amor pela profissão, que vai muito além de *status* ou uma simples vontade. Todas elas sabiam onde gostariam de chegar e traçaram seus caminhos pensando nisso, até conquistarem os seus sonhos de trabalhar com esporte e se dedicar integralmente a isso.

Sobre sua rotina como repórter e setorista de um dos maiores clubes do Brasil, Marques (2024)[10], destaca que seus dias são corridos, porém, extremamente gratificantes por estar trabalhando com o que gosta. No dia a dia, Letícia trabalha com outros dois profissionais homens que auxiliam nas tarefas e coberturas diárias do clube. Suas tarefas diárias são apurar

[10] Informação verbal: todas as citações relacionadas a Marques (2024) são oriundas de entrevista concedida à pesquisadora através da plataforma Google Meet no dia 04 de outubro de 2024.

informações e estar em contato com fontes que possam a auxiliar na criação de pautas corriqueiras, nas matérias de gaveta, que são as matérias feitas em um dia para sair no outro e as matérias especiais realizadas em ocasiões específicas.

Além disso, Marques (2024) frisa que na emissora é realizado um revezamento de plantões entre os setoristas e também da cobertura de jogos e viagens para que todos possam ter oportunidades de cobrir diversos momentos do clube e poder conhecer novos lugares, sempre respeitando as limitações de cada um.

> [...] Como eu disse, somos três setoristas do Flamengo e vamos revezando os jogos. Eu fiz o jogo no qual ocorreu a estreia do Filipe Luís e no final de semana de plantão revezamos isso também. Ficamos eu e o Thiago neste plantão e o Fred fica no outro. Sempre que tem jogo no final de semana e é o plantão do Fred, é ele que vai e quando é o meu plantão com o Thiago, a gente reveza e os jogos durante a semana a gente reveza também. Em viagens, seguimos essa mesma lógica, fazemos revezamento, mas isso vem da chefia porque envolve viagem. Então, por exemplo, eu fiz a pré-temporada do Flamengo nos Estados Unidos, fiquei um mês lá e depois fiz a estreia do Flamengo na Libertadores que foi na Colômbia. O Thiago fez um jogo no Chile e foi também em La Paz contra o Bolívar [...] o Fred foi agora na eliminação para o Penãrol, porque ele não tinha ido em nenhuma viagem internacional. [...] É sempre uma troca para todo mundo fazer um pouco de tudo, todo mundo estar em algum bom momento, conhecer algum lugar que não conhece [...] (Marques, 2024, informação verbal)

Em dia de jogo, Marques (2024) destaca que a rotina fica ainda mais corrida, porque além das atividades rotineiras, ainda tem uma preparação necessária para realizar a cobertura. No pré-jogo, a jornalista se prepara dando uma recapitulada no clube e nas informações coletadas ao longo da semana, para ver quem está fora, quem está pendurado e quem vai para o jogo, apenas para ter uma maior segurança durante a partida. Marques (2024) ainda frisa que ser setorista e viver o dia a dia do clube facilita muito no momento da cobertura, pois já sabe de tudo e se prepara apenas para não estar desprevenida caso haja alguma questão específica sobre o time. Além disso, Marques (2024) se declara defensora dos setoristas e conta que a cobertura fica muito mais fácil quando o jornalista conhece o dia a dia de quem está em campo.

> Eu sou completamente defensora dos setoristas. Sou defensora desses profissionais no site e também nas emissoras de televisão que tenham setoristas. Mas não existe isso. A Globo não trabalha desta maneira, televisão em um geral tem esse medo de segmentar o repórter a apenas um clube. É natural que um repórter ou outro acabe fazendo mais, mas assim, não é denominado como setorista, mas sou defensora e vou te contar o porquê. Justamente pela preparação. Eu, por exemplo, estou vivendo o Flamengo todos os dias da minha vida, e quando estamos imersos em um clube, sabemos tudo o que está acontecendo. Eu não preciso me preparar tanto para um jogo, não tem necessidade de demandar muito tempo para isso. É óbvio que vou parar e dar uma recapitulada para ver quem está fora, quem está pendurado, quem vai para o jogo, mas isso é muito mais natural, é como se no dia da partida, eu só requentasse isso na minha cabeça. Às vezes dou um confere ou outro para ter

> certeza, mas estou vivendo tudo aquilo e isso facilita tudo. (Marques, 2024, informação verbal).

Ainda sobre a preparação para uma partida, Marques (2024) conta que durante o jogo, os repórteres fazem os textos de atuação dos atletas, onde é dada uma nota para os jogadores e a análise do jogo que é a matéria de gaveta do dia seguinte e sai no site bem cedo, antes de qualquer outra matéria. Em alguns casos, juntamente com essas duas matérias que são obrigatórias, saem matérias especiais, como o primeiro ou último jogo de um atleta, ou de um treinador no clube, ou anúncios importantes que ocorrem antes ou depois do jogo que alteram a grade de conteúdos previstos. Após o jogo, a repórter faz a coletiva de imprensa do treinador e também a zona mista dos jogadores, que sempre rende alguma matéria extra.

> [...] a gente fez uma matéria especial sobre o Filipe Luis, foi o primeiro jogo dele como técnico do Flamengo, então a gente deixou uma câmera ali, a televisão utilizou isso e a gente trouxe as imagens para o site também [...] No pós-jogo, produzi também uma matéria sobre o Gabigol, porque ele voltou a ser titular, tem toda uma ligação com o Felipe Luis, então só aí foram três matérias: a análise, o Felipe Luis e o Gabigol. E a partir disso vem a outra curiosidade que mostra que não temos rotina: quando eu estava a caminho do Maracanã, chegou a notícia de que o Prefeito do Rio de Janeiro, o Eduardo Paes, anunciou que o Flamengo teria a posse do terreno no dia seguinte e virou um caos a minha ida ao Maracanã. Já comecei a ligar para entender o que estava acontecendo e produzimos uma outra matéria sobre o evento que iria acontecer ao meio-dia do dia seguinte, que no caso foi a quinta-feira, e aí já deixamos tudo adiantado para que quando o evento fosse acontecer, a gente já tivesse a matéria para que não tivesse intercorrências. Então é bem isso, a gente nunca sabe o que vai acontecer. (Marques, 2024, informação verbal)

Quando questionada sobre quais são as principais barreiras enfrentadas por uma mulher no jornalismo esportivo, Marques (2024) frisou que muitas mulheres ainda passam por situações constrangedoras e de desrespeito no exercício da profissão. Para ela, o machismo é o principal desafio enfrentado pelas mulheres, mas se sente privilegiada por nunca ter passado por uma situação como essa, que muitas mulheres já passaram. A jornalista ainda destaca que por conta desse machismo, as mulheres têm uma necessidade muito grande de se afirmar como profissional na área esportiva, porque, muitas vezes, são descredibilizadas pelo simples fato de serem mulheres e muitos homens não gostarem.

> [...] eu vejo que as mulheres têm muito essa necessidade de afirmação e de estarem sendo compreendidas e aceita pelas pessoas. Percebo isso em coisas muito pequenas. Porque, por exemplo, fazer análise não é uma coisa que eu gosto de fazer, porque não gosto muito dessa questão de tática, não é para mim isso de ficar analisando e escrevendo sobre. Isso me causa muita insegurança. Eu melhorei muito nesse sentido, mas no geral, isso me causa muita insegurança. E essa insegurança me pega muito no sentido de "será que eles vão criticar alguma opinião minha simplesmente por ser mulher?". E eu acho que ainda tem muito disso, nós mulheres estamos muito mais suscetíveis a críticas, porque o ambiente ainda é muito masculino e machista. (Marques, 2024, informação verbal)

Marques (2024) ainda defende que as mulheres merecem conquistar seus espaços na cobertura esportiva não apenas para agradar os defensores ou para cobrir as cotas das emissoras, mas também, por se demonstrarem capazes de realizar um trabalho igual ou até mais eficiente que o dos homens. Mais do que isso, de acordo com Marques (2024), quanto mais espaço para as mulheres no esporte, mais elas são reconhecidas. “Sei que tiveram mulheres muito importantes para que eu pudesse chegar aqui e sei que eu vou ser uma mulher importante para que você possa chegar”. (Marques, 2024).

> Percebo também que existem muitas pessoas que acreditam que algumas mulheres têm espaço apenas porque atualmente é necessário ter mulheres. Eu acho que as pessoas precisam ter espaço porque são capazes e competentes. A sociedade precisa quebrar esse preconceito de achar que uma mulher só está ali porque existe a cota de mulher. E, às vezes, não é. Às vezes, você só não concorda com ela e ela está ali porque é capaz. Pode acontecer de a pessoa também não concordar com um homem. Só que quando é um homem que está ali e uma pessoa discorda, não tem uma questão a ser discutida. Mas, se é uma mulher que tá ali e alguém discorda, vão falar que ela só fala merda e que não sabe nada de futebol. Se é um homem, dane-se, simplesmente as pessoas não concordam e não vão falar nada. Tem muito disso ainda, mas sinto que as coisas melhoraram muito, conseguimos ver muitas mulheres e muitas mulheres capazes. Porque não basta ter mulheres, é necessário ter mulheres capazes. (Marques, 2024, informação verbal)

Ao ser questionada sobre sua percepção a respeito das diferenças de tratamento entre homens e mulheres nas redações e coberturas esportivas, Marques (2024) frisa que não observa isso na emissora onde atua, pois lá todos têm as mesmas oportunidades de se expressar e ninguém é silenciado pelo simples fato de ser mulher ou por discordar das opiniões de outras pessoas. Além disso, a jornalista ainda conta que faz parte do projeto da emissora trazer cada vez mais mulheres para a equipe. Sobre isso, Marques (2024) destaca que: “[...] isso vem muito da voz e do espaço que as mulheres vêm conquistando. Porque estamos nos mostrando capazes e correndo atrás disso.”

Ainda sobre essas diferenças, Marques (2024) destaca que percebe a existência destes problemas em outros lugares que estão fora do seu dia a dia, e na maioria das vezes, partem de telespectadores que não concordam com as opiniões femininas no esporte. Para ela, as empresas estão se modificando e se moldando para dar cada vez mais espaço e por isso, vemos cada vez mais mulheres na televisão e em cargos de destaque, contribuindo para a superação dos desafios e ajudando a modificar o pensamento das pessoas que ainda acreditam que as mulheres não têm a mesma capacidade que os homens e por isso recebem um tratamento diferenciado nas redações.

> O SporTV tem muitas mulheres na televisão. E eu acho que a resistência maior vem de fora e é muito de “ah, ela falou merda porque é mulher. Mas o fulaninho falou a mesma coisa e está completamente certo”. Isso vem muito da torcida contra e do

> sentido de desagradar. Quando eu dou uma notícia que desagrada a fulaninhos, é muito mais crítica a mim que sou uma mulher do que talvez ao meu companheiro. Ou talvez sejam críticas mais pesadas a mim do que a ele. Hoje eu sinto pouco isso. Mas, sinto muito mais vindo dos telespectadores do que das pessoas que trabalham diretamente comigo. Acho que vai muito nessa linha. (Marques, 2024, informação verbal)

Como visto anteriormente no capítulo três, desde os primórdios da mulher no esporte, elas vem sofrendo com preconceitos que tentam desmoralizar e desencorajar elas a estarem neste ambiente. A respeito de já ter sofrido algum tipo de preconceito ou assédio, Marques (2024) respondeu que nunca sofreu diretamente com isso, mas que, muitas vezes, nas redes sociais recebe mensagens e comentários um pouco mais pesados a seu respeito ou que buscam diminuir seu trabalho ou atacar de alguma forma sua imagem. Porém, Marques (2024) conta que esses comentários nunca atingiram a ela diretamente e que acaba nem respondendo.

> [...] mesmo conversando com muita gente que tenho relacionamento como repórter, eu sinto que sou tão séria no meu ambiente de trabalho, que as pessoas não sentem uma abertura de dar uma cantada ou falar algo que possa me ofender. Nunca passei por algo presencialmente. Mas, é óbvio que, inúmeras vezes, já participei de lives, por exemplo, e tinham torcedores que falavam graças, mas isso é algo que não me afeta. A pessoa tem o direito de falar que acha determinada pessoa bonita e por isso eu não me incomodo com isso, desde que a pessoa faça um comentário respeitoso. Eu entendo que no mundo de hoje, não podemos falar muitas coisas como podia antigamente. Mas eu tento entender que não me desrespeitou e a pessoa tem o direito de falar "nossa, a Letícia é muito bonita". Não me invadiu. Eu entendo que isso não me invade e nem me invalida como profissional. Hoje, buscando aqui, não me lembro de ter passado por alguma situação. Claro que eu já ouvi um comentário ou outro que tenha subido o tom. Principalmente quando existia o Twitter, que sempre tinha alguns comentários, mas isso nunca me tirou do sério, porque eu não respondo. (Marques, 2024, informação verbal)

O preconceito nas redes sociais foi unanimidade nas entrevistas realizadas até aqui. Todas as jornalistas destacaram que presencialmente nunca passaram por situações de desrespeito, mas que no mundo virtual, onde as pessoas podem falar de tudo, já presenciaram situações desconfortáveis. As jornalistas também destacaram que encontraram meios de se blindar disso tudo para não absorver coisas negativas. O meio comum entre elas foi não responder essas mensagens e nem ser plateia para situações como essas, que ocorrem devido a uma falta de evolução no pensamento da sociedade como um todo. Marques (2024) também destaca que sua postura mais séria no trabalho contribui para que situações como essas não ocorram, mesmo quando está conversando com homens no ambiente de trabalho.

> Criei isso de não interagir muito para me blindar de algumas situações chatas. Já recebi comentários ofensivos, mas deixei isso tão para lá, que eu não comentei, não interagi e isso não me afetou. E isso também tem muito a ver com a liberdade que você dá para as coisas acontecerem. Eu nunca dei liberdade e por isso não tive uma situação gigantesca de assédio ou preconceito. Tudo isso se junta ao fato de que as pessoas sabem que o mundo mudou e também ao fato de que eu sou mais séria e por isso não sabem se podem falar algo ou não. Eu me dou muito bem com muita gente. Mas ainda existe muito isso de que se eu estou conversando com alguém, no caso de

> um clube, todos homens, e sempre tem alguém que faz algum comentário ou acha que está acontecendo algo ali. (Marques, 2024, informação verbal)

Sobre o incentivo da família e dos amigos quando decidiu seguir a carreira de jornalista esportiva, Marques (2024) conta que foi muito apoiada e nunca houve preocupação por parte das pessoas próximas, principalmente porque ela nunca pensou em fazer outra coisa. Devido ao seu amor pela profissão, a jornalista destaca que sempre soube que conseguiria chegar onde está hoje, pois não havia impedimento de ninguém. Sobre o apoio, Marques (2024) ainda frisa que é a irmã mais velha e por isso sempre esteve presente no estádio com o pai e com o avô assistindo às partidas de futebol e que isso facilitou seu ingresso neste universo.

> Zero preocupação por parte da minha família, principalmente porque eu nunca pensei em fazer outra coisa. Não consigo olhar para trás e lembrar outra coisa que eu tenha pensado em fazer. Para mim era muito certo que eu iria chegar onde estou hoje. Parece assustador, mas dentro de mim eu sabia que o meu caminho seria esse. E até contextualizando, eu tenho 27 anos e meu irmão tem 17, então nossa diferença é de 10 pra 11 anos e eu fui filha única todo esse tempo. Então, eu era a menina que ia para o estádio com o meu pai, que assistia futebol e por isso nunca teve uma dificuldade nisso, sempre foi muito natural. O esporte faz parte da minha vida desde sempre. Pra mim esse caminho sempre existiu, nunca tive dificuldade em escolher e a minha família e amigos sempre me apoiaram. Por eu sempre estar com o meu pai e inserida nesse mundo, e sempre praticar esportes também, foi algo super natural e nunca tive nenhuma dificuldade de aceitação. Muito pelo contrário, eu sempre tive certezas e apoio. (Marques, 2024, informação verbal)

A respeito do que falta nas emissoras de televisão para que homens e mulheres recebam as mesmas oportunidades na cobertura esportiva, Marques (2024) destaca que falta uma evolução e uma aceitação maior por parte da sociedade sobre o tema que envolve a mulher e o esporte. Segundo a jornalista, esse ponto que ainda falta para oportunidades igualitárias e equidade de gênero nas coberturas esportivas virá apenas com o tempo e com a mudança de pensamento dos telespectadores.

> Acho que isso que falta vem com o tempo. Porque, por exemplo, vamos puxar para a narração. A narração naturalmente é masculina, sempre foi. Os maiores nomes da narração são masculinos. As narradoras estão ganhando espaço na televisão aberta principalmente agora. Foi na Copa do Mundo de 2022, que surgiu a Renata, a Natália, e está tendo investimento nisso. Só que elas só vão se igualar com o tempo. Porque não temos como comparar a Renata que está começando agora, com quatro ou cinco anos de televisão, com o Luís Roberto, então eu acho que tudo depende da oportunidade que é dada. Quanto mais oportunidades as mulheres tiverem, consequentemente mais experiência elas vão tendo e com mais experiência elas vão crescendo e se igualando aos homens que já têm experiências a muito mais tempo. (Marques, 2024, informação verbal)

Ademais, segundo Marques (2024), quanto mais espaços as mulheres tiverem como narradoras, repórteres e comentaristas, mais quem recebe a informação e acompanha as coberturas vai estar se acostumando em ver mulheres em posições de destaque e importância.

A jornalista também destaca que não adianta dar espaço na televisão fechada e no digital. Para ela, espaço para mudar o jornalismo é na televisão aberta, onde as emissoras atingem a massa e as mulheres podem mostrar seus potenciais e sua capacidade de realizar uma ótima cobertura.

> Quanto mais espaços e oportunidades, mais vai se tornar comum. E se tornando comum, daqui a pouco tudo isso vai estar igual. Além disso, quanto mais oportunidades, mais as mulheres vão estar preparadas e quanto mais preparadas, mais espaços elas terão. É um ciclo e nisso as mulheres vão se inserindo em tudo: na narração, nos comentários, na reportagem e em todos os espaços do jornalismo esportivo. E nisso vão surgindo as referências. Como eu disse, sei que muitas mulheres caminharam para eu chegar até aqui e eu estou caminhando para que outras cheguem. [...] Eu acho que sempre vai existir um pouco dessa discussão porque o mundo é machista, não é o jornalismo, é o mundo. Essa discussão só vai deixar de existir com o tempo e com as novas gerações que vão pensando de formas diferentes e aceitando mais. Isso é um reflexo que só vai vir lá na frente. E só vamos conseguir igualar lá na frente quando os pensamentos e os comportamentos mudarem. (Marques, 2024, informação verbal)

Por fim, quando questionada sobre como formação acadêmica pode contribuir para a superação do preconceito em relação à mulher na cobertura esportiva, Marques (2024), assim como todas as entrevistadas, pontuou que a faculdade é sim muito importante para exercer a profissão, pois muitas coisas importantes são trazidas da faculdade. Porém, ela destaca que o aprendizado ocorre no dia a dia e que 90% do fazer jornalismo se aprende com rotina e prática. Ainda, Marques (2024) conta que apoia muito a realização de cursos que ajudam na especialização de cada profissional na área que deseja atuar.

> É óbvio que muitas coisas trazemos da faculdade, mas diria que 90% é rotina e prática. E digo mais: muitas pessoas que falam comigo pedindo conselhos, e dizem que estão fazendo jornalismo, eu aconselho a investir em cursos específicos nas áreas que desejam seguir. Para mim, o diferencial, que mudou a minha formação, a minha carreira e o que me fez me destacar foram os cursos. Eu fiz cursos de tudo o que você pode imaginar, eu via um curso e estava fazendo. (Marques, 2024, informação verbal)

Ademais, em suas experiências, Marques (2024) ainda conta que o seu primeiro estágio na Fox Sports veio a partir de um contato criado em um dos cursos que realizou. Para ela, fazer um curso além de dar conhecimento, ainda dá *network*, algo muito importante no jornalismo, porque essa troca é essencial e auxilia na construção de grandes parcerias que abrem muitas portas. Por isso, ela apoia a formação acadêmica, mas acredita que o dia a dia e os contatos criados ao longo do percurso ajudam ainda mais na construção de uma carreira sólida com conteúdos de excelência.

8.4 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM BIANCA MOLINA

A jornalista, repórter de campo e setorista do Corinthians pela TNT Sports de São Paulo, Bianca Molina, enfatizou em sua fala durante a entrevista concedida à pesquisadora, no dia 15 de outubro de 2024, que uma repórter de campo não tem rotina, principalmente sendo setorista de um clube, onde decisões e situações importantes acontecem a todo momento e ela precisa estar atenta a tudo para poder informar. Bianca Molina também relatou na entrevista que já sofreu vários tipos de preconceito, mas que esses nunca vieram de colegas de trabalho ou de pessoas dos clubes, mas sim da torcida, que ainda é bastante machista e muitas vezes não aceita a mulher na cobertura dos esportes.

Bianca Molina é bacharela em Jornalismo pela Estácio de Sá. Em 2010 iniciou a graduação e em 2011 ingressou no seu primeiro estágio na Rádio Bandeirantes, onde atuou como produtora por aproximadamente dois anos. Logo após, Bianca Molina trabalhou na TV Record, onde também desempenhava o papel de produtora. Em 2015, após se mudar do Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro, atuou durante cinco anos na Fox Sports, também como produtora e editora de textos.

Em 2020, quando a Fox Sports foi comprada pela ESPN, a jornalista se mudou para São Paulo, mas optou por não seguir no veículo e foi contratada pela Rádio Bandeirantes de São Paulo para atuar como repórter e, desde então, segue trabalhando neste cargo. Logo após, em 2023, Bianca foi contratada pela TNT Sports, onde atua até hoje como repórter setorista do Corinthians. Em paralelo, ela ainda atuou em projetos como a Prime Vídeos, a TV Cazé, Ronaldo TV e o Paulistão no YouTube.

Assim como as demais jornalistas entrevistadas, Molina (2024)[11] destaca que o machismo ainda é um dos principais desafios enfrentados pelas mulheres no jornalismo esportivo e que esses preconceitos vêm principalmente de torcedores, sobretudo nas redes sociais, onde compartilham e encaminham para as jornalistas conteúdos pejorativos e ofensivos na busca de desencorajar e desequilibrar o ambiente de trabalho dessas mulheres que, mesmo realizando uma cobertura de excelência, ainda são duramente criticadas.

Sobre como é a rotina de uma repórter, Molina (2024) conta que na época em que era produtora de programas na Rádio Bandeirantes, na Record TV e na Fox Sports, ela tinha uma rotina mais definida. Porém, quando se tornou repórter e setorista, passou a não ter rotina e, muitas vezes, não consegue se desligar do trabalho nem nos seus dias de folga. Contudo,

[11] Informação verbal: todas as citações relacionadas a Molina (2024) são oriundas de entrevista concedida à pesquisadora através da plataforma Google Meet no dia 15 de outubro de 2024.

segundo a jornalista, sua atual rotina na TNT Sports é mais tranquila quando comparadas a emissoras como SporTV e ESPN, que possuem programação esportiva diária, diferente da TNT que possui apenas dois programas e programas especiais em jogos de Champions League e Campeonato Brasileiro.

> Já passei por esses cargos de bastidores, mas hoje sou repórter e não tenho rotina. Não tenho porque as coisas acontecem quando a gente menos espera. A TNT não tem uma programação diária como vários outros canais, então, não precisamos estar sempre preenchendo programas. Temos apenas dois programas diários: o "De Placa" e a live do André Henning e os outros programas só ocorrem em situações de pré e pós-jogo de Champions League e quando tem rodada de campeonato brasileiro também com programa de pré e de pós-jogo. É uma rotina mais tranquila se formos comparar, por exemplo, com a Bandeirantes, com o SporTV e com a ESPN. (Molina, 2024, informação verbal)

Molina (2024) ainda apresentou exemplos de rotinas que vive na emissora. O primeiro exemplo foi sobre um dia de folga que acabou sendo ocupado por pautas do trabalho devido a um anúncio do Corinthians, clube do qual é setorista. O segundo exemplo foi sobre um dia de jogo, onde realiza a cobertura antes, durante e depois, porém, diferente das outras jornalistas, não produz uma matéria a respeito do que ocorreu no jogo, apenas um *reels* para as redes sociais, em caso de grandes acontecimentos. Sobre transmissões que não está habituada a realizar, Molina (2024) conta que utiliza o dia anterior para se preparar, estudar os times e estar pronta para a cobertura.

Quando questionada a respeito da preparação necessária de um repórter para a cobertura de uma partida, Molina (2024) destaca que é setorista do Corinthians e isso facilita as coberturas por viver o dia a dia e estar sempre bem informada sobre os bastidores. Por isso, sua maior preocupação é sempre em estudar o adversário antes de qualquer partida. Porém, mesmo com todo esse acompanhamento, a profissional conta que acompanha diariamente outros programas e podcasts a respeito tanto do adversário quanto do Corinthians, para se manter informada, compreender situações a partir de outros ângulos e estar preparada caso haja alguma situação fora do habitual.

> Mas, de toda forma, eu sempre assisto muito tudo e essa é a dica que eu sempre dou. Eu tenho vários amigos que trabalham na ESPN que ficaram na fusão da Fox Sports e eles brincam que eu sou a maior audiência deles, porque eu estou sempre ligada, gosto de estar sempre assistindo e isso até é um desafio, porque eu tenho um neném e não damos telas para ele e como eu gosto muito de assistir, tem que estar sempre distraindo ele (risos). Em dia de jogos do Corinthians, eu acabo assistindo tudo o que eu acho que pode ter informações a respeito do Corinthians e do adversário, porque geralmente o adversário é o meu fator novo, é o time que tenho que estudar mais. E aí atualmente tem podcasts sobre esses times e quase todo mundo faz. (Molina, 2024, informação verbal)

Molina (2024), ainda destaca que em casos específicos, ocorrem outras situações que movimentam o jogo, como invasões de campo, expulsões polêmicas ou algum desentendimento tanto dentro como fora das quatro linhas. Porém, geralmente os jogos são mais parados e carecem de mais informações e estatísticas técnicas, possibilidades, serviço para os torcedores e informações de jogos e atuações passadas para complementar a transmissão e deixar o torcedor a par de tudo o que acontece com o seu time. Para obter estas informações, Molina (2024) destaca novamente a importância dos podcasts e dos materiais jornalísticos sobre os clubes.

> Por exemplo, um podcast que é muito forte é o do Flamengo no GE, e domingo vai ter Flamengo e Corinthians. Sobre o Corinthians eu sei tudo e sobre o Flamengo nem tanto. Então, na quinta já começo a ouvir esses podcasts, acompanhar mais os jornalistas que cobrem esse time adversário e sempre faço essa separação de informações que te falei antes. Quem está suspenso, quem está machucado, quem está voltando, se o Corinthians ganhar vai a tanto, se o Athletico Paranaense ganhar vai a tanto. Todas essas informações de números e estatísticas, possibilidades, clima da torcida, quanto custou o ingresso para o jogo, todas essas informações eu preciso ter. Pode acontecer de eu não precisar de nada disso, porque às vezes o jogo te dá as informações necessárias, por exemplo, teve um quebra pau, teve invasão de campo e nesses casos tem coisas novas, algo quente. Mas às vezes não e os jogos são parados, então, quanto mais informação eu tiver, municiada, vai ser melhor para mim e para o todo. (Molina, 2024, informação verbal)

A respeito das barreiras enfrentadas pelas mulheres no jornalismo esportivo, Molina (2024), assim como as outras jornalistas entrevistadas, destacou o machismo como a principal delas. A jornalista conta que percebe diariamente que apesar de toda a evolução em torno da aceitação da mulher na cobertura esportiva, muitos torcedores ainda não conseguem respeitar e aceitar a inserção sucessiva das mulheres nesse ambiente que ainda é muito masculino.

> Na minha opinião, a principal barreira é o machismo. Mesmo com toda a evolução que vem sendo percebida no universo do jornalismo esportivo, com mais oportunidades igualitárias entre homens e mulheres, o machismo está muito enraizado na cultura da população. Atualmente podemos notar que os veículos de comunicação, principalmente os de massa, estão dando cada vez mais oportunidades para as mulheres, ajudando a desconstruir aquela ideia de que mulher não entende e não pode falar sobre futebol [...] Como repórter há alguns anos, percebo que o machismo no jornalismo esportivo é um problema persistente que infelizmente ainda afeta mulheres que seguem o sonho de trabalhar com o jornalismo esportivo. É a minha percepção. Posso estar errada diante do pensamento de outras pessoas ou de outros profissionais. Mas, ainda é muito comum vermos comentaristas e repórteres mulheres sendo descreditadas ou abordadas de maneira sexista, com foco mais em sua aparência do que em suas análises e entendimentos não só sobre futebol, mas sobre qualquer assunto que envolva esportes. (Molina, 2024, informação verbal)

Para Molina (2024), “é crucial continuar a debater esses temas para podermos transformar a nossa sociedade em um local mais justo e igualitário tanto para homens quanto para mulheres”, porque, apesar da grande resistência em relação à mudança, este tema é

importante e pode ajudar a construir um futuro mais igualitário, com maior equidade de gênero nas redações esportivas.

Quando questionada sobre as diferenças de tratamento entre homens e mulheres nas redações e coberturas esportivas, Molina (2024) destaca que com o passar do tempo houve uma grande evolução neste sentido nas emissoras. Porém, segundo ela, os desafios e diferenças de tratamento ainda ocorrem muito fora das redações, onde é difícil ser mulher neste meio que ainda é muito dominado por homens.

> Como eu te falei, eu comecei lá em 2011 e vejo muita evolução e melhora nesse aspecto de lá para cá. Dentro né, de dentro para fora. É claro que de fora para dentro ainda existe muito preconceito, vemos muito disso nas redes sociais, tem um público que tem uma resistência muito maior a presença cada vez mais massiva da mulher no jornalismo esportivo. Mas, na redação, falando por mim, eu me sinto super confortável em relação à colegas de trabalho e a gestores. Recebo um tratamento tão inclusivo a ponto de eu me sentir tão pertencente àquele lugar quanto os meus colegas homens. É claro que uma vez ou outra vamos nos deparar com um chefe um pouco mais machista e tal, mas hoje, ainda bem, me parece uma minoria pessoas que tenham esse tipo de comportamento. Em um geral, acho que esse é um espaço que a gente já conquistou. (Molina, 2024, informação verbal)

Sobre já ter sofrido algum tipo de preconceito ou assédio, Molina (2024) frisa que já sofreu diversas vezes, e esses preconceitos e assédios vieram de torcedores, mas nunca de profissionais dos clubes, colegas de trabalho ou de jogadores. Conforme a jornalista, casos assim ocorreram no estádio em dias de jogo, mas acontecem ainda mais nas redes sociais, onde recebe diversos comentários e mensagens ofensivas, que a diminuem por ser mulher, além de em alguns momentos receber conteúdos pornográficos. Ainda segundo Molina (2024), os torcedores agem dessa forma porque acabam sendo mais passionais e não sabem se controlar, principalmente quando seu time está em uma má fase.

> Eu já sofri. De torcedores, principalmente, de monte. Já aconteceu em estádio, em pauta, nas redes sociais, muito, muito. Mas é aquilo: a cada mil torcedores que me tratam bem, um é grosseiro, machista, sexista. E tem todo o tipo de assédio. É aquele cara que quer te diminuir por tu ser mulher, mas é também aquele cara que quer te transformar só em um corpo por ser mulher. Tem uns que falam “ah, tu é bonita demais para fazer isso” ou “como tu é mulher, tu é competente demais para fazer isso”. Tem todos esses aspectos. Então, digo que já sofri, mas de jogadores, treinadores, dirigentes e colegas nunca ocorreu nada, sempre fui muito respeitada. Isso vem geralmente do torcedor mesmo. Porque o torcedor é mais passional que os profissionais dos clubes e os colegas de outras emissoras. E dependendo do momento do time dele, ele deixa essas coisas acontecerem e ficarem um pouco mais à flor da pele. (Molina, 2024, informação verbal)

A jornalista ainda destaca que quando iniciou no jornalismo esportivo esse preconceito acontecia com mais frequência, mas, com o passar do tempo, as pessoas passaram a respeitar mais todos os profissionais, principalmente dentro das redações. De acordo com Molina

(2024), atualmente as mulheres são bem recebidas nas emissoras e podem contar com o apoio dos colegas de trabalho, sem ouvir piadinhas ou serem diminuídas por isso.

> [...] eu já ouvi de tudo que tu possa imaginar. Me chamar de burra é uma coisa muito tranquila, porque já ouvi muita coisa pior. Mas é isso, em geral, vem desses torcedores mesmo. Quando eu comecei, era uma coisa mais escancarada. A gente sentia no ambiente de trabalho e tal, ouvia comentários, às vezes não de mim, mas de uma outra menina e se eu tivesse longe poderia ser de mim. Mas, hoje em dia não. Hoje em dia os ambientes de trabalho onde estamos inseridas, a redação, os centros de treinamento, o estádio de futebol, eles já estão mais receptivos com a nossa presença, então isso é uma coisa bem tranquila. Mas, o assédio que a gente recebe vindo das arquibancadas, físicas e virtuais, ainda é bem grande. (Molina, 2024, informação verbal)

A respeito do apoio da família e dos amigos quando decidiu seguir a carreira de jornalista esportiva, Molina (2024) destaca que sempre foi muito apoiada por todos ao seu redor. Segundo ela, as pessoas do seu convívio não tinham a visão do machismo e da dificuldade que ela teria trabalhando nessa área e para elas não teria porque a jornalista sofrer com isso, considerando que sempre foi apaixonada por esportes e estaria falando sobre algo que gosta. Além disso, ela destaca que a família e os amigos desencorajarem as mulheres que querem trabalhar nesta área não é o caminho. De acordo com Molina (2024), o caminho correto é incentivar e preparar essas novas profissionais, mostrando que o caminho é difícil, mas que vale a pena se for algo que a pessoa realmente gosta.

> Acho que ninguém tinha essa percepção, nem minha mãe, nem meus avós e nem meus amigos. É muito doido isso, porque quem olha de fora não imagina a dificuldade que é para uma mulher penetrar em um meio que ainda é tão masculinizado. Certamente se a minha mãe sonhasse com uma ou duas mensagens com cunho sexual, de preconceito ou descriminação que eu poderia receber, no futuro, ela teria dito para eu ser professora, que era o que eu queria ser antes do jornalismo. Mas não, na época ninguém tinha noção que era tão difícil e continua sendo ser mulher e entrar nesse meio. Mas vou te falar, acho que desacreditar as mulheres hoje mesmo sabendo da dificuldade que é, nem seria o caminho. O caminho é muito mais preparar e mostrar que é difícil, que muitas vezes vamos chorar, sofrer e repensar várias coisas, desfazer amizades e tal, mas vale a pena enfrentar tudo isso, e para isso tem que se preparar. (Molina, 2024, informação verbal)

Sobre o que falta nas emissoras de televisão para que homens e mulheres recebam as mesmas oportunidades na cobertura esportiva, Molina (2024) destaca que o primeiro passo é as emissoras transformarem essa igualdade em termos de números de profissionais e em todos os cargos em uma cobertura esportiva. Segundo a jornalista, é necessário que as emissoras se incomodem com isso. Para Molina (2024), não adianta colocar mulheres apenas como repórteres porque já é aceitável para a população. É necessário ter mais mulheres como narradoras e comentaristas também, para fazer com que a sociedade se adapte a essas mudanças e respeite a mulher enquanto profissional no esporte.

> [...] a TNT tem quatro repórteres mulheres e um repórter homem no Brasil, então assim, é uma vantagem. Somos quatro contra um, digamos assim. Mas quando falamos em comentaristas, a TNT tem oito comentaristas homens e uma comentarista mulher. Tem seis narradores homens e uma narradora mulher. A TNT tem cinco apresentadores homens e uma mulher. Então acho que o primeiro passo é as emissoras se importarem de fato com o número e em como está essa divisão. Não pode colocar só repórter mulher porque repórter já é mais aceitável e as transmissões são menos dolorosas porque o público já está acostumado. Acho que as emissoras precisam olhar e pensar como é o quórum delas. E não falo só isso em questão de gênero, mas também de raça. Quantos homens e mulheres negras têm nas equipes? Acho que as empresas precisam se incomodar com isso, olhar pelas fotos de final de ano e pensar que aquilo não está certo, ou pensar que tem quase metade da equipe de mulheres, mas o que fazem essas mulheres? (Molina, 2024, informação verbal)

Quando questionada a respeito de como a formação acadêmica pode contribuir para a superação do preconceito em relação à mulher na cobertura esportiva, Molina (2024) pontua que quando uma Universidade conta com bons profissionais inseridos no mercado atual de trabalho, a formação acadêmica tem muito a contribuir, principalmente com o contato direto com as redações e com dicas importantes sobre como a comunicação mudou ao longo dos anos. Além disso, ela ainda frisa que a faculdade não prepara para o preconceito, o machismo e as dificuldades que as mulheres vão enfrentar no jornalismo, tudo isso é aprendido na prática e com a experiência.

> Não sei qual é a realidade da tua universidade, mas eu acho assim, se vocês tiverem professores que atuaram recentemente na área, porque na minha época tinham atuado na área há 20 ou 30 anos, então estavam super obsoletos. Mas, se vocês tiverem contato na universidade com professores que de fato conheçam a área, e que possam já trazer esse ponto de discussão, a faculdade tem muito o que ensinar e ajudar nesse sentido. A universidade não prepara para o machismo e para todas as dificuldades práticas do dia a dia, porque é uma coisa individualizada em cada caso, e só será possível aprender na prática mesmo. Eu adoro a universidade, cogito fazer uma segunda graduação, mas sou bem pé no chão quando penso que a universidade de jornalismo pouco nos prepara para o dia a dia dos grandes veículos de comunicação cobiçados pela maioria dos alunos da área. Então, acho que o jeito de fazer as duas coisas andarem juntas, ou aproximar um pouco mais as coisas, é tendo professores que realmente vivam ou tenham vivido recentemente e estejam extremamente a par, porque, se não, não serve de nada um professor chegar e falar para as meninas que hoje em dia o mundo mudou, sendo que, na prática, ainda existem muito mais homens do que mulheres. (Molina, 2024, informação verbal)

Por fim, Molina (2024) destaca novamente que se a Universidade estiver alinhada com tudo o que acontece atualmente no cenário do mercado de trabalho do jornalismo esportivo, ela pode agregar na formação dos novos profissionais, dando uma base concreta para cada profissional poder ter seus aprendizados e evoluções na profissão escolhida. Porém, se ela operar em sistemas antigos e desatualizados, Molina (2024) pontua que não agrega muito na formação porque apresenta um cenário que não existe nos dias atuais.

8.5 ANÁLISE DE NARRATIVAS: COMPARATIVOS ENTRE AS ENTREVISTAS COM AS JORNALISTAS ESPORTIVAS

Diante das respostas obtidas através das quatro entrevistas realizadas com jornalistas esportivas, é possível notar que suas ideias e percepções a respeito dos diferentes temas abordados muitas vezes se encontram e criam narrativas reais do dia a dia de mulheres que atuam na área do jornalismo esportivo. As entrevistas tiveram um resultado satisfatório tendo em vista que o conteúdo pôde oferecer diferentes perspectivas sobre o dia a dia no jornalismo esportivo das emissoras. O principal ponto das entrevistas era captar e compreender de forma mais aprofundada quais os desafios mais relevantes enfrentados pelas profissionais durante a realização de seus trabalhos.

Segundo todas as entrevistadas, o machismo é o principal desafio ainda enfrentado pelas mulheres nas coberturas esportivas e isso ocorre principalmente por conta de torcedores que não aceitam essa inserção feminina na área. De acordo com Drumont (1980), "O machismo é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher". Esta definição, complementa as respostas de cada entrevistada ao longo da pesquisa. Para elas, essa resistência se manifesta de diversas maneiras, como comentários depreciativos, assédios e a tentativa de deslegitimar a voz da mulher no espaço esportivo.

Conforme Laís Milena (2020), as mulheres que cobrem esportes atualmente sofrem muito com os comentários machistas que vêm com o intuito de desencorajar. Mas, historicamente, isso sempre foi difícil e há muitos anos, era ainda pior essa situação.

> Hoje as jornalistas que cobrem esportes ainda enfrentam olhares e comentários machistas. Há 20, 40, 60 anos a realidade era ainda mais cruel. O tempo passou e algumas coisas mudaram, como o fim das entrevistas constrangedoras com jogadores pelados dentro dos vestiários. No entanto, os xingamentos, as humilhações, o assédio e a maioria esmagadora de homens nos cargos de chefia e nas redações permanece. (Laís Milena, 2020, p. 13)

Além disso, é possível também perceber nas respostas das profissionais que, muitas vezes, as mulheres são subestimadas em suas capacidades profissionais. Com isso, elas acabam sofrendo com desmerecimento por serem bonitas ou inteligentes demais para trabalhar com esportes, contribuindo para um ambiente hostil e desestimulante. Essa realidade não apenas limita a participação feminina, mas também ajuda a conservar estereótipos negativos que afastam novas gerações femininas de profissionais da área.

Outro ponto importante em comum entre as respostas das jornalistas diz respeito a rotina destas profissionais. Todas elas destacaram que, enquanto repórteres de campo, não têm uma rotina fixa, o que acaba sendo interessante justamente por não saberem o que vai acontecer no dia seguinte. Algumas atividades no pré e no pós-jogo são fixas, como a zona mista, a coletiva de imprensa e as matérias sobre o jogo. Porém, quando não é dia de jogo, a rotina não é pré-definida. Geralmente elas acompanham alguns treinamentos, buscam por informações, acompanham viagens para jogos e muitas vezes acontecem coisas importantes nos seus dias de folga também.

Segundo Laís Milena (2020, p. 25-26):

> Enquanto as narradoras não se tornam figurinhas carimbadas nos jogos, as repórteres ganham espaço no campo. Trabalhando de setoristas, elas vivenciam o dia a dia dos clubes, com rotinas marcadas pela convivência com massagistas, jogadores, preparadores e comissão técnica, em cada treino, partida e viagem. Acompanham a preparação dos atletas nos Centros de Treinamento e entrevistam o elenco escolhido pela assessoria do clube. Além é claro da apuração em busca de informações dos bastidores, a saída e chegada de jogadores, as lesões e desfalques para as partidas. Isso sem falar do trabalho dos repórteres em dia de jogo, que se divide em antes, durante e depois da bola rolar [...] Tudo isso, dura cerca de 5 a 7 horas de compromisso profissional. (Laís Milena, 2020, p. 25 - 26)

De acordo com as ideias em comum das profissionais, a necessidade de estar sempre atentas às novidades e acontecimentos do esporte exige um alto nível de flexibilidade e adaptabilidade a essa rotina agitada. Muitas vezes, as profissionais precisam estar preparadas para cobrir eventos inesperados, como lesões de jogadores ou mudanças de última hora na agenda. Exemplos destas mudanças repentinas no dia a dia foram dados por Marques (2024), onde ocorreu uma assinatura de contrato inesperado e por Molina (2024), onde em seu dia de folga, recebeu a informação Corinthians não iria conseguir pagar o Hugo Souza e o clube teria que pagar mais uma multa e ela precisou se dedicar a pauta.

Essa dinâmica proporciona uma variedade de experiências e a oportunidade de explorar diferentes ângulos das histórias esportivas, tornando o trabalho delas ainda mais enriquecedor e desafiador. A troca de perspectivas entre colegas nas redações e também, entre repórteres de outras emissoras, fomenta um ambiente colaborativo, onde novas ideias surgem e geram narrativas mais impactantes, cativando o público de maneiras diferentes das habituais.

As diferenças de tratamento entre homens e mulheres nas emissoras foi outro ponto destacado nas entrevistas realizadas. De acordo com Maldonado (2024) e Marques (2024), essas diferenças existem em diversos locais, porém, não diretamente nos seus ambientes de

trabalho. Já Freitas (2024), também destaca que existe essa diferença de tratamento e que, muitas vezes, isso fica mascarado pelo fato de que alguns homens têm mais experiência que as mulheres. Por fim, Molina (2024) pontua que esse assunto de tratamento nas emissoras evoluiu bastante ao longo dos anos nas redações, mas ainda existe lá fora, onde cada pessoa ou torcedor fala o que pensa e prolifera comentários negativos.

De modo geral, cada jornalista entrevistada vê a questão da diferença de tratamento entre homens e mulheres nas emissoras de forma ampla e única. Porém, todas concordam que houve uma evolução significativa ao longo dos anos, e percebem que existem essas dificuldades, juntamente com um caminho a ser percorrido. De acordo com Coelho (2003):

> Normal é que não haja preconceito. Homens e mulheres devem ter os mesmos direitos. Têm. Os mesmos níveis salariais, o que incrivelmente se verifica nas redações, ao contrário das demais profissões. Devem ter as mesmas oportunidades. O que não se pratica em boa parte das editorias do país. Menos ainda nas de esportes. [...] Pode-se dizer que as redações de esporte do país têm em torno de 10% de mulheres. Isso já provocou mais preconceito no passado do que hoje em dia. (Coelho,2003, p. 34-35)

As jornalistas entrevistadas também mencionam a necessidade de políticas mais inclusivas nas redações. Além disso, ressaltaram a importância de aumentar a visibilidade e a representação feminina na cobertura esportiva, não apenas em cargos de liderança, mas também nos diferentes espaços nas redações, como narradoras e comentaristas. Molina (2024) frisa que a presença feminina em papéis variados nas emissoras contribui para uma cobertura mais diversa e equilibrada. Para ela, essa mudança é essencial não apenas para combater preconceitos, mas também para inspirar novas gerações de mulheres a trabalharem com jornalismo esportivo.

O preconceito está fortemente enraizado na sociedade e também na área esportiva. Historicamente, sendo como atleta ou como jornalista, a mulher sempre foi tratada de forma diferente dos homens e muitas pessoas duvidam da sua capacidade para se envolver em assuntos da área. Antes de 1970, conforme Coelho (2003, p.34), era praticamente impossível ver mulheres no esporte, e mesmo que atualmente ainda não exista um equilíbrio entre a presença de homens e mulheres nas redações e coberturas esportivas, a situação era ainda pior no século passado.

Conforme as jornalistas entrevistadas nesta pesquisa, o preconceito contra elas vem principalmente por meio de torcedores que ainda não conseguem respeitar o espaço conquistado pelas mulheres. Elas ainda frisam que nunca sofreram preconceitos pessoalmente trabalhando nos estádios e nem vindos de atletas, treinadores, dirigentes de clubes ou colegas

de trabalho. Porém, destacam que diariamente recebem mensagens e comentários negativos nas redes sociais, vindos de torcedores homens que passam dos limites, fazem cobranças desnecessárias e atacam as jornalistas. O único caso de assédio vindo de profissionais de clubes ocorreu com Freitas (2024), quando o treinador de um clube enviou mensagens com segundas intenções também nas redes sociais.

Sobre este preconceito que se destaca muito nas redes sociais, Laís Milena (2020) destaca que sempre vão existir torcedores que interpretam coisas equivocadamente e se sentem no direito de palpitar sobre tudo ou de difamar a imagem de alguém que está estudando o dia a dia dos clubes e trabalhando firmemente para entregar a melhor cobertura possível.

> Considerada o décimo segundo jogador, a torcida é intensa. Da mesma forma que emociona e vibra, critica e exige. [...] Haja espaço para tantos palpiteiros e comentaristas de plantão que acreditam entender mais do que quem está escrevendo ou falando. Nas rádios ou redes sociais, a certeza é que eles vão marcar presença para analisar os lances polêmicos, cornetar o trabalho dos jornalistas e apontar os erros da arbitragem. Neste aspecto, as mulheres são as principais vítimas dos comentários agressivos, grosseiros e, por vezes, desrespeitosos. O trabalho das profissionais é questionado e subestimado muito mais do que se fossem homens ali. O fato de ser mulher, infelizmente, ainda é o principal aspecto que torna a cobrança em cima delas sempre maior. Pessoalmente, os olhares de indignação pelo fato de expressarem a opinião, causa a revolta dos machistas. Na internet, a distância e o anonimato parecem fornecer uma dose extra de coragem para alguns subirem o tom e intimidar uma mulher ao perceberem que ela se interesse por algo que julgam ser de propriedade exclusiva dos homens. Para eles todo mundo entende de esportes, elas não. (Laís Milena, 2020, p. 32-33)

Mesmo com todas as dificuldades, preconceitos e assédios sofridos pelas mulheres no jornalismo esportivo, algo muito mais importante está atrelado a coragem das mulheres para enfrentar esse ambiente que ainda é muito masculinizado: o apoio da família e dos amigos. Sobre este assunto, todas as jornalistas entrevistadas destacam que por conta da paixão pelo futebol e por suas infâncias vividas com contatos próximos aos esportes, todas elas foram incentivadas pela família e pelos amigos a seguirem seus sonhos e trabalharem nesta área.

Todas as entrevistadas frisam que sempre foram apaixonadas por futebol e estavam presentes em ambientes esportivos desde a infância. Além disso, elas sabiam aonde queriam chegar e nunca passou pela cabeça de nenhuma desistir ou ouvir os comentários machistas e preconceituosos que poderiam fazer com que elas desistissem de trabalhar com algo que gostavam e se sentiam bem fazendo.

Sobre este amor pela profissão, Unzelte (2009, p.07) destaca:

> Para os jornalistas esportivos, a questão da paixão em geral se manifesta já no momento da escolha de sua área de atuação. A maioria deles, em todos os tempos e na atualidade, parece ter optado pelo esporte, antes de tudo, por identificar-se com o tema desde cedo. São casos em que a memória afetiva falou mais alto, de gente que, ao se estabelecer profissionalmente, parece ter conseguido realizar um sonho de infância. (Unzelte, 2009, p.07)

As emissoras têm um papel fundamental na hora de abrir espaço e auxiliar as mulheres a conquistarem ainda mais seus espaços, independente do que pessoas de fora pensem ou falem. Para isso, as entrevistadas desta pesquisa falaram a respeito do que falta nas emissoras para que homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades, buscando equalizar a presença de homens e mulheres. De acordo com elas, o primeiro passo das emissoras para alcançar uma igualdade entre homens e mulheres nas redações e cobertura esportivas, é oportunizar que mais mulheres possam se inserir neste meio, com uma visão gestora de abrir espaço para essas novas mulheres que se interessam em trabalhar com esportes.

Outro ponto destacado por Freitas (2024), é a falta de evolução no pensamento da sociedade. Para ela, “sempre que vemos uma mulher em uma posição que a sociedade só está acostumada a ver homens, ouvimos questionamentos a respeito do que ela fez para estar ali”. Para Freitas (2024), as mulheres não devem ser contratadas nas editorias de esportes apenas para garantir as cotas, mas sim, porque são capacitadas para realizar seu trabalho da melhor forma possível. Marques (2024) concorda com essa opinião e ainda frisa que essa evolução deverá vir com o tempo. Segundo ela,“ isso só vai igualar com mais oportunidades e experiências”. Quanto mais oportunidades e espaços forem criados para as mulheres, mais quem recebe a informação estará se acostumando com a presença delas.

Ademais, Molina (2024) ainda destaca que as emissoras precisam transformar essa igualdade em termos de números de profissionais, contratando mulheres para trabalhar em todas as áreas do esporte e não apenas como repórteres que já são aceitas pela sociedade. Para que todas essas mudanças ocorram de fato, as emissoras precisam implementar políticas de recrutamento buscando mulheres para se destacarem em diversos cargos, além de criar um ambiente de trabalho que valorize e promova a igualdade de gênero.

Por fim, a respeito da importância da faculdade para auxiliar na superação do preconceito em relação à mulher na cobertura esportiva, todas as jornalistas entrevistadas se mostram a favor da graduação e também de cursos profissionalizantes para novos jornalistas. Porém, frisam que o jornalismo se aprende no dia a dia. Conforme as profissionais, a faculdade cria uma base teórica ótima para o desenvolvimento na profissão, mas não prepara as jornalistas para os desafios do mercado de trabalho e muito menos para os comentários

machistas e preconceituosos que podem surgir no caminho. Ademais, as jornalistas também destacam que no ambiente acadêmico surgem diversas oportunidades de estágios e inserções na área esportiva, que devem ser aproveitadas.

Sobre a faculdade e essas oportunidades, Unzelte (2009, p.40) destaca:

> Você pode ser contra a obrigatoriedade do diploma, contra a existência do próprio curso e até achar que a faculdade que escolheu deixa muito a desejar. Mas com uma coisa há de concordar: quando o curso é jornalismo, muitas oportunidades em termos profissionais acabam aparecendo no próprio ambiente acadêmico. Portanto, fique atento a elas. É nas faculdades que estão os murais, constantemente atualizados com ofertas de emprego, principalmente estágios. (Unzelte, 2009, p. 40)

Com a realização das entrevistas com as jornalistas esportivas da Globo/SporTV, da Rádio Gaúcha e da TNT Sports, foi possível coletar a essência do dia a dia e das dificuldades enfrentadas pelas mulheres que dedicam seus dias para as coberturas esportivas. Todas as profissionais que participaram são repórteres de campo e atuam como setoristas de clubes ou de futebol feminino. As respostas foram essenciais para entender como ocorre a participação feminina no jornalismo esportivo, dando ênfase na televisão, objeto de estudo deste trabalho e também onde três das quatro entrevistadas atuam.

As vozes das entrevistadas revelaram não apenas os desafios que permeiam suas rotinas, mas também suas conquistas em um campo historicamente dominado por homens. Ao abordar temas como rotina, equidade de gênero, preconceitos e a luta por reconhecimento, as jornalistas destacaram a necessidade de mudança nas estruturas das emissoras no que diz respeito aos espaços destinados às mulheres, mas também se demonstraram otimistas a respeito da evolução que precisa ocorrer na sociedade como um todo.

Este capítulo de análise das entrevistas, portanto, não só documenta a experiência cotidiana destas profissionais, mas também se propõe a ser um chamado à ação, enfatizando a importância de uma maior representatividade e inclusão no jornalismo esportivo.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, a mulher sempre foi vista como inferior em diversos setores da sociedade. Hoje, ainda é possível notar questões profundas relacionadas à igualdade de gênero e às oportunidades para mulheres, tanto no jornalismo esportivo quanto em outras áreas de atuação. Para que essa realidade de preconceitos e dificuldades relacionadas à figura feminina seja modificada, é necessário colocar essa problemática em evidência, dando destaque e importância para todas as discussões sobre o assunto.

Quando esta pesquisa foi iniciada, percebeu-se que os preconceitos e dificuldades enfrentados pelas mulheres nas coberturas esportivas são inúmeros. Muitas profissionais sofrem com comentários sexistas e a falta de oportunidades de ascensão na carreira. Além disso, há uma constante luta por reconhecimento em um ambiente predominantemente masculino, onde suas contribuições, muitas vezes, são minimizadas ou ignoradas.

Com base nisso, compreendeu-se a importância de pesquisar e realizar este estudo sobre os aspectos relacionados à participação feminina nas coberturas esportivas. Assim, reconhecendo o tema como algo relevante que deve ser discutido pela sociedade, buscou-se entender como as mulheres são vistas pela sociedade nestes cargos, como as profissionais se sentem nesses ambientes e lidam com os percalços do dia a dia, observando se houve crescimento ou diminuição de figuras femininas no jornalismo esportivo.

A partir da pesquisa, pode-se concluir que ainda existe um panorama complexo no jornalismo esportivo praticado por mulheres, marcado por preconceitos persistentes e desafios estruturais que essas profissionais buscam superar. No entanto, com o estudo também é possível constatar um grande crescimento na presença feminina nesse campo, o que tem levado a uma mudança positiva na percepção da sociedade sobre o tema. À medida que mais mulheres se destacam em posições de visibilidade, a aceitação e o reconhecimento de seu trabalho aumentam, sinalizando uma evolução positiva no jornalismo esportivo.

Para chegar à resposta da questão norteadora desta pesquisa, foi traçado um objetivo geral de *analisar a importância da participação da mulher no jornalismo esportivo televisivo como repórteres de campo, identificando possíveis razões para a pouca abertura nessas inserções nos dias atuais.* No entanto, com o desenrolar da pesquisa foi observado que, atualmente, as mulheres repórteres de campo já são mais aceitas pela sociedade sem grandes problemas, e vem conquistando novos cargos como narradoras e comentaristas, porém estes,

ainda são muito contestados pela sociedade. Com base nisso, foi necessário ampliar os horizontes e aprofundar no estudo, apresentando a importância da participação de mulheres como repórteres de campo e também em todos estes cargos que vêm sendo conquistados.

Conforme apontado pelas profissionais do jornalismo esportivo Maldonado (2024), Freitas (2024), Marques (2024) e Molina (2024), é enorme a importância da mulher no jornalismo esportivo. Segundo as jornalistas que participaram da pesquisa, as mulheres desempenham um papel fundamental na desconstrução de estereótipos e na promoção de uma visão mais inclusiva, contribuindo para o público ampliar sua compreensão sobre as diversas facetas do universo esportivo, além de inspirar novas gerações a seguirem o caminho das coberturas esportivas.

Além disso, as entrevistadas ainda destacam que existe uma crescente inserção das mulheres nesses espaços, porém, a presença delas ainda é muito menor que a dos homens, principalmente por conta das dificuldades, preconceitos e não aceitação da figura feminina na profissão. Por isso, constata-se que o objetivo geral foi atendido, pois o trabalho conseguiu verificar que a participação da mulher no jornalismo esportivo televisivo é sim muito importante, principalmente no sentido de conduzir a sociedade a respeitar e também de inspirar novas mulheres. Ademais, o trabalho também identificou as razões para a pouca abertura nessas inserções nos dias atuais, sendo elas o preconceito e as dificuldades que as jornalistas enfrentam com comentários machistas e a não aceitação da sociedade, que muitas vezes afasta as mulheres deste ambiente.

O primeiro objetivo específico, buscou *identificar aspectos do ambiente jornalístico na área de atuação esportiva, que contribuam para a presença masculina e dificultem a participação feminina*. Neste ponto, foi possível compreender que historicamente o ambiente do jornalismo esportivo foi construído e adaptado por homens e isso é perceptível nos estereótipos que continuam fortemente enraizados no nosso dia a dia. Sobre estes aspectos, a diferença salarial, a não aceitação da figura feminina na cobertura esportiva pela sociedade e as diferenças de tratamento e oportunidades entre homens e mulheres se destacam como pontos que contribuem para a presença masculina e dificultam a participação feminina. Tal objetivo foi atingido por meio do capítulo quatro e do subcapítulo 4.1, a partir do estudo de análises bibliográficas e de pesquisas realizadas pela Federação Nacional dos Jornalistas com jornalistas brasileiros.

Já o segundo objetivo específico, foi projetado para *examinar possíveis razões pelas quais há pouca disponibilidade para a participação das mulheres no ambiente do jornalismo esportivo televisivo.* Neste tópico, é possível citar a análise de alguns jogos transmitidos pela RBS TV e pelo Premiere, presente no capítulo seis e nos subcapítulos 6.1, 6.1.1, 6.1.2, 6.2, 6.2.1, 6.3 e 6.3.1 onde nas transmissões das partidas analisados, a presença feminina é geralmente inferior a dos homens, com exceção aos Jogos Olímpicos de Paris 2024, onde as transmissões foram realizadas apenas por mulheres, mostrando que apesar dos avanços, ainda há pouca inserção feminina em cargos de destaque nas coberturas.

Além disso, as razões para essa menor abertura para as mulheres estão no preconceito e no machismo ainda existente, que faz com que, muitas vezes, algumas emissoras acabem contratando mais homens do que mulheres, por medo de repressão ou por não concordância de alguns membros da equipe. Esse objetivo também foi alcançado ao longo dos capítulos quatro e seu subcapítulo 4.1 e nos capítulos sete e oito, com as análises das entrevistas com pessoas consumidoras de conteúdo esportivo e com jornalistas esportivas, respectivamente.

Por conseguinte, o terceiro objetivo específico visou *conhecer a história da imprensa esportiva no Brasil ao longo dos anos e suas contribuições para a exímia cobertura nos dias atuais.* Neste caso, buscou-se apresentar uma contextualização sobre a imprensa esportiva, a fim de trazer embasamento à pesquisa, apresentando de forma mais aprofundada a história do jornalismo esportivo brasileiro. Esse objetivo foi alcançado ao longo do capítulo um e seu subcapítulo 2.1.

O quarto objetivo específico, buscou *avaliar, por meio de pesquisa quantitativa mediante um formulário, a opinião das pessoas sobre a participação da mulher no jornalismo esportivo.* Aqui, foi possível, através do formulário, responder amplamente à questão norteadora, compreendendo como a mulher é vista no jornalismo esportivo, atuando como repórter de campo, mas também em outras áreas como narradoras e comentaristas. Através desta pesquisa quantitativa, houve um maior entendimento sobre como as pessoas que consomem conteúdo esportivo veem as mulheres que atuam nesta área. Esse objetivo foi alcançado ao longo do capítulo sete.

Por fim, o quinto objetivo específico visou *realizar entrevistas com mulheres repórteres de campo e jornalistas da área esportiva.* Neste item, foram realizadas via Google Meet quatro entrevistas com repórteres de campo e através das conversas, foi possível extrair um pouco sobre a profissão, seus desafios, além de perspectivas de futuro de cada uma das

entrevistadas. Essas entrevistas contribuíram não apenas para o desenvolvimento da pesquisa, mas também para uma melhor compreensão da realidade da profissão por parte da pesquisadora. Esse objetivo foi alcançado ao longo do capítulo oito e seus subcapítulos 8.1, 8.2, 8.3, 8.4 e 8.5.

Toda a pesquisa demandou a adoção de um método específico. Para isso, foi aplicada a metodologia de pesquisa exploratória dedutiva, com o objetivo de tornar o objeto de estudo mais claro e proporcionar maior familiaridade com o tema. Além disso, a pesquisa contou com levantamento bibliográfico e análises qualitativa e quantitativa de entrevistas, visando responder à questão norteadora do estudo. No que tange ao método de procedimento, optou-se pela pesquisa monográfica, que buscou investigar o tema de maneira aprofundada, considerando todos os fatores que o influenciam e analisando-o sob diferentes perspectivas.

Assim, conclui-se que, atualmente, as mulheres são vistas no jornalismo esportivo com mais naturalidade e sofrem menos repressão. Porém, isso não anula o fato de que ainda existe muito preconceito vindo de determinados grupos que não aceitam essas conquistas femininas e disseminam palavras machistas contra essas profissionais, principalmente escondidos atrás de perfis nas redes sociais. O número de mulheres nessa área aumentou significativamente com o passar dos anos. Porém, ao analisar, é possível perceber que ainda são poucos os nomes femininos em cargos de grande destaque nas emissoras e a maioria delas trabalha nos bastidores. Entretanto, as mulheres vêm conquistando seus espaços no jornalismo esportivo, não apenas na reportagem de campo, mas também em outras áreas como a narração e os comentários, que antes eram espaços utilizados apenas por homens.

Além disso, ao longo da pesquisa foi possível perceber que toda a aceitação feminina nesta área, passa pela questão de oportunidades. Quanto mais oportunidades forem dadas as mulheres, mais elas serão aceitas e reconhecidas nesse campo. A ausência de oportunidades iguais pode gerar um ciclo de exclusão, dificultando o acesso das mulheres a posições de destaque e reconhecimento. Observou-se também que, além das oportunidades, o suporte das emissoras de televisão e a criação de ambientes inclusivos são fundamentais para que as mulheres se sintam valorizadas e capazes de se destacar.

Por fim, a pesquisa mostra que a aceitação das mulheres não depende apenas de sua capacidade, mas também da construção de um cenário que favoreça o acesso e o crescimento delas, de maneira equitativa, em todas as esferas do ambiente profissional. Dessa forma, entende-se que quanto mais visibilidade for dada ao tema da presença feminina no jornalismo

esportivo e todas as dificuldades enfrentadas por elas, consequentemente, mais fácil será conscientizar a sociedade de que o jornalismo esportivo tem, sim, espaço para todos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves (org) e ROCHA, Dora (org). **Elas ocuparam as redações.** Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ALMEIDA Daniella; **Mulheres recebem 19,4% a menos que os homens, diz relatório do MTE.** Agência Brasil. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-03/mulheres-recebem-194-menos-que-os-homens-diz-relatorio-do-mte. Acesso em: 10 de setembro de 2024.

BARBEIRO, Herodóto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo.** - São Paulo: Contexto, 2006.

BRETONES, Marcos Jardim De Amorim. **Redação SporTV: uma experiência de jornalismo esportivo crítico.** Monografia de graduação em jornalismo, 2010.

BEZERRA, PRM. **O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos,**118 f. Dissertação (Mestrado), 2008.

BRANDÃO, Eduardo. **Métodos e técnicas de pesquisa.** Cp. 5**.** Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC RJ, 2015.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1990.

CAIXETA Rodrigo. **Mulheres em campo.** Disponível em: https://www.abi.org.br/mulheres-em-campo/. Acesso em: 03 de agosto de 2024.

CARDOSO, Régis. **No princípio era o som – a minha grande novela**. São Paulo: Madras, 1999.

CIENTÍFICA, Metodologia. **Métodos de Procedimento.** Disponível em: https://www.metodologiacientifica.org/metodos-de-procedimento/#google_vignette. Acesso em: 01 de junho de 2024.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

COSTA, Viviani Barbosa. **Mulheres no jornalismo esportivo: luta por espaço e equidade de gênero. in: Simgeti,** V, 2019, Varginha. Anais [...]. Varginha(MG): UNIS - Centro Universitário do Sul de Minas, 2019. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/vsimgeti/222931-mulheres-no-jornalismo-esportivo--luta-por-espaco-e-equidade-de-genero/. Acesso em: 22 de maio de 2024.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **A imprensa esportiva carioca (décadas de 1940-1960).** Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro, n.13, 2017, p.509-521. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2018/02/AGCRJ_revista_180201-1-183-195.pdf. Acesso em: 14 de julho de 2024.

DANTAS, Monique de Andrade. **Mulheres no jornalismo esportivo.** 2015. 99 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5635/1/MDantas.pdf. Acesso em: 23 de maio de 2024.

DE MELO, Felipe Fortunato. **Comparativo de transmissões futebolísticas e o rádio como base fundamental para outras mídias.** Revista Cientifica Semana Acadêmica. Fortaleza-CE. Edição 225. V.10.,2022. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/18_comparativo_de_transmissoes_futebolisticas_e_o_radio_como_base_fundamental_para_outras_midias_artigo_felipe_fortunato_de_melo_2.pdf. Acesso em: 13 de julho de 2024.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; VIÁ, Sarah Chucid da. **Pesquisa empírica em ciências humanas (com ênfase em comunicação)**. São Paulo: Futura, 2001.

DIBRADORAS, Uol. **Como elas chegaram lá.** Uol Esportes, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/como-elas-chegaram-la/#end-card. Acesso em: 20 de julho de 2024.

DIEHLL, Astor; TATIM, Denise. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

Drumont, M. P. (1980). Elementos para uma análise do machismo. Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, v. 3. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/items/3216ccc5-faf8-4791-9350-aa01e601a067. Acesso em: 23 de outubro de 2024

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 5. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2011.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas.** Educar, n. 24, p. 213-255, Curitiba, Editora: UFPR, 2004.

Enciclopédia INTERCOM de comunicação. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia.** 5 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

FIGUEIREDO, Nébia. **Método e Metodologia na pesquisa científica**. 2. ed. São Paulo: Editora Yendis, 2007.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FONSECA, **O. Esporte e Crônica Esportiva.** Tambucci, p.l. & Oliveira, j.g.m.de & Coelho Sobrinho, J. (orgs.) **Esporte & Jornalismo**, São Paulo, CEPEUSP, 1997.

FONTOURA, João Paulo Jobim. **Jornalismo e Vestiário: histórias e bastidores contados por um assessor de imprensa.** Porto Alegre: Editora Capítulo 1, 2021.

GASPARINO, Henrique. **Estudo da Transmissão esportiva na televisão brasileira.** Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2013. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/119227. Acesso em: 13 de julho de 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

GIL, Antonio Carlos.**Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1994.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulher e Esporte no Brasil: entre Incentivos e Interdições elas Fazem História.** Revista Pensar a Prática. UFG, V. 8, n. 1, 2005. p. 1-14.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade; CAMARGO Vera Regina Toledo. **A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura.** Artigo de Iniciação Científica da Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, 2010.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país** - São Paulo : Editora Contexto, 2009.

HENRIQUES, Antonio; MEDEIROS, João Bosco. **Metodologia Científica na Pesquisa Jurídica.** 9 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de [et.al.]. **Olho no lance: ensaios sobre esporte e televisão**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

JÚNIOR, Álvaro Francisco de Britto; JÚNIOR Nazir Feres. A **utilização da técnica da entrevista em trabalhos acadêmicos.** v. 7, n. 7, p. 237-250. Araxá: Evidência, 2011.

KESSLER, Cláudia Samuel & COSTA, Leda Maria da & PISANI, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro** - Santa Maria, RS : Ed. UFSM, 2022.

KLAFS; C.; LYON, M. J. **A mulher atleta.** Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1981.

KNIJNIK, J.D.; VASCONCELLOS, E.G. **Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil**. In: COZAC, J.R. (Ed.). **Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte.** São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003.

LEITÃO, Carla. **A entrevista como instrumento de pesquisa científica: planejamento, execução e análise.** Artigo PUC RJ. Rio de Janeiro, 2017.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa.** São Paulo, SP: Edições Loyola,1994.

MAIA, Larissa. **Quem ganhou as medalhas do Brasil na Olimpíada de Paris 2024.** Valor Econômico, São Paulo. Disponível em:

https://valor.globo.com/olimpiada-2024/noticia/2024/08/11/quem-ganhou-as-medalhas-do-brasil-na-olimpiada-de-paris-2024.ghtml. Acesso em: 17 de agosto de 2024

MALHOTRA, N. K. **Marketing research: an applied orientation.** New Jersey: Prentice-Hall, 1993.

MALULY, L.V.B. **Panorama do Jornalismo Esportivo no Brasil.** XXVII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação (INTERCOM) – PUC/RS. Porto Alegre/RS, Setembro, 2004.

MANOEL, Glenda Bastos. **A evolução histórica do futebol no brasil** Disponível em: https://universidadedofutebol.com.br/wp-content/uploads/2017/03/a-evolu%C3%A7%C3%A3o-historia-do-futebol-no-brasil.pdf. Acesso em: 17 de maio de 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas; 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 2003.

MATTOS, Sérgio. **As fases do desenvolvimento da TV no Brasil.** In: **História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política.** Petrópolis: Editora Vozes, 5ª Edição, 2010.

MÁXIMO, J. **Memórias do futebol brasileiro** – estudos avançados. 1999 p. 179-188.

MEIRELLES, Rebeka Vaz Da Costa. **Sexismo no jornalismo esportivo: como as mulheres jornalistas vivenciam e lidam com a cultura patriarcal organizacional do esporte.** Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/27599/Sexismo%20no%20Jornalismo%20Esportivo%20-%20Rebeka%20Meirelles%20%28disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20mestrado%29%20-%20Rebeka%20Meirelles.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 07 de setembro de 2024.

MEZZAROBA, O.; MONTEIRO S., C. **Manual da Metodologia da Pesquisa no Direito.** São Paulo: Saraiva, 2009. 344p

MIGUEL, Fernanda Valim Côrtes. **A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da linguística aplicada.** Revista Odisséia, – P P g E L / U F R N N º 5. j a n – j u n. 2 0 1 0.

MILENA, Laís. **Camisa 10: de torcedora a jornalista.** Caruaru: Ed. da Autora, 2020.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NETO, Antonio Moreira de Carvalho; TANURE, Betania; ANDRADE, Juliana. **Executivas: carreira, maternidade, amores e preconceitos**. RAE electron., São Paulo, v. 9, n. 1, jun. 2010.

OLIVEIRA, Giordano Bruno Medeiros. **Da emoção à interação: história das transmissões esportivas na televisão brasileira.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2015. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1885-1.pdf. Acesso em: 17 de julho de 2024.

OLIVEIRA, Marina Fernandes de; PAIXÃO, Jairo Antônio da. **Prática desportiva feminina: análise histórica de sua trajetória e implicações no âmbito das aulas de Educação Física escolar.** Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 141 - Febrero de 2010.

PEDROZA, Christiana Lamoglia Sobral. Mulheres no jornalismo esportivo: os desafios e dificuldades da profissão. 2017. 47 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Jornalismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3849/3/CLSPedrosa.pdf. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

PERAGENE, Fábio. **O princípio da igualdade de gêneros no esporte.** Rio de Janeiro: Processo, 2022.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

POLIT, d. f.; Beck, c. t.; HUNGLER, b. p. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização.** Trad. de Ana Thorell. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano; MOSER Vinícius. **O futebol como elemento da cultura de massa brasileira nas primeiras Copas do Mundo.** Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd166/o-futebol-como-cultura-de-massa-brasileira.htm. Acesso em: 19 de maio de 2024.

RBS TV. **História da RBS TV.** Disponível em: https://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/noticia/2011/12/historia.html. Acesso em: 11 de agosto de 2024.

RBS TV. **RBS TV lança G1 e globoesporte.com e o seu novo site de programação.** Disponível em: https://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/noticia/2011/12/rbs-tv-lanca-g1-e-globoesportecom-e-o-seu-novo-site-de-programacao.html. Acesso em: 14 de agosto de 2024.

RIBEIRO, André**. Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**. Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

RIGO, Luiz Carlos et al. **Conhecimento, formação e memórias discentes: um estudo a partir do PET/ESEF.** Movimento, Porto Alegre, v. 14, n.3, 2008. p. 71-85.

RUBBO, Daniella; VASCONCELOS, Nayara Maria. **A mulher jornalista na editoria de esportes.** Artigo acadêmico. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinaridades da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, PR. 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: https://cev.org.br/biblioteca/a-mulher-jornalista-na-editoria-de-esportes/. Acesso em 27 de julho de 2024.

SANTOS, J. V. T. **A construção da viagem inversa. Cadernos de Sociologia, ensaio sobre a investigação nas ciências sociais**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 55-88, jan./jul. 1991.

SANTOS NETO, J. M. **Visão do Jogo – primórdios do futebol no Brasil.** Editora Cosac & Naify – São Paulo –SP. 2002. P. 15-18 e 29.

SANTOS, Vanessa De Araújo**. As bolas da vez: a invasão das mulheres no jornalismo esportivo televisivo brasileiro.** Monografia de graduação em jornalismo. Brasília, 2012.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos Locutores Esportivos.** São Paulo: Editora Panda, 2004.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo.** São Paulo. Summus, 1994.

SPORTV. **Guto se desculpa com repórter após resposta em coletiva: "Fui muito infeliz"** Disponível em: https://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/2017/07/guto-ferreira-se-desculpa-reporter-por-declaracao-fui-muito-infeliz.html. Acesso em: 22 de maio de 2024.

STUDOCU. **Métodos de abordagem, procedimentos e técnicas.** Artigo da UFSC. Disponível em: https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-federal-de-santa-catarina/metodologia-de-pesquisa-em-direito/metodos-de-abordagem-procedimentos-e-tecnicas-na-pesquisa/4821345. Acesso em: 02 de junho de 2024.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo: relatos de uma paixão.** São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

VARGAS, Gianmarco Soares de. PALMA, Glaíse Bohrer. **Jornalismo internacional esportivo: o trabalho de enviados especiais na cobertura dos Jogos Olímpicos de Tóquio.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 07, Ed. 08, Vol. 06, pp. 32-59. Agosto de 2022. Disponível em:https://www.nucleodoconhecimento.com.br/comunicacao/jornalismo-internacional-esportivo. Acesso em: 16 de julho de 2024.

VENERAL, Débora; KNIHS, Karla. **Mulheres na história: uma trajetória em busca de trabalho, igualdade e voto.** Disponível em: https://www.uninter.com/noticias/mulheres-na-historia-uma-trajetoria-em-busca-de-trabalho-i

gualdade-e-voto#:~:text=O%20papel%20da%20mulher%20na,discrimina%C3%A7%C3%A3o%2C%20come%C3%A7ava%20a%20ser%20fomentada. Acesso em: 15 de março de 2024.

ZIRPOLI, Cassio. **A evolução do futebol na TV do Brasil.** Disponível em: https://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/2010/09/19/tv/. Acesso em: 12 de julho de 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Entrevistas transcritas

ENTREVISTA COM A JORNALISTA JÉSSICA MALDONADO

A entrevista com a profissional foi realizada através da plataforma Google Meet no dia 17 de setembro de 2024.

Pergunta: Como foi trabalhar durante dez anos no Grêmio ao lado dos jogadores, comissão técnica e direção?

Resposta: Eu entrei no Grêmio com muito brilho nos olhos e fiquei assim por muito tempo, porque, com o passar do tempo, fui percebendo que poderia fazer coisas diferentes. Esta questão de ser mulher nos bastidores do clube, entendo que ainda tem um longo caminho a ser percorrido, atualmente tem poucas mulheres dentro de um clube de futebol. Se analisarmos o futebol masculino do Grêmio, acredito que atualmente não tenha uma mulher que faça parte da comissão técnica, então sei que ainda existe um longo caminho a ser percorrido, mas, em contrapartida, existem outras áreas em que vemos uma maior inserção de mulheres. Eu nunca olhei para o fato de ser a única mulher na rádio e tive uma situação, em uma viagem para Chapecó, que fui a única mulher a viajar com a delegação, mas procurei nunca olhar por esse lado. Claro que senti que tinha que provar mais em vários momentos, que a minha voz precisava ser mais firme e por vezes não me sentia ouvida. Isso não é pelo fato de ser Grêmio, percebo que isso acontece com muitas outras mulheres. Acho que isso é normal, porque subjetivamente acontece, mas como eu disse, tentei nunca olhar por esse viés de que sou uma mulher e que algumas situações podem ser vistas como machismo. Sempre tentei fechar os meus olhos para isso e encarar de uma forma com que essas situações não me amedrontassem, muito pelo contrário, que isso fizesse eu me sentir cada vez mais empoderada para fazer meu trabalho, pois, à medida que eu olhasse para uma situação delicada que tivesse acontecido, poderia me desmotivar e tirar o brilho dos meus olhos. Dessa minha trajetória enquanto mulher no jornalismo esportivo e no futebol, o que eu consigo tirar de saldo positivo disso tudo é a forma como eu lidei nessa caminhada. Muitas vezes não me enxergava em outras mulheres. É muito melhor trabalhar em pares e vendo que existem mais mulheres como, por exemplo, na área em que estou hoje. Aqui na Globo eu vejo uma setorista mulher para cada clube e com isso, conseguimos nos unir e trocar ideias, coisa que não conseguimos fazer

abertamente com um homem. O meu grande triunfo nessa questão voltada para a mulher no jornalismo esportivo foi não olhar para essas adversidades que o machismo me impôs em alguns momentos.

Pergunta: Como é o dia a dia de uma repórter?

Resposta: Não tem rotina (risos). Eu trabalho aqui na Globo com outros dois setoristas que cobrem também o dia a dia do Botafogo. Parece muito em algumas vezes, mas, na verdade, não é, porque tem semanas com muitos jogos e precisamos cumprir escalas de folga, e por isso tem dias que apertam mais. Mas digo que não tem rotina porque, um dia trabalho em um horário e no dia seguinte, trabalho em outro. Eu sei minha escala (de trabalho) normalmente no dia anterior, onde a nossa chefia passa todos os nossos horários e as escalas do futebol do Rio de Janeiro e a partir disso tento me adaptar. Claro, trabalho 8 horas por dia como todo CLT, mas muitas vezes acabo utilizando meu tempo livre para apurar alguma situação. Essa área de reportagem, demanda muito relacionamento e eu acho que essa é a parte mais delicada, porque é a partir desse relacionamento que conseguimos informações e confirmações de informações que saíram em algum lugar para poder publicar no GE. Levamos isso muito em consideração, a questão da apuração e da credibilidade, trabalho para o maior portal de notícias do Brasil, então precisamos ter muita certeza daquilo que publicamos. Então, muitas vezes, eu vou estar fora do meu horário de trabalho e vai surgir alguma demanda a partir de algum relacionamento que eu tenho e talvez algum colega não tenha. Quando uma informação chega até mim, muitas vezes preciso parar tudo o que estou fazendo para trocar uma ideia com o editor que está online no momento e para apurar melhor aquela notícia. Vou te dar um exemplo: sabíamos que o Coutinho tinha voltado para o Brasil, assinou com o Vasco, mas enquanto a negociação acontecia com o Vasco, que demorou um pouco para se desenrolar, o Botafogo estava sondando este jogador e estava tendo conversas informais. Isso chegou até mim através de duas fontes e era meu domingo de folga, eu estava a caminho da praia, indo almoçar em um quiosque. Eu fui para praia, meu marido estava junto comigo e eu fiquei o meu almoço inteiro, não senti o gosto da comida, não senti a brisa da praia, depois eu fui pro shopping pra gente pegar um sorvete para tomar e quando cheguei em casa pensei: “Meu Deus, nós fomos lá, voltamos, e eu não senti aquele momento de lazer”, porque estava o tempo todo no celular apurando aquela situação, vendo o que a gente ia fazer e tentando descobrir mais coisas. Poderia citar diversas situações semelhantes, mas só estou te dando a ideia de como é. Claro que eu sempre tive cuidado, a minha vida enquanto

profissional tem alguns pilares e um deles como te falei antes, foi não olhar para as adversidades que a questão de ser mulher poderia me trazer. Já o outro, é o fato de eu ser muitas coisas além de jornalista. Jornalista é uma parte da minha vida, é o sonho de muita gente, é algo que realmente é prazeroso fazer, tem dias e dias, mas muitas vezes é prazeroso ver um texto que é muito lido, tu dar uma notícia, contar uma história. Mas, isso é uma parte, eu sou muitas outras coisas, então tento dar um equilíbrio na minha vida para que eu não crie tanta expectativa no trabalho, porque quanto mais expectativa, maior é a frustração quando tu não consegue alguma coisa. Então, eu tento equilibrar e para mim isso é o maior desafio porque é um caminho constante para equilibrar a nossa vida. Deixamos de ir em aniversários de amigos próximos e de familiares. Eu cansei de em dia dos pais almoçar com o meu pai ou às vezes nem almoçar com ele, apenas ver ele em um horário alternativo, pois estava trabalhando em algum jogo. A vida do jornalista é uma vida de abdicar de muitas coisas, porque a gente trabalha enquanto os outros estão curtindo, amanhã vou cobrir Botafogo x São Paulo, jogo das quartas de final da Libertadores, as pessoas estão indo lá para curtir e aproveitar o momento de lazer. Eu estou sendo paga, sim, para fazer algo prazeroso e que é prazeroso para as pessoas. Isso é o lazer de muitos, mas eu tenho um compromisso com aquilo, é o meu trabalho e a carga é diferente. Então não consigo ter esse lazer, pois estou preocupada em fazer meu trabalho e entregar o meu melhor. Ser repórter é isso: são horários alternativos e relacionamento. Acho mais prático usar o meu WhatsApp e falo com muitas pessoas no dia. Começo o dia já falando com o fulano para receber informações e isso já me leva para outra pessoa, então, não sei quantas mensagens eu troco no dia, só sei que aquilo que eu posso responder depois, vou deixando e muitas vezes eu me esqueço. Porque quando acaba meu trabalho eu tento me desligar, tirar as notificações do celular e essas são algumas estratégias que a gente vai aprendendo. Trabalho com algo que eu gosto, (o futebol) e enquanto eu era profissional do Grêmio eu trabalhava no clube do meu coração, então, de certa forma isso me consumia mais também, porque não sabia o que era o meu lazer e o que era o meu trabalho. Às vezes eu estava envolvida pensando no meu trabalho, mas, na verdade, era o meu lazer, o que acabava dificultando um pouco. Hoje consigo ter mais clareza, a experiência vai ajudando nessa situação, mas precisamos ter esse cuidado, trabalho com informação e a notícia não tem hora para acontecer, trabalho com futebol que é algo que temos o prazer de assistir, então preciso ter alguns cuidados nessa rotina. Às vezes ligo a TV para assistir e assisto por prazer, mas lá no fundo estou pensando em trabalho. A terapia ajuda a criar estratégias para fugir um pouco do futebol, se não a gente enlouquece e entra em um burnout. (Risos)

Pergunta: Qual a preparação necessária de um repórter para a cobertura de uma partida?

Resposta: Ser repórter de um clube demanda muito estudo para entender o contexto onde o clube está inserido, as pessoas que estão envolvidas, os jogadores que estão envolvidos. Até tem algo engraçado nisso, porque às vezes, as pessoas acham "olha lá, ela sabe de tudo do Botafogo", mas lembro do primeiro treino que fui cobrir, logo na minha primeira semana. O Botafogo está se remodelando nos moldes da SAF, que entrou em 2022, então o clube criou um plantel do zero e investiu muito no departamento de scouts, ou seja, traz jogadores muitas vezes desconhecidos para o senso comum do futebol. E nesse treino lembro que este fato me deu uma ansiedade enorme, porque eu tentava identificar os jogadores e não conseguia, eu conhecia meia dúzia apenas. E naquele dia, eu pensei "vou ter que sentar e começar a pesquisar, ver jogador por jogador, posição por posição e além dessa posição, qual outra posição ele joga, o histórico, por onde eles passaram, o que conquistaram, quanto tempo estão no Botafogo" e isso me demandou bastante tempo. Eu peguei um caderno e desenhei um campo, e fui colocando "aqui na lateral direita jogam tais jogadores, também jogam na (outra posição)", então, essa foi uma situação complicada no início. Mas, conforme o tempo foi passando, fui entrando de certa forma no piloto automático e já conheço a história. No dia a dia, como sou repórter especificamente de um time, eu consumo conteúdo e escrevo sobre ele, então as coisas são mais naturais. A minha preparação nas vésperas do jogo, falando especificamente de amanhã, no jogo entre Botafogo x São Paulo, como eu acompanho mais o Botafogo, (claro que eu sei a base do time do São Paulo), o que eu tento ver: eu escrevo análise e atuações individuais dos jogadores, dando uma nota e escrevo a análise do jogo também, muito com base no que foi feito taticamente, o que deu certo, o que não deu, porque ganhou, porque perdeu, ou porque empatou, então o que eu tento fazer é analisar principalmente o adversário. Eu sei o formato que o Botafogo joga, sei as estratégias, até porque estou em todas as coletivas e ouço muito o treinador, o que é muito importante: ouvir o que o líder técnico tem a dizer, principalmente quando ele é coerente. No caso do Botafogo, o Artur Jorge explica bem, o Mano Menezes no Fluminense é um cara que explica bem também e consegue justificar bem as coisas. Então, eu tento pegar o conhecimento que tenho do Botafogo e assistir vídeos de análises táticas e técnicas sobre o São Paulo para poder enxergar no jogo o que cada time está tentando fazer, onde está tendo um encaixe e onde está dando um desencaixe das peças. Com base nisso, o meu trabalho às vésperas do jogo é basicamente isso, e quando eu vou escrever a análise procuro tentar entender como o adversário joga. Claro que

a gente tem que apurar a escalação, sempre publicamos a provável escalação, hoje mesmo conversei com algumas pessoas, dei uma esboçada no time e então fui checar as informações. Para cada jogador do Botafogo eu tenho uma pessoa que falo para checar alguma informação sobre aquele determinado jogador, quando não faço isso diretamente com o atleta, porque a assessoria dificilmente dá esse tipo de informação. Eu fiz essa checagem de escalação, quais são as dúvidas, quem não é, porque determinado jogador vai pra partida e outro não, e fiz essa nota da escalação que foi publicada hoje. Amanhã vou ter o dia livre porque vou só para o jogo à noite, e vou aproveitar para assistir vídeos mais especificamente sobre o São Paulo, principalmente como jogou nas Copas, (porque é diferente um jogo de Brasileirão e quando tu joga por um resultado em um mata-mata). Essa é basicamente a minha rotina. No dia do jogo, o carro da Globo me pega em casa, vamos para o estádio e lá acompanho a chegada das delegações, para ver como está o clima e o semblante dos jogadores, como está o termômetro da torcida, como eles reagem, se está um clima de decisão ou não. Depois que acompanho a chegada das delegações vou para o setor da tribuna de imprensa e lá aguardo os jogadores irem pro campo. Este é um momento que gosto muito, pois consigo acompanhar o aquecimento e ele te diz muita coisa, principalmente em tempos pós-pandemia em que os jornalistas não têm acesso aos treinos. No Botafogo, por exemplo, nunca conseguimos assistir um treino do Artur Jorge que não fosse aberto para a torcida, então no aquecimento conseguimos ver como que está o jogador em finalização, cruzamento e outras questões com todos os jogadores em campo antes da partida. Depois de observar isso, acontece o jogo e após o jogo faço a coletiva de imprensa, onde durante o jogo tento extrair alguma pergunta para entender de fato algo que não tenha ficado claro para mim. Mas, gosto também de ser uma das últimas a perguntar para poder ver o que o treinador falou para de repente contrapor alguma situação ou perguntar algo que ele não tenha respondido. Após isso, fazemos a zona mista e encerra o turno. Claro que tem jogos que normalmente tem participação direto do estádio no "Tá na área" e temos que nos preparar para entrar no ar e fazer a participação de 15/20 minutos no programa do SporTV.

Pergunta: Quais as principais barreiras enfrentadas por uma mulher no jornalismo esportivo?

Resposta: Bem ampla esta pergunta! Mas, o que a gente não pode deixar de mencionar é que muitas andaram para que a gente pudesse correr. Então, hoje percebo que existem empresas que estão muito abertas a dar oportunidade para as mulheres, de fazer de certa forma uma reparação e estão livres daquele pré-conceito de que são poucas mulheres que entendem de

futebol. As empresas que ainda são fechadas para o assunto, precisam abrir um pouco mais a mente neste sentido de oportunizar que mais mulheres estejam ocupando estes espaços e que abram vagas especificamente buscando mulheres, onde a mulher não precise cobrir apenas o futebol feminino, e possa (deva) e precise estar no futebol masculino. Percebo que tem uma confusão muito grande nisso, vejo no Rio Grande do Sul essa situação muito forte, onde existe uma equipe de mulheres para cobrir futebol masculino e eu acho errado. Tanto o homem quanto a mulher devem saber de futebol feminino. Acho que a principal barreira é mais a questão de oportunidades que precisam ser criadas, mas não depende tanto da gente, depende mais do mercado se adequar a isso e entender este movimento que já está muito bem encaminhado. Aqui na Globo já existe uma política de inserção de mulheres e de ter mais equidade em termos de número de mulheres trabalhando. Isso serve de exemplo porque nem por isso caiu a qualidade dos conteúdos apresentados ou a audiência como todos falaram que aconteceria quando mulheres estivessem neste meio. Devemos esquecer essa ideia de que mulheres não têm capacidade! Enquanto as mulheres não estiverem com força neste meio, os homens jamais vão conseguir normalizar. Lembro de uma pessoa próxima a mim que falava que não conseguia assistir um jogo com uma mulher narrando, porque achava estranho e não conseguia se acostumar. Mas isso foi há três anos, atualmente eu não ouço mais esses comentários, pois isso já foi normalizado. Quanto mais formos ocupando os espaços, mais isso será normalizado e cada vez menos precisaremos falar mais alto para a nossa voz ser de fato ouvida e as pessoas vão parar de nos interromper quando estamos dando uma opinião. Acredito que o principal desafio não está nas nossas mãos, está nas mãos de terceiros e não depende da gente. Talvez dependa de outras mulheres que estejam em cargos de gestão dentro de grandes empresas de comunicação, em assessorias de imprensa e dentro dos clubes de futebol, para que mulheres possam ser contratadas também para trabalhar em assessorias de imprensa de clubes, canais de futebol e produção de conteúdo digital que é uma área que vem crescendo. Nesse sentido, eu encorajaria as mulheres a também se posicionarem dessa forma, gostaria de ter uma presença mais forte nesse sentido nas redes sociais, mas não dá para fazer tudo. (Risos).

Pergunta: De modo geral, você observa grandes diferenças de tratamento entre homens e mulheres nas redações e coberturas esportivas?

Resposta: Com certeza existe! E como eu disse, não necessariamente comigo, mas noto muitas vezes, enquanto consumidora dos conteúdos, mesas de debates onde uma mulher está

falando e não estão olhando para ela. Mas, volto a dizer, acho que diminuiu muito essa questão, ainda temos um longo caminho para percorrer e para ser resiliente, não absorvendo negativamente estas situações. Mas devemos nos unir umas às outras e nos empoderarmos para podermos passar por isso juntas. Às vezes é muito terapêutico conversarmos com outras mulheres que estão na mesma área para entender o que a outra passa e como ela conseguiu superar determinada situação para podermos superar também. Mas enfim, já senti a minha voz não sendo ouvida, já me senti insegura muitas vezes de falar e opinar sobre determinadas situações porque eu achava que aquilo poderia ser errado na visão de outras pessoas. Mas com a maturidade fui aprendendo que não existe certo ou errado, a minha opinião é a partir das minhas vivências e do que eu entendo e pode ser diferente, tá tudo bem ser diferente! Já aconteceu comigo esse tipo de situação, não necessariamente assédio, mas a pessoa que mesmo sabendo que eu sou casada, achava que tinha o direito de me chamar e conversar comigo, tentando interpretar de outra forma o motivo pelo qual eu procurei ela. Trabalho muito com fontes e 98% das pessoas com as quais eu converso são homens. Tenho que ter muito jogo de cintura para lidar com essas situações e por isso tenho algo que é muito meu, a minha forma de lidar e de dialogar com essas pessoas para não ser mal interpretada, é um cuidado que a gente tem que ter a mais. Com o passar do tempo vamos percebendo que o problema não está na gente, que precisamos sempre buscar melhorar, mas não podemos absorver tudo, principalmente essas diferenças de tratamento.

Pergunta: Em algum momento você sofreu algum tipo de preconceito ou assédio? Se sim, de quem veio? De torcedores, jogadores, treinadores, dirigentes ou dos próprios colegas de trabalho?

Resposta: Isso vem principalmente da torcida. O machismo e o preconceito acontecem muitas vezes de forma velada e a pessoa nem se dá conta, mas quem apanha sente. Já aconteceu isso em alguns momentos, já aconteceu de colega, no sentido de eu estar falando com um determinado homem e essa pessoa vir com um comentário: “esse cara aí te passando informação, já deu em cima de várias meninas”, e eu precisei falar que comigo nunca, porque parece que só pelo fato daquela pessoa estar me passando informação, ela está fazendo isso porque ela quer algo comigo e isso não faz nenhum sentido. Essa foi a interpretação de um colega, que acontece muitas vezes sem se dar conta. Talvez a forma como eu respondi para ele fez com que ele se desse conta do que ele tinha dito. Essas coisinhas acontecem com mais frequência, eu sou uma pessoa que dentro daquela estratégia de que eu sou muitas coisas, eu

tento também me blindar. Eu sei que tem muito jornalista que ama twitter, e eu sou uma pessoa que a única ação no Twitter é publicar ou retweetar alguma matéria que eu fiz. Não fico trocando ideia com torcedor, não faço elogios e nem críticas, não curto e não comento nada porque isso pode criar margem para falarem algo em algum momento ou para alguma discussão que eu não estou aberta a ter. Eu odeio o Twitter, então eu não estou lá para trocar ideia e essa é uma das formas que eu tenho para me blindar. Em 2020, no aniversário do Grêmio que apresentei, eu recebi alguns tweets de pessoas falando de mim, da minha roupa, da minha bunda, falando da minha voz irritante e várias outras coisas. Esse já não é um lugar que eu gosto de estar, então eu busco me blindar para que isso não me atinja. No Instagram que é a rede que eu mais uso, já tive também comentários, até publiquei no dia da mulher deste ano: “feliz dia da mulher para quem?”, e aí printei uma mensagem de um torcedor em que ele falava que eu não tinha direito de falar no podcast que eu achava algo sobre uma situação e me perguntando onde que eu joguei, pra quem cruzei e que eu tinha que tomar o meu lugar. E esse é apenas um tipo de mensagem que eu já recebi. Já bloqueei muitas pessoas que vêm tentando me colocar para baixo por algum motivo ou até mesmo que fazem comentários de cunho sexual. Então, esse assédio vem principalmente dos torcedores e por isso nem olho muito para o que escrevem, só bloqueio e sigo minha vida. Já foram várias situações. Mas nunca me permiti ser engolida por aquela situação e acreditar que uma pessoa que nem me conhece, não conhece a minha trajetória, a minha caminhada, o que eu lutei para estar aqui, quantas vezes eu deixei de brincar na rua com as minhas amigas porque eu queria ficar dentro de casa assistindo um jogo de futebol, pudesse me destruir. Esses torcedores não sabem o quanto eu lutei, porque para nós é muito mais difícil, atualmente estamos em uma geração diferente, onde as mães levam as filhas ao estádio. Há 20 anos atrás, quando eu era criança, meu pai me levava no estádio, mas muitas mulheres, os pais não levavam. Então, o homem ter que gostar e saber de futebol é muito mais natural considerando todo o processo. A mulher tem que passar por diversas situações no meio do caminho, às vezes está em uma roda de amigos conversando sobre futebol e não é ouvida, isso acontece muito. Então por isso eu digo, pra que dar ouvidos para alguém que está fazendo isso e não sabe o que eu passei, não tá na minha pele e deixar isso me abater? E dessa forma hoje quando converso sobre futebol, entre os amigos eu sou referência no assunto e isso é o meu troféu de ter autoridade naquilo que estou falando. Não sei de tudo, assim como ninguém sabe, todo comentarista que vai participar de uma bancada estuda antes para falar. Ninguém sabe o que muitas vezes a gente abriu mão para fazer o que fazemos, não é um caminho natural como para o homem, mas é

isso que nos torna ainda mais fortes, capacitadas e dignas de ocupar cada vez mais estes espaços. A trajetória que a gente percorreu, homem nenhum teve que percorrer.

Pergunta: Por ser mulher, você foi menos incentivada pela família e pelos amigos a seguir a carreira de jornalista esportiva?

Resposta: Nunca! Ninguém nunca me colocou para baixo. Eu venho de uma família em que fui a segunda pessoa a ter uma graduação. Nasci em Rosário do Sul e a minha família é toda de lá, do interior do Rio Grande do Sul e eu tinha seis meses quando meus pais saíram de Rosário do Sul para tentar a vida na cidade grande. Minha família toda é muito humilde, nunca me faltou nada, digo humilde porque ninguém tinha instrução acadêmica. Quando eu decidi fazer faculdade, conversei com a minha mãe e disse que a minha vontade sempre foi de trabalhar com o futebol. Não pensava em fazer necessariamente jornalismo, mas percebi que jornalismo é estar onde as coisas estão acontecendo e isso poderia se encaixar no futebol. Então, foi algo que me chamou atenção e decidi fazer vestibular para jornalismo. Não foi como outras pessoas que dizem que pegavam o microfone quando eram crianças e se imaginavam como jornalistas. Comigo não foi assim. Todo mundo sempre se entusiasmou muito comigo e eu lembro da alegria de quando recebi a ligação para estagiar no Grêmio. Meu pai nunca ligou para isso, em 2000/2001, quando eu tinha uns 6/7 anos, já morava em Canoas e tinha uma escolinha de futebol do Grêmio onde meu irmão ia treinar e eu fui lá acompanhar e fiquei enlouquecida e pedi para o meu pai que queria ir também. Não tinha nenhuma menina, mas mesmo assim, meu pai foi falar com o professor se eu poderia participar. Tinham uns 50 meninos e nenhuma menina, mas meu pai foi lá e me colocou na escolinha também e eu fui sem medo do que iriam pensar, eu só queria jogar. Meu pai sempre me incentivou muito e quando ele ia jogar futebol de salão sempre me levava junto, me deu chuteiras e eu fui para a quadra de futsal com ele. Meu pai e minha mãe sempre gostaram muito de futebol, mas meu pai sempre foi um grande incentivador, talvez não intencionalmente, mas na medida em que ele não me impediu de viver isso, de estar no meio dos amigos dele, de jogar futebol, de estar lá naquela rodinha de aquecimento ele me incentivou muito. Conforme as coisas na minha vida foram caminhando para isso, para ele foi motivo de orgulho, meu pai não é muito de demonstrar afeto, mas sei que muitas coisas que eu faço ele encaminha no grupo dos amigos com orgulho, de ver que a filha hoje está falando de futebol. Meu irmão troca muita ideia comigo e minha mãe também tem muito orgulho e eles nunca me desencorajaram pelo fato de ser difícil. Acho que a trajetória da minha família tem muito isso de superação e

encorajamento de sair do interior e ir encarar a vida na cidade grande, minha mãe foi mãe muito nova, com 15 anos do meu irmão e com 17 de mim, depois veio minha irmã mais nova, mas foi muito encorajamento, perrengue e apoio. O fato de ser mulher e estar querendo trabalhar com o futebol foi a consolidação de um amor que eu tinha pelo esporte, a oportunidade de me encorajar mais uma vez a partir das vivências que eles tiveram e a possibilidade de enfim poder concretizar um sonho deles que era ver uma filha formada, independente da situação. Agora vivemos longe, eu aqui no Rio e eles lá em Canoas, mas consigo trazer eles pra cá para viverem tudo isso. Agora em julho levei eles no Nilton Santos, dei camisa pro meu pai e esses momentos são muito legais. Eles não ficam me assistindo o tempo todo e lendo as minhas matérias, mas tenho certeza de que eles tem muito orgulho de tudo o que consegui construir.

Pergunta: O que falta dentro das emissoras de televisão e rádio para que homens e mulheres recebam as mesmas oportunidades na cobertura esportiva?

Resposta: As emissoras precisam oportunizar que mais mulheres possam se inserir neste meio e ter uma visão gestora de abrir espaço para essas novas mulheres que se interessam em trabalhar com esportes. Além disso, é importante que eles observem nas redações que às vezes a pessoa não está na linha de frente, mas mostra um interesse maior de participar. É a mesma ideia de captação no futebol, das categorias de base, observar talentos e catapultar eles. A mulher precisa estar na linha de frente e precisa ter igualdade, a equidade a gente não vai atingir amanhã ou depois de amanhã, para chegar a isso, ainda temos um caminho a ser percorrido, mas a medida em que vão surgindo novas mulheres no jornalismo, percebemos que é possível, que podemos ser umas como as outras e seguir os mesmos caminhos. É questão de representatividade, estamos no caminho certo para que isso aconteça, mas na parte das empresas é necessário criar projetos voltados para mulheres, assim como vimos da ESPN há um tempo atrás que buscou uma voz feminina para narrar determinado jogo, não apenas femininos, mas também masculinos. Além de conscientizar as pessoas da importância da participação feminina nestes ambientes, oportunizar, acreditar e ter paciência em alguns momentos porque ainda existe um processo a ser percorrido para a mulher ser completamente normalizada na cobertura esportiva. Quanto mais tivermos situações sobre o papel da mulher na sociedade, mais essa situação da mulher no esporte será normalizada e isso depende de vários âmbito da sociedade, mas enquanto empresa, esse tipo de atitude ajudaria também.

Pergunta: Como a formação acadêmica pode contribuir para a superação do preconceito em relação à mulher na cobertura esportiva?

Resposta: Atualmente a formação acadêmica é essencial, pois quando passamos pela faculdade aprendemos muito, ninguém sem uma formação, exceto comentaristas que tem propriedade para falar sobre os assuntos, consegue fazer a nossa função. A experiência real é no dia a dia, no trabalho e é isso que vai te trazer bagagem, o perrengue, a coisa que não dá certo de primeira, no improviso, no B.O que tu precisa resolver, no desentendimento, no momento em que tu deu uma notícia e teve que reparar danos. É fora da faculdade que aprendemos muitas coisas e que descobrimos como lidar com essas situações de preconceito. A faculdade ensina e é fundamental para a vivência, para conhecer pessoas do ramo e ter noção das coisas básicas do fazer técnico, mas é o dia a dia que vai te embasar para o futuro. Quando eu falei dos pilares, me refiro que a graduação é muito importante, mas tem muitas outras coisas, porque o jornalista trabalha muito e precisamos ter outra válvula de escape para lazer. Sabemos que existem muitas vezes desafios financeiros que precisamos resolver, subindo degrau por degrau, quando começamos, principalmente como estagiário é uma situação muito desafiadora. São muitas áreas da vida que precisamos lapidar para ser uma boa profissional e enquanto mulher ainda melhor nesses quesitos, todos de machismo e preconceito. A formação é fundamental, mas é parte, depois dela vem uma série de pilares para lapidar e aprender a lidar com situações desagradáveis.

ENTREVISTA COM A JORNALISTA CAROLINA FREITAS

A entrevista com a profissional foi realizada através da plataforma Google Meet no dia 20 de setembro de 2024.

Pergunta: Como é o dia a dia de uma repórter?

Resposta: Atualmente trabalho seis dias por semana e folgo um dia, geralmente essa folga é no sábado ou no domingo. Nessa semana trabalhei de segunda a sexta, folgo amanhã (sábado) e trabalho no domingo. Todos os dias oito horas, menos no final de semana que são seis horas. Agora que estou focada mais no futebol feminino, meu dia basicamente é buscar informações sobre o que está acontecendo. Como estamos em um momento que não temos a dupla Gre-Nal jogando pelas competições e só vão entrar em campo pelo Gauchão Feminino que começa em outubro, agora só temos os times do interior em campo e temos uma carência muito grande de informações sem a Seleção brasileira em campo também. Nos últimos dias, meu foco tem sido buscar informações, descobrir para onde vão as atletas, quem vem, falar com empresário, mais a questão de apuração. Agora que mudei de função de editora para repórter, é claro quando tem jogo fazemos um acompanhamento maior. Eu vou para o estádio, faço a crônica da partida, que é o texto que vai para o site e muitas vezes vai para o jornal impresso também, fazemos boletins na rádio, onde o futebol feminino entra em três programas: o "Hoje nos esportes", o "Show dos esportes" e o "Esporte e Cia". Então geralmente faço ao vivo o "Hoje nos esportes" com o Lucianinho e gravo para os outros programas porque eles vão ao ar no horário que eu já saí da redação. O boletim fala das principais novidades do futebol feminino, o que temos de informação, o que vai acontecer nos próximos dias, enfim, alguma coisa sempre tem que ter, mesmo que não tenham jogos acontecendo e nem nada muito forte. A gente grava o "Resenha das Gurias" também, que é um podcast semanal da RBS que fala sobre futebol feminino e já temos mais de um ano de podcast, com mais de cem episódios gravados. Gravamos o desta semana ontem (na quinta-feira) e a partir de agora está saindo no YouTube também, então gravamos em vídeo, depois o áudio vai para o Spotify e para o SoundCloud e após vira matéria no site. Tudo isso, a gente que faz. Grava entrevista, tem alguns especiais que estou fazendo agora que estamos sem jogos, então por isso estamos tentando encontrar algumas histórias mais diferentes, que não conseguimos acessar durante a

temporada, porque ao longo da temporada é tudo muito corrido. Por exemplo, esse último Brasileirão feminino teve jogo no final de semana e no meio da semana também. Então não temos tempo para descobrir muitas informações. Por exemplo, o Internacional tem uma goleira, a Mari Ribeiro, que já foi atleta de atletismo. No meio da temporada não temos tempo de descobrir que isso aconteceu, que ela já participou de outros esportes e sentar para conversar e ouvir. Essas coisas agora que estou tendo mais tempo, estou aproveitando para fazer, procurar umas histórias legais. Estou fazendo uma pauta sobre saúde mental no futebol feminino também. E este é um tema que exige um estudo a mais, preciso parar, ler sobre o assunto, o que envolve saúde mental, quais são os dados do Brasil para ver se a pauta se sustenta, preciso conversar com fontes, etc. Na teoria aprendemos que toda matéria tem que ir ao ar com três fontes, mas, na prática, não funciona assim. Nessa matéria que estou fazendo, que é uma matéria mais pesada e tem um tema mais forte, que necessita de um cuidado maior, aí, sim, temos quatro fontes. Nesses últimos dias estive envolvida com isso: em ler sobre saúde mental, sobre depressão, ansiedade, conversei com duas atletas que tiveram depressão e passaram por isso. Vou conversar com duas psicólogas nos próximos dias e já li muito sobre isso, sobre como funciona essa turbulência toda. Além do futebol feminino participo do "Bola nas Costas" uma vez por semana, faz uns três meses que virei semanal no Bola, então geralmente na terça-feira participo e é uma hora para falar de esportes e como nunca escondi meu time, eu torço para o Juventude, participo mais como representante do Juventude. Minha rotina no macro é mais ou menos essa.

Pergunta: Qual a preparação necessária de um repórter para a cobertura de uma partida?

Resposta: Como geralmente fazemos a cobertura do jogo para o site, as informações que preciso ter, eu já vou construindo durante a semana nas matérias que vou fazendo. Todo jogo feminino que tem, sempre fazemos o serviço para o site. Por exemplo, tem Gre-Nal pelo Gauchão feminino, Grêmio e Internacional: onde assistir, escalações e como chegam. Com este material que fazemos já estamos preparados pela cobertura. E eu, particularmente, sou muito metódica, então tenho uma tabela de organização de todos os gaúchos que disputam competições nacionais. Tenho do Inter, do Grêmio, do Juventude e do Brasil de Farroupilha, e eu atualizo isso depois de todos os jogos com todos os números, quem tem mais partidas, mais gols, quais foram as maiores goleadas, quais foram as maiores derrotas, assistências, cartões amarelos, tudo que possa me ajudar. Geralmente eu já me preparo durante a semana para no jogo não ter nenhum trabalho a mais. Quando transmitimos o jogo na rádio, aí é diferente,

pois precisamos saber além do que já estamos habituados. Geralmente, transmitimos na rádio apenas os Gre-Nais e as decisões, então, eu tenho um arquivo no drive, onde estão os nomes de todas as atletas dos elencos da dupla Gre-Nal e todas as informações necessárias sobre elas. Então, por exemplo: a Mari, goleira do Inter, ela já foi convocada para a seleção no mês tal pela Pia, disputou tantos jogos, sofreu tal lesão, no mês tal, antes vir por Inter ela participou de tal e tal coisa, a família dela é tal e tal coisa, então são informações mais complementares. Porque, ao longo da partida que estamos transmitindo, alguém foi destaque e é alguém que não é costumeiramente destaque e se é alguém que surpreende neste sentido, às vezes não temos essas informações na cabeça. Por exemplo, a Priscila é uma atleta que eu vi chegar com 17 anos no Inter e acompanhei até que ela saiu. Então era uma atleta que eu sabia as informações, sabia de onde ela tinha vindo, sabia que ela tinha chegado no Inter com 17 anos, que tinha disputado a copinha e essa tinha sido a primeira competição dela, que em todas as informações ela foi artilheira do Inter, então tudo isso eu sabia, porque ela era um destaque óbvio. Mas, por exemplo, quando temos um destaque surpreendente, precisamos ter essas informações anotadas. Então como eu posso ser surpreendida pelos fatos, nesses arquivos coloco tudo, todas as informações que possam ter em entrevistas que já foram feitas com as atletas, até que não foram feitas por nós, mas que elas já tenham falado para algum lugar e que possam ser úteis nesse momento. Altura de goleira e de jogadora, até quando vai o contrato, todas essas informações são úteis. Porque na rádio é mais sistemático, não temos o mesmo tempo que no site. Para o site quando tenho alguma dúvida, eu posso pesquisar para escrever e na rádio não, não temos tempo, quando o narrador me chama, preciso ter a informação em mãos. Já me aconteceu uma vez do narrador me pedir “E aí Carol, essa dupla de zaga, joga junto a bastante tempo, né?” e na minha cabeça eu lembrava que elas jogavam juntas desde 2020, e falei essa informação, que desde 2020 elas eram a zaga do Inter e eu fui falando as informações, mas isso me pegou desprevenida. São coisas que na jornada não podemos dizer: “pois é, não faço a menor ideia”, então precisamos estar muito bem munidos de informações.

Pergunta: Quais as principais barreiras enfrentadas por uma mulher no jornalismo esportivo?

Resposta: Acredito que seja o machismo**.** Quando comecei como estagiária no Pioneiro só tinha eu, era a única mulher do esporte do interior. Aqui em Porto Alegre já temos mais mulheres trabalhando, então percebo que atualmente vem aumentando o número de mulheres na redação de esporte, porém, ainda muito longe do ideal. Não temos uma equidade de, por exemplo, 10 mulheres e 10 homens, mas temos uma quantidade muito maior do que quando

eu cheguei. Acredito que são várias coisas que a gente pensa “meu Deus, o que posso fazer para mudar isso?”, tem algumas coisas impregnadas no ambiente do jornalismo esportivo, algumas piadas que “são costumeiras” em um ambiente tomado por homens. Então quando tem algumas mulheres, fico pensando “meu Deus, eu não posso estar ouvindo isso”, e às vezes tu estás ouvindo isso sim, infelizmente. Lembro que quando fiz meu TCC, conversei com a Renata Medeiros, que na época trabalhava ali na rádio e se eu não me engano ela era a única mulher da rádio, e ela disse que não percebia muito, que era muito velado esse machismo que tinha. Teve uma situação que aconteceu com ela, até ficou famosa, que foi quando o Guto Ferreira foi machista com ela em uma coletiva e ela disse que a partir daquele momento passou a perceber pequenos fatos que era machismo velado na redação. Então, acho que isso é bastante complexo, até mesmo o fato da relação com os atletas. Quando eu trabalhava no Pioneiro, os guris seguiam todos os jogadores nas redes sociais e eu não seguia nenhum. Um dia me perguntaram o porquê de eu não seguir nenhum, sendo que isso iria me ajudar com informação e aí eu disse que não seguia porque se eu começasse a seguir todos os atletas, eles iriam se achar no direito, na liberdade de vir dar em cima de mim, por acreditarem que isso era uma brecha. Nem do próprio Juventude eu sigo os jogadores. Sei que isso é algo que não é culpa minha, mas sim deles de terem esse pensamento. Mas não tem como eu acabar com isso, então para me preservar, eu não faço. Não sigo porque não quero ter esse desgaste a mais. São várias coisas que temos em uma sociedade que ainda é bem difícil nesses assuntos, nunca me aconteceu nada assim de torcedor vir para cima de mim presencialmente com alguma situação. Até porque trabalho com futebol feminino e não tem esse tipo de situações com atletas também. Mas, sei que é muito complexo e estamos muito longe do que é vendido como ideal, seja em número de pessoas trabalhando nas redações ou no próprio ambiente que às vezes te faz repensar se é isso mesmo.

Pergunta: De modo geral, você observa grandes diferenças de tratamento entre homens e mulheres nas redações e coberturas esportivas?

Resposta: Observo que sim. E acho que muitas vezes isso fica mascarado pelo fato de que o fulano e o ciclano tem mais experiência que a fulana e a ciclana. Isso fica muito nítido quando vemos, por exemplo, uma cobertura de Jogos Olímpicos ou de Copa do Mundo, pois nestes casos, o maior número de pessoas que vão são de homens, com exceção da Alice Bastos Neves, todos os outros são homens. Na Copa do Mundo feminina, por exemplo, não mandaram nenhuma mulher que acompanhava futebol feminino, mandaram um homem

porque ele tem mais experiência. Isso me estressa um pouco porque estou nesse ambiente. Até tem uma situação nesse caso da Copa do Mundo feminina, que tivemos no ano passado, porque as pessoas que acompanham futebol feminino direto lá na firma somos eu e a Valéria, e a pessoa que foi para fazer a cobertura foi o Rodrigo Oliveira que é muito competente, é a pessoa que mais fala idiomas na empresa e que mais viajou para coberturas deste gabarito, e ele estudou muito, fez uma planilha imensa com arquivos de Copa do Mundo feminina, foi preparadíssimo e isso não entra em critério para mim. O que entra em critério é o fato de que ele é uma pessoa que não acompanha o futebol feminino, e para a empresa compensava mais mandar um homem que está há mais tempo fazendo isso do que apostar em outra pessoa. Então, isso é o tipo de coisa que me incomoda um pouco, e às vezes desgasta, essa situação da Copa do Mundo me gerou um desgaste muito grande internamente, porque muitas pessoas vinham nas redes sociais me perguntar porque não era eu indo e a minha vontade era de dizer que se fosse eu que decidisse, com certeza eu iria, mas não funciona assim. Precisamos respeitar uma hierarquia e ela é assim. Esse é um dos fatos para mim de que, não só por ser homem, mas vamos acreditar em um homem que tem mais experiência que outras pessoas. E nisso a gente entra em um processo que também tem alguns colegas homens mais jovens que falam a mesma coisa, acham que nunca vão ir para um Jogo Olímpico porque não tem experiência e a empresa nunca vai proporcionar isso. Talvez entre nesse mérito de que vão sempre os mesmos e quem é novo que se vire.

Pergunta: Em algum momento você sofreu algum tipo de preconceito ou assédio? Se sim, de quem veio? De torcedores, jogadores, treinadores, dirigentes ou dos próprios colegas de trabalho?

Resposta: Isso nunca me aconteceu, não que eu tenha percebido pelo menos, porque às vezes a gente passa por umas situações veladas que a gente não percebe mesmo. Então, nunca me toquei de ter acontecido algo assim comigo. Mas, nas redes sociais, a gente sabe que é complicado. Eu participando do Bola, por exemplo, sei que se eu abrir uma publicação do Bola vou encontrar oito mil comentários machistas ao meu respeito. Já fui questionada por uma menina que torce para o Juventude sobre como que aguento o *hate* e eu disse que eu lido com ele, não lendo o que me enviam. Na primeira vez que participei do Bola, fui ler a live do programa e da minha voz ao que eu entendia de futebol era tudo de pior que tinha e eu internalizei aquilo e fiquei muito mal. Depois disso comecei a pensar no que eu ganho ouvindo isso, qual o ponto positivo que eu vou ter para a minha vida se eu parar meia hora do

meu dia, abrir uma live e ficar lendo só as pessoas me xingando. Então, a partir daquele momento desativei as notificações do Twitter, do Instagram e deixei apenas o WhatsApp, apenas por trabalho. Nunca mais li mais nada, mas sei que sempre tem gente me xingando, tem uns que até assediam nas redes sociais. O Instagram é muito inteligente porque ele manda essas mensagens para spam e aí eu não vejo, mas teve uma situação que eu descobri que tinha um lugar que apareciam mensagens ocultas que não apareciam em notificações. Fui ler o que tinha lá e encontrei absurdos, uma caixa de lixo, li de tudo lá, homens me assediando e me xingando, mas sei que não vale a pena ficar respondendo e perdendo o meu tempo com um desgaste desnecessário. Se eu sendo mulher estou falando de futebol, vai sempre ter alguém falando alguma coisa. Eu faço terapia uma vez por semana e eu falei para minha psicóloga, a forma como eu aprendi a não sofrer com isso, é ignorando, se não, não vivo. Eu já fui essa pessoa que responde os outros nesse sentido e às vezes respondo algo no Twitter quando alguém vem querer me ensinar sobre futebol feminino e respondo bem Mariana Spinelli, já que quis vir me falar algo, vai levar uma para aprender a nunca mais fazer isso. Mas só respondo quando alguém vem querer me ensinar a fazer meu trabalho, porque aí eu me irrito. Quando fiz meu TCC pesquisei muito sobre isso e eu lembro que li uma entrevista da Ana Thaís Matos, falando sobre as crises de ansiedade que ela tinha por conta disso. Isso é algo que discuto muito na redação, ainda existe muita discordância sobre a Ana Thaís Matos, porque ela é uma mulher falando e teve autoridade para dizer que o Dorival Júnior era um péssimo treinador para a Seleção brasileira e foi duramente criticada por dizer aquilo. Tempos depois isso se confirmou, ela estava certa, mas ninguém, em nenhuma hipótese, iria pedir desculpas para ela, porque as pessoas não discordam da opinião, elas discordam da pessoa. Infelizmente é muito difícil acabar com isso nessa geração de agora, mas tenho muita fé que isso mude para as duas próximas e seja tudo diferente. Vejo pelo meu irmão mais novo, porque a cabeça dele é muito mais aberta em relação a tudo, então torço para que toda essa galera da nova geração tenha essa mesma cabeça para que possamos evoluir sobre isso.

Pergunta: Por ser mulher, você foi menos incentivada pela família e pelos amigos a seguir a carreira de jornalista esportiva?

Resposta: Na verdade, o jornalismo foi a minha terceira opção. Eu não queria fazer jornalismo. Fiz magistério, porque queria fazer pedagogia, mas no meio do magistério eu decidi que não era isso que eu queria e fiz vestibular para matemática e um semestre no Instituto Federal, até perceber que não era para mim. E aí pensei muito “o que eu vou fazer da

minha vida?" e nesse ponto eu já pensava que não existia nada que fosse para mim, não sabia realmente o que eu queria fazer. Até que a minha mãe me pediu o que eu gostava de fazer e eu disse que gostava de assistir futebol, mas não existia a profissão torcedor. E daí ela me aconselhou a fazer um semestre de jornalismo ou de educação física, mas eu sempre fui uma negação em esportes, era aquela aluna que não fazia educação física, então essa área não era para mim. Aí me matriculei no jornalismo. Prestei vestibular na Universidade de Caxias do Sul, mas foi muito naquela de "vou fazer um semestre, e se eu odiar, daí voltamos a nada de novo e precisaria pensar em uma quarta opção. E aí fiz um semestre, fui gostando e fiquei, mas entrei no jornalismo convicta de que iria trabalhar com esporte ou não iria trabalhar com jornalismo, porque outra opção não me servia. Eu sou a irmã mais velha, então meu pai sempre me levava no estádio para assistir aos jogos, desde criança e por isso meu pai sempre foi muito tranquilo por eu ser mulher e gostar de futebol, inclusive, é por incentivo dele que sou assim, muito envolvida com esporte. Nunca houve nada nesse sentido de não me apoiar. Muito pelo contrário, ele sempre torcia muito por mim e me falava que iria dar tudo certo. Eu várias vezes pensava se era isso mesmo que eu queria e ele me incentivava a ir. Durante toda a graduação eu fui aquela pessoa que fazia todos os trabalhos sobre esportes e quando tinha trabalho em grupo, o meu grupo era o do esporte. Sempre fiquei marcada na faculdade por ser a pessoa que iria fazer o trabalho sobre esporte. Inclusive eu aconselho quando algum estudante vem me perguntar "o que tu acha que eu devo fazer?", a ele saber o que quer. Se ele quiser esporte, então ele vai se dedicar ao esporte para que os professores também possam saber, quando surgir uma vaga na área, que essa pessoa gosta de esporte e entende muito, além de estar envolvida. Meu foco sempre foi ser a maluquinha do esporte na graduação, para ficar marcada como essa pessoa. E assim que tudo deu certo.

Pergunta: O que falta dentro das emissoras de televisão para que homens e mulheres recebam as mesmas oportunidades na cobertura esportiva?

Resposta: Falta uma evolução como sociedade. Sempre que vemos uma mulher em uma posição que a sociedade só está acostumada a ver homens, a gente ouve questionamentos a respeito do que ela fez para estar ali. As pessoas acham que estão colocando mulheres ali só para ter cota. Então, isso é algo que me irrita um pouco e em algumas outras situações me irrita o fato de colocar a mulher só por colocar e deixar qualquer mulher, para fazer com que essas pessoas achem que tenham razão. Por exemplo, um clube de futebol, queria colocar dirigentes mulheres a frente do departamento feminino. Colocou dirigentes mulheres a frente

do departamento, mas apenas por colocar, sem que ela tivessem uma experiência naquilo, soubessem o que estavam fazendo. E isso abre uma margem para as pessoas poderem falar que só colocaram porque era mulher e ela está fazendo um trabalho ruim. Então, eu acho que temos mulheres capacitadas para todas as áreas e vai do profissional que está selecionando, fazer o trabalho dele bem feito e não colocar só por colocar. Precisamos evoluir como sociedade nesse sentido de as pessoas entenderem que não é só pelo número ou só porque a sociedade cobra, por estarmos em 2024 e ainda nas redações esportivas ter mais homens. Tanto é, que se tu perguntar para alguma mulher que trabalha na imprensa de Porto Alegre, ela sabe o nome de todas as mulheres que trabalham nos jogos, porque são poucas. Então, acho que o ponto um é esse, as pessoas que contratam entenderem que não é só por número, que é por capacitação também e a gente tem muitas mulheres capacitadas para isso. E o segundo ponto é esse sentido de a sociedade parar e evoluir, e eu acredito que isso só vai acontecer na próxima geração, porque é um pensamento muito retrógrado no sentido de tudo que envolve a mulher. A mulher precisa provar em todos os jogos que ela é boa e eu falei isso uma vez que participei de um Bola e o Lelê. Ele não havia assistido ao jogo e só visto um lance polêmico, e falou que não foi pênalti. Era um lance do Rodrigo Eli na área com um jogador de outro time e o jogador do outro time caiu, os dois caíram, na verdade. E ele disse que não foi pênalti porque ele achou que era na área do outro time e ia ser pênalti contra o Grêmio e, na verdade, tinha sido pênalti na área do Grêmio e o pênalti era dele. Isso virou recorte nas redes sociais, virou uma zoação total. Eu até comentei com os guris, se eu cometo essa gafe, não iria ter uns comentários engraçados dizendo “meu Deus, estava em Nárnia”, ia ser “meu Deus, não sabe nada de futebol, não sabe nem qual é a área do adversário. Então, acho que esse é um pensamento muito impregnado na sociedade. Infelizmente vivemos em pleno 2024, em uma sociedade que ainda é muito machista e que acha que a mulher precisa provar que é boa a cada jogo. Então, um erro de uma mulher vale 20 vezes mais que o erro de um homem e ela precisa provar a cada jogo que está capacitada para estar ali. E nessa sociedade também a mulher não pode errar nunca. Isso era algo que me assustava muito quando eu ia fazer transmissão de rádio, um erro meu ao vivo, teria o peso 60 vezes maior do que o erro de um colega homem e isso me preocupava muito. Agora eu já lido melhor com isso, sei que em algum momento eu vou errar e tá tudo bem, não posso me levar na onda dessa galera que está louca para que eu cometa um erro, para poder comprovar a tese de que mulher não tem que estar ali. Precisamos evoluir muito, inclusive a cabeça das próprias mulheres que ficam procurando erro em outra mulher para provar que é mais capacitada que ela. Tudo isso é muito complexo, estamos muito atrás do que é o ideal como sociedade neste sentido. Mas espero que

essa evolução aconteça em algum momento, coloco muita fé na próxima geração para tudo, que eles vão assistir ao futebol feminino sem sexualizar as atletas, que vão assistir à jornada esportiva na televisão e vai ver que tem uma narradora e duas comentaristas e não vai pensar "meu Deus, não aguento a voz dessa mulher". Espero que mude também o fato de que não importa que a Renata Silveira vai acertar todos os nomes na transmissão e depois o Luiz Carlos Júnior vai errar cinco nomes, a Renata Silveira é pior porque ela me irrita e a do Luiz Carlos Júnior não, mesmo errando tudo, porque ele é homem.

Pergunta: Como a formação acadêmica pode contribuir para a superação do preconceito em relação à mulher na cobertura esportiva?

Resposta: Sendo bem sincera, acho que tudo o que eu aprendi sobre jornalismo foi na vivência, porque a faculdade não te prepara para nada disso. Isso eu aprendi no meu primeiro estágio ainda. Na faculdade tu aprende que as coisas são muito quadradinhas e muito perfeitinhas. Já na realidade, as coisas são muito diferentes. Se tu vai fazer um programa ao vivo, é tudo atropelado, não tem a lauda com quatro linhas e duas barras para decretar o final do que tu vai falar e se vai começar uma fala nova tem que dar página nova. Isso não acontece. E eu lembro que o primeiro roteiro que eu fui fazer do "Notícia na hora certa", da Gaúcha Serra, já me ensinaram que na graduação o roteiro é todo em caixa alta e coloca o ponto e as barras, mas na realidade é tudo diferente. Então eu acho que o que eu aprendi de jornalismo eu aprendi na vida. Tanto é que hoje, quando vou dar um boletim na rádio, eu não uso lauda nenhuma, uso só a minha cabeça e é um negócio que tu vai aprender, porque precisa ganhar confiança com o passar do tempo. E essa confiança não tem como aprender na faculdade. Aprendemos com a experiência. Então, isso era algo que me assustava muito nos primeiros boletins que eu dava quando era estagiária, porque era algo que eu precisava saber da minha cabeça, por exemplo, saber que o Juventude jogava em tal dia contra tal time pelo Brasileirão às quatro da tarde. Para falar no ar, eu precisava ter tudo anotado pra não esquecer, mas hoje não, já tenho confiança suficiente para ligar o microfone da Gaúcha e falar "Fala, Lucianinho! Tudo bem?", fazer uma brincadeira e dizer "Bah, as gurias jogam mesmo este final de semana, o que tu acha que vai acontecer? Tu acha que Corinthians ou São Paulo vai ser o campeão brasileiro?". Então, isso de prática de jornalismo tu aprende na vida mesmo. Tu pode até ter uma base na universidade, mas o que vai te formar mesmo como jornalista são as vivências. Aprender o ambiente mesmo, é sentar ao lado de uma pessoa muito capacitada e conversar. E eu tenho muita sorte de trabalhar com muitas pessoas capacitadas e que tem essa

generosidade de sentar do meu lado e conversar. Nunca vou esquecer que a primeira jornada que eu fui fazer, eu estava apavoradíssima, era Grêmio x Corinthians pela Supercopa feminina. E o Lucianinho sentou do meu lado e falou: “Carol, tu sabe que se eles estão te mandando, é porque confiam em ti. Tu não precisa ficar nervosa. Tu é a pessoa que mais entende de futebol feminino aqui, tu entende mais que todos nós juntos, não sei porque tu está nervosa”. Isso faz uns três anos e eu lembro até hoje porque o Lucianinho parou o tempo dele para ficar 20 minutos conversando comigo para me tranquilizar, e nem era ele que iria narrar o jogo. Isso foi por um ato de generosidade mesmo. E uma parte muito boa que eu sei e valorizo muito, é a de estar em uma redação com muita gente experiente. Porque direto eu sento, por exemplo, com o Rafael Divero e antes de apresentar uma pauta para o chefe sempre peço o que ele acha, por qual caminho eu vou e com quais pessoas eu falo. Eu sento na mesa com outras cinco pessoas, e é muita sorte eu ter essa tranquilidade de pedir para elas sobre o meu trabalho ou sobre o que estou pensando para as coisas darem certo. Então, essas são coisas que tu consegue muito com o passar do tempo e com a sorte também, porque eu sempre digo que tive muita sorte de na época que eu era estagiária abrir uma vaga para esportes e as coisas irem dando certo. Com o passar do tempo, percebi que estava no lugar certo e na hora certa. E sobre o ambiente, eu acho que nem a vida te prepara para algumas situações que vão acontecer, porque em algum momento as coisas fogem muito do controle. Nunca me aconteceu nada de eu estar no estádio e rolar algo machista a meu respeito e eu não sei como eu reagiria de ouvir alguma coisa machista de algum dirigente ou de algum treinador, ou torcedor. Agora que eu fui falar sobre treinador, lembrei que já aconteceu, na verdade, sim, uma situação por rede social em que um treinador me assediou. Era um treinador que treinava a dupla Gre-Nal feminina, e me mandou um dia que participei do Bola uma mensagem a respeito do programa e falou que tinha uma informação par nós. Aí eu disse para ele: “manda, professor” porque informações são sempre bem-vindas. E ele disse para que eu desse uma moral para ele. Na hora respondi que, claro, iria dar uma moral para ele no Resenha das Gurias, falar que ele era um baita treinador. E ele me respondeu com um “não me atiça, kkkk”. Na hora me subiu o sangue por entender a moral que ele queria. Sabe quando tu está comendo e embrulha o estômago? Foi isso que aconteceu, estava almoçando com os guris e precisei parar. Respondi ele na hora, fiz um print e mandei para a Nani Chemello, que é uma das melhores pessoas do jornalismo esportivo que existem, e que abriu muitas portas para mim quando eu cheguei em Porto Alegre e comecei fazer futebol feminino. Mandei mensagem para ela e falei: “amiga, tu acha que isso é o que eu estou pensando?”, e ela falou que era isso mesmo que eu estava pensando e aí depois disso eu peguei a mensagem dele e

respondi: “não estou entendendo o que tu está falando, eu estou me referindo a te dar moral nos programas que eu participo”. E aí ele começou a falar que estava brincando e percebeu que sou uma pessoa militante nesse sentido e não me envergonho em nada. Semanas antes de receber essa mensagem dele, um treinador da base do Grêmio foi demitido por racismo. E ele era um treinador que sabíamos que assediava as meninas nos bastidores, mas não tínhamos provas para derrubar ele. Só tínhamos a informação de que ele assediava as meninas. E eu queria muito fazer alguma coisa, então conversei com todo mundo e ninguém me dava um norte do que eu poderia fazer. Até que ele foi racista em um live e gravaram. Nesse momento eu pensei “agora nós vamos derrubar esse cara”. A live foi para o ar e eu fiquei uma semana mandando mensagem para o Grêmio e disse para os meus amigos torcedores do Grêmio que me passaram a informação de que ele assediava as meninas para que eles confiassem em mim, que ele iria cair por bem ou por mal. E após uma semana de mensagens ele foi demitido. Duas semanas depois da demissão teve um evento na Federação Gaúcha e esse mesmo treinador que me assediou pelas redes sociais estava lá. Ele me disse que eu tinha feito de tudo para derrubar o fulaninho e eu disse que faria de novo. Assediador, racista, tudo isso que ele fez, eu não compactuo com nada, não acho que isso seja um ambiente saudável para as atletas. E nesse momento me doeu muito ouvir de uma atleta que a gente precisa ouvir o ponto de vista dele a respeito da situação. Ela era capitã do time, e como as outras atletas vão ter coragem de conversar com a capitã se ela defende essas coisas? Eu fiquei chocada e falei que eu sempre vou fazer pelo lado certo. Quando ele percebeu que eu tinha dado um corte nele, ele percebeu que eu seria capaz de expor ele. E eu pensei nisso, se ele falou isso para mim, que sou jornalista e não sou subordinada dele, imagina o que ele não fala para as atletas. Ele sabe quem e como eu sou e sabe que eu sou capaz de fazer de tudo o que estiver ao meu alcance para tirar essa gente. Infelizmente o ambiente do futebol feminino é um ambiente que tem muita gente que faz esse tipo de coisa, que assedia, desmoraliza e humilha atletas e muito dificilmente conseguimos provas para derrubar essas pessoas, porque o futebol feminino é muito difícil. As meninas têm muito medo e com razão, eu jamais culparei elas por isso. Porque outros clubes talvez não queriam contratar elas por isso, por serem “atletas problemáticas”. E quando aconteceu isso comigo, ele tentou puxar vários outros assuntos comigo para eu esquecer, achar que era uma brincadeira mesmo, eu não respondi e depois falei para a Nani e comecei a refletir sobre quando foi que eu abri alguma brecha para ele fazer aquilo e depois pensei em quantas meninas não pensam nisso. Isso é algo que está muito impregnado na sociedade, porque sabemos que vamos ouvir, eu sei que se eu me expusesse todo mundo iria achar que eu tinha feito algo para ele achar que tinha liberdade de fazer

aquilo. O ambiente do futebol no geral é muito difícil e tóxico. Felizmente, uns dois meses depois esse cara saiu e foi embora do Rio Grande do Sul e tentou fazer o nome dele como treinador de outro time. Essa é uma situação que torci tanto para esquecer, que às vezes esqueço mesmo, deleto da cabeça e não lembro. Muitos profissionais como esse estão há muito tempo no futebol, e acham que estão acima da lei e provavelmente fizeram várias vezes isso e não deu nada. Eu, particularmente, tento me meter demais nisso. Na minha cabeça, quando fiz jornalismo, eu nunca pensei em mudar o mundo, nunca foi minha pretensão. E em várias situações como essas a gente se sente impotente diante do que está acontecendo. Isso me frustra muito, não ter um poder para que tudo seja diferente. Mas enfim, a gente trabalha para minimizar de alguma forma essas coisas, para que seja um ambiente menos pesado. Falo muito, principalmente para as jogadoras do Juventude que tenho mais proximidade. Se estiver acontecendo alguma coisa é para elas me falarem, pode ser que eu não resolva, mas se elas confiarem em mim para contar, eu tento resolver de alguma forma, porque fico imaginando o quão tóxico é um ambiente em que tu não pode confiar nem no teu treinador. Já ouvi muitas histórias de atletas que entraram em depressão porque eram humilhadas constantemente pelos treinadores. Isso para mim é absurdo, e em muitos casos, infelizmente não podemos fazer nada.

ENTREVISTA COM A JORNALISTA LETÍCIA MARQUES

A entrevista com a profissional foi realizada através da plataforma Google Meet no dia 04 de outubro de 2024.

Pergunta: Como é o dia a dia de uma repórter?

Resposta: Não tenho rotina pré-estabelecida, isso que transforma tudo em uma loucura. E eu gosto, apesar de ser desgastante em vários momentos. Tenho uma fama péssima no podcast do GE, porque sempre que eu falo que não vai acontecer nada e que vou conseguir tirar minha folga, acontece um caos. É sempre assim (Risos). Recentemente comentei sobre uma situação e disse que não iria acontecer nada, já era sexta-feira e eu poderia ficar de boa até na segunda para gravar o podcast. No dia seguinte, acordei no meio do caos. Não lembro exatamente sobre o que era, mas sei que várias pessoas que me acompanham no podcast me mandaram mensagem falando que eu não aprendi que não posso falar isso. Sempre que eu acho que vou ficar de boa, acontece algo. Todo jornalista esportivo usa o termo "ferra lead". Esse termo se refere a quando o jogo está 1×0 e estamos adiantando a matéria, falando que o time X venceu a partida por 1x0 e sai aquele gol aos 47 do segundo tempo, aquele gol que ferra com tudo, faz a gente mudar todo o roteiro e é muito assim que acontece. Não temos rotina mesmo. No dia a dia na Globo, sabemos nossa escala de um dia para o outro, então não sei que hora exatamente eu vou trabalhar na segunda-feira, por exemplo. Mas, falando de Flamengo: tem eu, o Fred e o Thiago, na Globo, cada clube tem três setoristas. Todos os horários são projetados para os três e temos uma folga por semana. Por exemplo, minha folga é hoje, o Fred folgou na segunda e o Thiago na terça, vamos nos revezando. Com base nisso, nosso chefe monta as escalas. Sou uma pessoa que gosta muito de trabalhar de manhã, eu rendo muito mais nesse período do dia, então geralmente estou trabalhando de manhã e a rotina do dia vai depender muito do Flamengo. Por exemplo, hoje o Flamengo treinou de manhã, porque viaja à tarde para jogar amanhã com o Bahia, então depende muito mesmo. Muito provavelmente hoje tem uma participação no "Tá na área" para falar do jogo contra o Bahia amanhã. Também temos sempre aquelas matérias que chamamos de "matérias de gaveta", que é aquela matéria que vai ao ar no dia seguinte, então precisamos pensar e projetar ela no dia anterior. É claro que quando tem um evento chave, conseguimos nos programar e organizar tudo isso antes. Vamos

supor: uma matéria dos cinco anos do título da Libertadores do Flamengo, é óbvio que vamos nos preparar antes. Mas assim, sempre conversamos no grupo para ver o que temos de gaveta para o dia seguinte. Quando tem um jogo, como, por exemplo, esse com o Bahia de amanhã, o Felipe Luiz é o novo técnico do Flamengo, pela primeira vez é técnico profissional e consequentemente, pela primeira vez vai enfrentar um ex técnico dele, que é o Rogério Ceni, ele estreou contra o Bahia, então vamos pegando elementos assim para produzir gaveta. Isso também vai muito do dia, alguns dias temos uma matéria de gaveta, outro temos duas ou três. Então, depende muito do que é, e durante o dia, é natural que a gente produza algumas coisas, às vezes não tão elaboradas para compor o dia, porque não pode ficar com o dia solto, e aí vai em cima do factual também. Alguns dias ocorrem algumas coisas, como é o caso de agora, a gente estava conversando e o Flamengo avisou que o Alexsandro teve um problema e não vai jogar amanhã, e obviamente vai subir esse desfalque e provavelmente uma outra matéria falando sobre o substituto dele no jogo e vamos olhando e seguindo muito essa dinâmica. Dentro disso, como eu disse, somos três setoristas do Flamengo e vamos revezando os jogos. Eu fiz o jogo no qual ocorreu a estreia do Filipe Luís e no final de semana de plantão revezamos isso também. Ficamos eu e o Thiago neste plantão e o Fred fica no outro. Sempre que tem jogo no final de semana e é o plantão do Fred, é ele que vai e quando é o meu plantão com o Thiago, a gente reveza e os jogos durante a semana a gente reveza também. Em viagens, seguimos essa mesma lógica, fazemos revezamento, mas isso vem da chefia porque envolve viagem. Então, por exemplo, eu fiz a pré-temporada do Flamengo nos Estados Unidos, fiquei um mês lá e depois fiz a estreia do Flamengo na Libertadores que foi na Colômbia. O Thiago fez um jogo no Chile e foi também em La Paz contra o Bolívar, porque é um jogo que tinha bastante altitude e o Fred tem questões de saúde e não pode ir e eu já passei mal na altitude, aí optamos por ir o Thiago e o Fred foi agora na eliminação para o Penãrol, porque ele não tinha ido em nenhuma viagem internacional. Agora trazendo para a Copa do Brasil, o Fred fez o jogo contra o Amazonas, o Thiago fez o jogo contra o Palmeiras e eu fiz o jogo contra o Bahia e agora possivelmente o Fred vai fazer o jogo contra o Corinthians, porque aí reveza de novo. É sempre uma troca para todo mundo fazer um pouco de tudo, todo mundo estar em algum bom momento, conhecer algum lugar que não conhece e é muito isso mesmo. Dentro disso, às vezes a gente ainda tenta uma entrevista exclusiva, nem sempre conseguimos, mas sempre corremos atrás. No geral, sobre rotina, é isso que eu tenho para dizer.

Pergunta: Qual a preparação necessária de um repórter para a cobertura de uma partida?

Resposta: Eu sou completamente defensora dos setoristas. Sou defensora desses profissionais no site e também nas emissoras de televisão que tenham setoristas. Mas não existe isso. A Globo não trabalha desta maneira, televisão em um geral tem esse medo de segmentar o repórter a apenas um clube. É natural que um repórter ou outro acabe fazendo mais, mas assim, não é denominado como setorista, mas sou defensora e vou te contar o porquê. Justamente pela preparação. Eu, por exemplo, estou vivendo o Flamengo todos os dias da minha vida, e quando estamos imersos em um clube, sabemos tudo o que está acontecendo. Eu não preciso me preparar tanto para um jogo, não tem necessidade de demandar muito tempo para isso. É óbvio que vou parar e dar uma recapitulada para ver quem está fora, quem está pendurado, quem vai para o jogo, mas isso é muito mais natural, é como se no dia da partida, eu só requentasse isso na minha cabeça. Às vezes dou um confere ou outro para ter certeza, mas estou vivendo tudo aquilo e isso facilita tudo. Quando o repórter não é setorista e não está no dia a dia, surgem muitos questionamentos, isso é difícil e acontece muito, de ter repórter de televisão que vai entrar ao vivo no GE e vem conversar com a gente, pedindo como estão as coisas e a gente passa muita informação. Então, eu acho muito mais tranquilo o fato de eu estar no dia a dia, eu me cobro muito menos porque sei que tenho segurança de estar falando sobre aquilo. Em dia de jogo, vou falar da Globo e depois vou trazer uma curiosidade da época que eu fazia para o Coluna também. Quando vamos fazer a cobertura, fazemos atuações, que é quando a gente dá a nota para os jogadores, a análise do jogo que é gaveta do dia seguinte, então é assim: o Flamengo jogou 21h45, nessa partida contra o Corinthians agora e quando acabou a partida, no outro dia de manhã, já tinha a análise no ar, que nada mais é que o setorista falando como viu o jogo. E isso é meio que obrigação, essas duas coisas acontecem, a atuação dos jogadores sobe assim que acaba a partida e a análise da partida sobe como a primeira matéria do dia seguinte. Dentro do jogo existem muitas coisas, tem personagens e personagens. Então, trazendo um exemplo agora, a gente fez uma matéria especial sobre o Filipe Luis, foi o primeiro jogo dele como técnico do Flamengo, então a gente deixou uma câmera ali, a televisão utilizou isso e a gente trouxe as imagens para o site também. Nesse jogo especificamente eu não tava sozinha, tinha um outro repórter do site também e conseguimos trocar bastante. No pós-jogo, produzi também uma matéria sobre o Gabigol, porque ele voltou a ser titular, tem toda uma ligação com o Filipe Luís, então só aí foram três matérias: a análise, o Filipe Luís e o Gabigol. E a partir disso vem a outra curiosidade que mostra que não temos rotina: quando eu estava a caminho do Maracanã, chegou a notícia de que o Prefeito do Rio de Janeiro, o Eduardo Paes, anunciou que o

Flamengo teria a posse do terreno no dia seguinte e virou um caos a minha ida ao Maracanã. Já comecei a ligar para entender o que estava acontecendo e produzimos uma outra matéria sobre o evento que iria acontecer ao meio-dia do dia seguinte, que no caso foi a quinta-feira, e aí já deixamos tudo adiantado para que quando o evento fosse acontecer, a gente já tivesse a matéria para que não tivesse intercorrências. Então é bem isso, a gente nunca sabe o que vai acontecer. Eu estava indo para o Maracanã e chegou aquele vídeo do Eduardo Paes anunciando sobre o terreno e aí são realizadas algumas ligações para ir amarrando tudo. Então, o jogo é muito isso: o que vai acontecer. Às vezes tem uma expulsão que muda o rumo da partida e você consegue transformar isso. E, além disso, tem a coletiva do técnico, que a gente participa e tem também a zona mista dos jogadores, que também gera matéria, então o jogo é uma correria absurda. Eu até brinco que no jogo a gente não trabalha, a gente trabalha no pós-jogo, porque no jogo estamos ali concentrados, anotando as informações, cada um tem a sua dinâmica para fazer as anotações para fazer a análise. Eu, por exemplo, tenho uma certa dificuldade de fazer análise durante o jogo porque gosto de fazer com calma, mas tem colegas meus, que já escrevem a análise enquanto o jogo está acontecendo. Como eu disse, eu não consigo. Gosto de chegar em casa e fazer. Por isso, nesse jogo contra o Corinthians, que foi a estreia do Filipe Luís, eu terminei de trabalhar às cinco horas da manhã. Cheguei em casa uma e pouco, tomei banho, sentei, liguei o computador e trabalhei como se fosse de manhã e escrevi todas essas matérias. Olhei a matéria que deixamos pronta sobre esse evento da posse do terreno, produzi a análise e produzi a do Gabigol. A matéria do Filipe Luís, o outro repórter que foi comigo, me ajudou e eu só dei uma olhada. Mas assim, é uma correria, então não tem muito isso. Trazendo para as outras duas experiências que tive, quando estava no Coluna, eu fazia a transmissão para o YouTube, então era muito uma pegada de rádio, e aí isso exige uma preparação intensa, porque você precisa estudar muito o adversário também, naquele momento eu estava muito na posição de ter que saber tudo. Por exemplo, o Corinthians substituiu, preciso saber quem foi substituído, não só na dinâmica, porque se não, acaba saindo um trabalho bem superficial. Então, quando eu trabalhava no Coluna, tinha toda a correria do ao vivo, que era outra visão. Quando eu estava no UOL, lá funciona um pouco diferente da Globo. A Globo tem toda essa dinâmica de cobertura que eu te falei, já no UOL, a análise que faço para a Globo no dia seguinte, era na hora e era outro tipo de análise, mas assim, era um texto que tinha que subir na hora. Para o dia seguinte, ia na mesma questão, algo que rendeu da coletiva, outro personagem do jogo, mas isso digo mais para você entender como cada empresa tem a sua forma e precisamos ir nos adaptando. Como falei, hoje na Globo eu me sinto mais segura em parar e escrever a análise em casa, no UOL já era uma

determinação que tinha que ter uma matéria no ar sobre o jogo logo depois que acabava a partida. São matérias diferentes, mas é bem nessa pegada. Às vezes eu nem sinto que estou trabalhando e isso é muito ruim em alguns pontos, porque acabo trabalhando o tempo todo. Gosto muito de toda essa loucura, mas confesso que às vezes eu deveria dar um pause. Hoje, por exemplo, é a minha folga, mas eu já falei 30 vezes sobre futebol (risos). Falei muito do site, mas tem também vários jogos que o SporTV quer ao vivo lá do estádio, então acabo chegando muito mais cedo no dia da partida para entrar no Maracanã e entro geralmente com um repórter de televisão e eu falo sobre o jogo, faço um esquenta e às vezes ficamos até meia hora no ar.

Pergunta: Quais as principais barreiras enfrentadas por uma mulher no jornalismo esportivo?

Resposta: Gosto muito dessa pergunta e desse tema também. Eu me considero uma pessoa extremamente sortuda por nunca ter passado por uma situação como essas, que muitas mulheres já passaram. Isso pode ocorrer por eu estar fazendo parte do jornalismo esportivo em um momento onde já existem mais mulheres presentes, mas é importante destacar que o número de mulheres que passam por situações constrangedoras ainda é alto. Eu sinto coisas em mim que acontecem muito por conta disso, eu vejo que as mulheres têm muito essa necessidade de afirmação e de estarem sendo compreendidas e aceita pelas pessoas. Percebo isso em coisas muito pequenas. Porque, por exemplo, fazer análise não é uma coisa que eu gosto de fazer, porque não gosto muito dessa questão de tática, não é para mim isso de ficar analisando e escrevendo sobre. Isso me causa muita insegurança. Eu melhorei muito nesse sentido, mas no geral, isso me causa muita insegurança. E essa insegurança me pega muito no sentido de "será que eles vão criticar alguma opinião minha simplesmente por ser mulher?". E eu acho que ainda tem muito disso, nós mulheres estamos muito mais suscetíveis a críticas, porque o ambiente ainda é muito masculino e machista. Eu não passo por isso, não tem nenhuma situação que tenha me descredibilizado por ser mulher. Mas, eu acho que é normal ter esse receio, e vem muito dessa sociedade que ainda tem muito forte esse paradigma que deve ser quebrado. É muito mais fácil apontar para uma mulher do que para um homem. É muito comum vermos mulheres falando "ABCD" e homens também falando "ABCD" e o homem ser muito exaltado e a mulher saindo como errada. O pensamento e a linha de raciocínio foi a mesma, mas a mulher sempre vai ser criticada. Muitos jornalistas têm opiniões parecidas, mas os homens sempre são mais exaltados. Eu vejo muito esse preconceito acontecendo. Mas eu nunca passei por isso e se eu passei, nunca chegou até mim e eu nunca

percebi, me sinto realmente sortuda. Percebo também que existem muitas pessoas que acreditam que algumas mulheres têm espaço apenas porque atualmente é necessário ter mulheres. Eu acho que as pessoas precisam ter espaço porque são capazes e competentes. A sociedade precisa quebrar esse preconceito de achar que uma mulher só está ali porque existe a cota de mulher. E às vezes não é, às vezes você só não concorda com ela e ela está ali porque é capaz. Pode acontecer de a pessoa também não concordar com um homem. Só que quando é um homem que está ali e uma pessoa discorda, não tem uma questão a ser discutida. Mas se é uma mulher que tá ali e alguém discorda, vão falar que ela só fala merda e que não sabe nada de futebol. Se é um homem, dane-se, simplesmente as pessoas não concordam e não vão falar nada. Tem muito disso ainda, mas sinto que as coisas melhoraram muito, conseguimos ver muitas mulheres e muitas mulheres capazes. Porque não basta ter mulheres, é necessário ter mulheres capazes. Porque se não, esse discurso é sempre melhor para quem não apoia e não gosta do nosso crescimento. Quanto mais espaço e quanto mais caminho a gente abre, mais a mulher é reconhecida. Isso é muito importante. Sei que tiveram mulheres muito importantes para que eu pudesse chegar aqui e sei que eu vou ser uma mulher importante para que você possa chegar. O caminho e o processo é esse. É devagar. Isso não é o jornalismo, é o mundo. No jornalismo é óbvio que se intensifica, porque o futebol acaba sendo mais machista. Ainda estamos no processo de tirar essa ideia só masculina do futebol. Percebo várias coisas e inclusive coisas que eu mesma posso melhorar. E falando de coração aberto, não sou a pessoa que assiste futebol feminino. Se você me pedir para comentar, eu não me sinto preparada para isso. Então, eu não sou a mulher para falar disso. A Renata Mendonça é a mulher para falar de futebol feminino, ela acompanha e tem propriedade para isso. Eu não preciso pegar esse espaço simplesmente por ser mulher. Cada um tem seu encontro, sua familiaridade e o seu espaço a ser conquistado. Se cada um tiver no seu espaço, vai fluir tudo de uma forma melhor. Porque aí é como eu falei, vai ser uma mulher falando sobre futebol feminino com propriedade, melhor do que eu que não tenho tanto costume de assistir e não sei tantas coisas. Então é isso, não basta ter mulheres ali na telinha ou assinando matérias no site. Tem que ter mulheres capazes para fazer isso.

Pergunta: De modo geral, você observa grandes diferenças de tratamento entre homens e mulheres nas redações e coberturas esportivas?

Resposta: Eu não sinto isso onde eu trabalho. Graças a Deus eu diria. Porque não sei como eu viveria se fosse podada por isso. Se eu passasse por isso, por exemplo, não iria conseguir me

manter no meu local de trabalho. Você conversou com a Jéssica, e ela provavelmente deve pensar parecido comigo, porque na Globo temos voz e espaço para falar. Como já disse, na Globo, temos uma mulher em cada time pela primeira vez na história. Então assim, a Manu cobre o Vasco, a Jéssica o Botafogo, eu o Flamengo e a Bárbara o Fluminense. Esse é um projeto da emissora de cada vez mais ter mais mulheres na equipe, e isso vem muito da voz e do espaço que as mulheres vêm conquistando. Porque estamos nos mostrando capazes e correndo atrás disso. Eu sinto isso muito mais lá fora. Vejo que as empresas estão se modificando e se moldando para dar cada vez mais espaço e por isso você consegue ver cada vez mais mulheres na televisão. O SporTV tem muitas mulheres na televisão. E eu acho que a resistência maior vem de fora e é muito de "ah, ela falou merda porque é mulher. Mas o fulaninho falou a mesma coisa e está completamente certo". Isso vem muito da torcida contra e do sentido de desagradar. Quando eu dou uma notícia que desagrada a fulaninhos, é muito mais crítica a mim que sou uma mulher do que talvez ao meu companheiro. Ou talvez sejam críticas mais pesadas a mim do que a ele. Hoje eu sinto pouco isso. Mas sinto muito mais vindo dos telespectadores do que das pessoas que trabalham diretamente comigo. Acho que vai muito nessa linha. Se eu trabalhasse com esporte há 10 ou 15 anos atrás e eu precisasse me reafirmar e me aprovar, eu não sei como eu ficaria. Mas atualmente eu sinto que preciso me reafirmar muito mais como profissional e não como mulher, porque as coisas mudaram.

Pergunta: Em algum momento você sofreu algum tipo de preconceito ou assédio? Se sim, de quem veio? De torcedores, jogadores, treinadores, dirigentes ou dos próprios colegas de trabalho?

Resposta: Eu brinco que devo ser uma pessoa muito séria. Porque mesmo conversando com muita gente que tenho relacionamento como repórter, eu sinto que sou tão séria no meu ambiente de trabalho, que as pessoas não sentem uma abertura de dar uma cantada ou falar algo que possa me ofender. Nunca passei por algo presencialmente. Mas é óbvio que inúmeras vezes já participei de lives, por exemplo, e tinham torcedores que falavam graças, mas isso é algo que não me afeta. A pessoa tem o direito de falar que acha determinada pessoa bonita e por isso eu não me incomodo com isso, desde que a pessoa faça um comentário respeitoso. Eu entendo que no mundo de hoje, não podemos falar muitas coisas como podia antigamente. Mas eu tento entender que não me desrespeitou e a pessoa tem o direito de falar "nossa, a Letícia é muito bonita". Não me invadiu. Eu entendo que isso não me invade e nem me invalida como profissional. Hoje, buscando aqui, não me lembro de ter passado por alguma

situação. Claro que eu já ouvi um comentário ou outro que tenha subido o tom. Principalmente quando existia o Twitter, que sempre tinha alguns comentários, mas isso nunca me tirou do sério, porque eu não respondo e eu tenho uma atitude que eu aprendi na vida, que é o seguinte: eu interajo muito pouco. Se eu não interajo para o bem, não tem motivos para interagir pelo mal. Se não vou interagir com quem está gostando do meu trabalho e está me elogiando, por que eu vou dar palco para alguém que me criticou e me ofendeu em algum momento? Então eu levei isso pra mim. É óbvio que às vezes eu respondo. Porque é interessante interagir com as pessoas que gostam do meu trabalho, então eu respondo de boa. Criei isso de não interagir muito para me blindar de algumas situações chatas. Já recebi comentários ofensivos, mas deixei isso tão para lá, que eu não comentei, não interagi e isso não me afetou. E isso também tem muito a ver com a liberdade que você dá para as coisas acontecerem. Eu nunca dei liberdade e por isso não tive uma situação gigantesca de assédio ou preconceito. Tudo isso se junta ao fato de que as pessoas sabem que o mundo mudou e também ao fato de que eu sou mais séria e por isso não sabem se podem falar algo ou não. Eu me dou muito bem com muita gente. Mas ainda existe muito isso de que se eu estou conversando com alguém, no caso de um clube, todos homens, e sempre tem alguém que faz algum comentário ou acha que está acontecendo algo ali. Isso nunca chegou até mim, mas sei que tem gente que pensa nisso, que eu falo com tal pessoa e por isso tive tal informação para noticiar e às vezes eu nem falo com a pessoa. O jornalismo atual permite que muitas pessoas sem noção tenham voz, principalmente nas redes sociais e isso é algo que eu não gosto e não apoio. Muitas vezes meu pai e meu irmão veem algumas coisas a meu respeito e me falam, mas eu digo que não quero ler, porque não vai agregar em nada. Então esse preconceito e assédio existem, principalmente nas redes sociais e vindas de torcedores. Eu vejo várias coisas, mas eu não leio e não presto atenção, então isso não me atinge. Mas, pessoalmente, volto a frisar que graças a Deus, nunca passei por nada.

Pergunta: Por ser mulher, você foi menos incentivada pela família e pelos amigos a seguir a carreira de jornalista esportiva?

Resposta: Zero preocupação por parte da minha família, principalmente porque eu nunca pensei em fazer outra coisa. Não consigo olhar para trás e lembrar outra coisa que eu tenha pensado em fazer. Para mim era muito certo que eu iria chegar onde estou hoje. Parece assustador, mas dentro de mim eu sabia que o meu caminho seria esse. E até contextualizando, eu tenho 27 anos e meu irmão tem 17, então nossa diferença é de 10 pra 11 anos e eu fui filha

única todo esse tempo. Então, eu era a menina que ia para o estádio com o meu pai, que assistia futebol e por isso nunca teve uma dificuldade nisso, sempre foi muito natural. O esporte faz parte da minha vida desde sempre. Pra mim esse caminho sempre existiu, nunca tive dificuldade em escolher e a minha família e amigos sempre me apoiaram. Por eu sempre estar com o meu pai e inserida nesse mundo, e sempre praticar esportes também, foi algo super natural e nunca tive nenhuma dificuldade de aceitação. Muito pelo contrário, eu sempre tive certezas e apoio. Quando eu falo que sempre soube que iria chegar exatamente aonde cheguei, digo porque pra todo mundo, ou pelo menos para a maioria, a Globo é um sonho e um patamar e quando você entra para fazer jornalismo, todo mundo pergunta quando vamos estar no Jornal Nacional e quando queremos entrar no esporte, é sempre a pergunta de quando vamos fazer um jogo no SporTV ou um Globo Esporte. E eu sempre soube que eu iria fazer isso em algum momento, não sabia como e nem quando, mas sabia que eu iria chegar. E quando eu tive a transição do Coluna para o UOL, eu estava em uma tranquilidade que eu não sei explicar. Eu estava muito bem, tranquila e feliz e nunca imaginei que a Globo iria me puxar. Mas quando a Globo veio me puxar eu me senti tranquila e estava em uma posição de que estava muito bem onde estava e se fosse para acontecer, seria ótimo e se não fosse, estava tudo bem. É muito difícil a Globo pegar profissionais fora e colocar na posição que eu fui colocada. Conversando com várias pessoas na Globo, ninguém lembra de alguém que tenha sido contratado para fazer Flamengo no site e possivelmente eu fui a primeira pessoa. Consequentemente, eu fui a primeira mulher a ser contratada para cobrir o Flamengo diretamente no GE. E se não me engano eu sou apenas a segunda setorista mulher do Flamengo. Poucas mulheres trabalharam na posição que estou, porque o Flamengo é o carro chefe do esporte no Rio, é o maior clube do Brasil e o que dá mais audiência. Então, isso é muito difícil e eu acho tudo isso muito significativo. Foram processos na minha vida que trouxeram certezas e que eu encarei com tranquilidade e com muito apoio das pessoas ao meu redor. Eu me sinto segura, sei que não preciso correr, porque vou chegar lá.

Pergunta: O que falta dentro das emissoras de televisão para que homens e mulheres recebam as mesmas oportunidades na cobertura esportiva?

Resposta: Acho que isso que falta vem com o tempo. Porque, por exemplo, vamos puxar para a narração. A narração naturalmente é masculina, sempre foi. Os maiores nomes da narração são masculinos. As narradoras estão ganhando espaço na televisão aberta principalmente agora. Foi na Copa do Mundo de 2022, que surgiu a Renata, a Natália, e está tendo

investimento nisso. Só que elas só vão se igualar com o tempo. Porque não temos como comparar a Renata que está começando agora, com quatro ou cinco anos de televisão, com o Luís Roberto, então eu acho que tudo depende da oportunidade que é dada. Quanto mais oportunidades às mulheres tiverem, consequentemente mais experiência elas vão tendo e com mais experiência elas vão crescendo e se igualando aos homens que já têm experiências a muito mais tempo. Eu puxei para a narração porque a narração é o que faz mais diferença hoje. Nosso ouvido é treinado para uma narração masculina e eu em um primeiro momento estranhei e achei diferente. E está tudo bem. Muita gente achou diferente e está se acostumando com o tempo. O meu irmão, que como eu falei, tem 17 anos, está crescendo em uma ideia de que isso é normal, às vezes vai ter homem narrando e às vezes vai ter mulher. Mas, para o meu avô, isso é muito diferente, porque o nosso ouvido está acostumado a isso. Então eu acho que a gente só vai igualar com mais oportunidades e experiências. Porque quanto mais oportunidades e espaços para as mulheres, mais quem recebe a informação vai estar se acostumando. Não adianta dar espaço na televisão fechada. Não adianta dar espaço no digital. O espaço para mudar o jornalismo é na televisão aberta, onde as emissoras atingem a massa. É muito diferente uma transmissão na Globo de uma transmissão no digital, por exemplo. Quanto mais espaços e oportunidades, mais vai se tornar comum. E se tornando comum, daqui a pouco tudo isso vai estar igual. Além disso, quanto mais oportunidades, mais as mulheres vão estar preparadas e quanto mais preparadas, mais espaços elas terão. É um ciclo e nisso as mulheres vão se inserindo em tudo: na narração, nos comentários, na reportagem e em todos os espaços do jornalismo esportivo. E nisso vão surgindo as referências. Como eu disse, sei que muitas mulheres caminharam para eu chegar até aqui e eu estou caminhando para que outras cheguem. E pode ser que daqui a uns 10 anos, a gente já não tenha mais essa discussão. Eu acho que sempre vai existir um pouco dessa discussão porque o mundo é machista, não é o jornalismo, é o mundo. Essa discussão só vai deixar de existir com o tempo e com as novas gerações que vão pensando de formas diferentes e aceitando mais. Isso é um reflexo que só vai vir lá na frente. E só vamos conseguir igualar lá na frente quando os pensamentos e os comportamentos mudarem.

Pergunta: Como a formação acadêmica pode contribuir para a superação do preconceito em relação à mulher na cobertura esportiva?

Resposta: Estou tendenciosa a dizer que a faculdade não adianta de nada nisso. (Risos) Estou brincando, mas assim, só aprendemos de fato, na prática, vivendo o dia a dia. Jornalismo só se

aprende no dia a dia. É óbvio que muitas coisas trazemos da faculdade, mas diria que 90% é rotina e prática. E digo mais: muitas pessoas que falam comigo pedindo conselhos, e dizem que estão fazendo jornalismo, eu aconselho a investir em cursos específicos nas áreas que desejam seguir. Para mim, o diferencial, que mudou a minha formação, a minha carreira e o que me fez me destacar foram os cursos. Eu fiz cursos de tudo o que você pode imaginar, eu via um curso e estava fazendo. E o meu primeiro estágio, lá no primeiro semestre da faculdade, veio por isso. Eu fiz um curso na época com jornalistas esportivos da Fox Sports e eu era a única pessoa do início da faculdade, todos já estavam terminando. Eu lembro que isso causou uma certa estranheza de quem estava montando o curso e hoje em dia, o cara que montou esse curso, é um dos meus melhores amigos. Fiz esse curso em 2015 e em 2018 fiz o processo seletivo da Fox Sports e esse curso, assim como disse o organizador, foi o ponto crucial e o diferencial para eu passar no processo seletivo. E depois eu fiz vários outros cursos, aprendi muita coisa. O curso além de dar conhecimento, ainda dá *network* e isso é muito importante no jornalismo, essa troca é essencial. Conhecer as pessoas e ter troca com elas, abre muitas portas. O jornalismo é um dos únicos lugares que eu conheço, onde a pessoa que é teu chefe hoje, na outra empresa, você pode ser o chefe dela, porque esse mundo é muito dinâmico e amplo. Isso é super possível. Já vi acontecer. A faculdade é muito importante. Mas muito mais que ela, é a tua dinâmica de vida e o teu dia a dia. Isso te apresenta várias formas de aprender e de lidar com as situações.

ENTREVISTA COM A JORNALISTA BIANCA MOLINA

A entrevista com a profissional foi realizada através da plataforma Google Meet no dia 15 de outubro de 2024.

Pergunta: Como é o dia a dia de uma repórter?

Resposta: Bom, primeiramente vou te dizer uma coisa bem importante: jornalista em geral não tem rotina. Mas, quando trabalhamos em funções de bastidores, como a edição ou a produção, é possível, sim, ter um pouco mais de rotina. Isso fica um pouco fora dessa certeza de que jornalista nenhum tem rotina. Já passei por esses cargos de bastidores, mas hoje sou repórter e não tenho rotina. Não tenho porque as coisas acontecem quando a gente menos espera. A TNT não tem uma programação diária como vários outros canais, então, não precisamos estar sempre preenchendo programas. Temos apenas dois programas diários: o "De Placa" e a live do André Henning e os outros programas só ocorrem em situações de pré e pós-jogo de Champions League e quando tem rodada de campeonato brasileiro também com programa de pré e de pós-jogo. É uma rotina mais tranquila se formos comparar, por exemplo, com a Bandeirantes, com o SporTV e com a ESPN. Dito isso, para te explicar, vou trazer diferentes realidades. Segunda-feira (ontem), eu estava de folga, por conta da data Fifa estamos em uma rotina mais tranquila. Estava de folga, mas como sou setorista do Corinthians, a apuração não para e as informações chegam a todo momento através de empresários, dirigentes e fontes. E recebi uma informação de que o Corinthians não iria conseguir pagar o Hugo Souza e iria precisar pagar mais uma multa. Daí, em um caso como este, eu apuro as informações de casa mesmo e ofereço isso para a TNT, porque eles podem querer postar nas redes sociais e eu escrevo também o texto para o portal deles. Publiquei isso no Instagram e o editor-chefe do programa das dez e meia pediu para que eu entrasse ao vivo falando sobre o assunto. Entrei ao vivo, de casa mesmo, falei sobre e quando acabou veio o chefe do Instagram da TNT pedindo para gravar um *reels* sobre o assunto em um minuto e meio para resumir. E nisso, meu dia que era de folga, acabou não sendo mais de folga porque precisei me dedicar a essas coisas e mesmo que fosse, eu precisaria estar sempre conectada porque o Corinthians eventualmente tem muito assunto para ir atrás, então não posso me desligar completamente sendo setorista. Dando outro exemplo de situação, quinta-feira o Corinthians joga às oito horas da noite e todos os jogos eu vou. Sempre chego três horas antes

da bola rolar, ou seja, cinco horas da tarde já vou ter que estar lá e eu moro a quase duas horas do estádio do Corinthians. Durante o dia eu já me preparo e já estudo o Corinthians e o Athletico Paranaense, porque quando chegar lá tem programa ao vivo e eu preciso falar: quais os destaques do Corinthians, os desfalques do Athletico Paranaense, a situação dos times na tabela e todo o pré das duas equipes, não só do Corinthians. Chegamos no estádio, fazemos essas entradas ao vivo, geralmente minha chefia de reportagem dá algum assunto para gravar um reels e perguntar para os torcedores. Durante o jogo, assisto e faço algumas anotações que sejam importantes para o meu pós-jogo, porque provavelmente vou ter um programa ao vivo e uma participação na Zona Mista, onde entrevisto os jogadores. Então, preciso estar atenta a tudo o que aconteceu no jogo para levar isso adiante. Na TNT não precisa entregar matéria, se tiver algo muito relevante a gente grava reels, porque a TNT é uma televisão muito digital, com mais de dezoito milhões de seguidores nas redes, então eles focam muito nisso. Meu dia de cobertura acaba lá pelas duas da manhã. Sábado, por exemplo, fiz uma transmissão, Palmeiras e Corinthians pela final do Paulistão sub-20, que a TNT transmite. Aí o meu dia começou na sexta quando vim aqui para o meu escritório e comecei a destrinchar os times, quem são os jogadores, quais dele já jogaram no profissional, quais deles chegaram agora, quantos têm 16/17 anos, quantos já estão na finaleira precisando decidir se vão virar de fato jogador profissional ou não, é destro, não é destro, a altura, enfim, faço tudo isso. Anoto tudo para ter as informações em mãos no dia do jogo. Aí, o jogo era às três da tarde, cheguei lá meio-dia, entrevistei os técnicos, anotei as escalações e nesse momento fiz anotações com destaques como, por exemplo, o Figueiredo que está no banco do Palmeiras e não joga há mais de um ano, então se ele voltar vai ser um momento histórico, o Léo Maná é titular do Corinthians e é um cara que aparece muito no profissional. E aí fiz o jogo, entrevistei os jogadores na saída de campo para o intervalo e no pós-jogo a mesma coisa. Nessas situações de transmissão é full ao vivo, e quando acabam os principais destaques eu vendo para a TNT também. Por exemplo, um jogador visto com muita expectativa e fez um gol, ou um cara que está sempre indo para o profissional se lesionou. É mais ou menos isso, para te dar situações diferentes, de um dia de casa, um dia de jogo sem ser nossa transmissão, que é o caso de quinta agora do Corinthians e um dia de transmissão nossa.

Pergunta: Qual a preparação necessária de um repórter para a cobertura de uma partida?

Resposta: Uma coisa importante é que eu sou setorista do Corinthians. Então, em geral, eu já sei tudo sobre o clube, salvo uma coisa ou outra. É meio orgânico assim, hoje eu faço o jogo

do Corinthians contra o Athletico Paranaense, daí eu já sei os caras que foram expulsos, suspensos e que não vão jogar o próximo jogo. Então, por ter estado no último jogo, essas informações já são meio naturais. Mas, de toda forma, eu sempre assisto muito tudo e essa é a dica que eu sempre dou. Eu tenho vários amigos que trabalham na ESPN que ficaram na fusão da Fox Sports e eles brincam que eu sou a maior audiência deles, porque eu estou sempre ligada, gosto de estar sempre assistindo e isso até é um desafio, porque eu tenho um neném e não damos telas para ele e como eu gosto muito de assistir, tem que estar sempre distraindo ele (Risos). Em dia de jogos do Corinthians, eu acabo assistindo tudo o que eu acho que pode ter informações a respeito do Corinthians e do adversário, porque geralmente o adversário é o meu fator novo, é o time que tenho que estudar mais. E aí, atualmente, tem podcasts sobre esses times e quase todo mundo faz. A ESPN faz, o GE faz, então eu ouço muito. Por exemplo, um podcast que é muito forte é o do Flamengo no GE, e domingo vai ter Flamengo e Corinthians. Sobre o Corinthians eu sei tudo e sobre o Flamengo nem tanto. Então, na quinta já começo a ouvir esses podcasts, acompanhar mais os jornalistas que cobrem esse time adversário e sempre faço essa separação de informações que te falei antes. Quem está suspenso, quem está machucado, quem está voltando, se o Corinthians ganhar vai a tanto, se o Athletico Paranaense ganhar vai a tanto. Todas essas informações de números e estatísticas, possibilidades, clima da torcida, quanto custou o ingresso para o jogo, todas essas informações eu preciso ter. Pode acontecer de eu não precisar de nada disso, porque às vezes o jogo te dá as informações necessárias, por exemplo, teve um quebra pau, teve invasão de campo e nesses casos tem coisas novas, algo quente. Mas às vezes não e os jogos são parados, então, quanto mais informação eu tiver, municiada, vai ser melhor para mim e para o todo. Então, é basicamente isso. Eu leio muito, ouço bastante podcast, inclusive faço academia ouvindo podcast do Corinthians, porque é o momento que eu tenho para me informar de forma mais livre e não impacta no meu treino, então sempre tento ouvir nesse momento. Porque, às vezes, é bom a gente ter outro ponto de vista também. Tem pessoas que me falam que eu estou sempre falando de Corinthians, então pra que eu vou ouvir sobre Corinthians? Mas, eu ouço porque, às vezes, eu encarei uma determinada situação com um pensamento e o repórter da Gazeta por outro. É um jeito de complementar tudo o que eu tenho.

Pergunta: Quais as principais barreiras enfrentadas por uma mulher no jornalismo esportivo?

Resposta: Na minha opinião, a principal barreira é o machismo. Mesmo com toda a evolução que vem sendo percebida no universo do jornalismo esportivo, com mais oportunidades

igualitárias entre homens e mulheres, o machismo está muito enraizado na cultura da população. Atualmente podemos notar que os veículos de comunicação, principalmente os de massa, estão dando cada vez mais oportunidades para as mulheres, ajudando a desconstruir aquela ideia de que mulher não entende e não pode falar sobre futebol. Como repórter há alguns anos, percebo que o machismo no jornalismo esportivo é um problema persistente que infelizmente ainda afeta mulheres que seguem o sonho de trabalhar com o jornalismo esportivo. É a minha percepção. Posso estar errada diante do pensamento de outras pessoas ou de outros profissionais. Mas ainda é muito comum vermos comentaristas e repórteres mulheres sendo descreditadas ou abordadas de maneira sexista, com foco mais em sua aparência do que em suas análises e entendimentos não só sobre futebol, mas sobre qualquer assunto que envolva esportes. Como eu disse, apesar da resistência à mudança ainda ser forte, percebemos um movimento crescente para reforçar comportamentos de inclusão e valorização do trabalho das mulheres no jornalismo esportivo. É crucial continuar a debater esses temas para podermos transformar a nossa sociedade em um local mais justo e igualitário, tanto para homens quanto para mulheres. Espero que daqui a alguns anos essa discussão já não tenha tanta força e que mais mulheres sejam aceitas trabalhando com o que gostam e falando sobre futebol.

Pergunta: De modo geral, você observa grandes diferenças de tratamento entre homens e mulheres nas redações e coberturas esportivas?

Resposta: Acho que já evoluiu bastante essa questão de diferença de tratamento. Como eu te falei, eu comecei lá em 2011 e vejo muita evolução e melhora nesse aspecto de lá pra cá. Dentro né, de dentro pra fora. É claro que de fora pra dentro ainda existe muito preconceito, vemos muito disso nas redes sociais, tem um público que tem uma resistência muito maior a presença cada vez mais massiva da mulher no jornalismo esportivo. Mas, na redação, falando por mim, eu me sinto super confortável em relação a colegas de trabalho e a gestores. Recebo um tratamento tão inclusivo a ponto de eu me sentir tão pertencente àquele lugar quanto os meus colegas homens. É claro que, uma vez ou outra, vamos nos deparar com um chefe um pouco mais machista e tal, mas hoje, ainda bem, me parece, há uma minoria de pessoas que têm esse tipo de comportamento. Em geral, acho que esse é um espaço que a gente já conquistou. Mas acho que é muito isso, lá dentro está tudo certo, mas é algo que deve expandir muito de fora para dentro, porque nesse sentido, ainda é muito difícil ser mulher neste meio, que ainda é muito dominado por homens.

Pergunta: Em algum momento você sofreu algum tipo de preconceito ou assédio? Se sim, de quem veio? De torcedores, jogadores, treinadores, dirigentes ou dos próprios colegas de trabalho?

Resposta: Eu já sofri. De torcedores, principalmente, de monte. Já aconteceu em estádio, em pauta, nas redes sociais, muito, muito. Mas é aquilo: a cada mil torcedores que me tratam bem, um é grosseiro, machista, sexista. E tem todo o tipo de assédio. É aquele cara que quer te diminuir por tu ser mulher, mas é também aquele cara que quer te transformar só em um corpo por ser mulher. Tem uns que falam "ah, tu é bonita demais para fazer isso" ou "como tu é mulher, tu é competente demais para fazer isso". Tem todos esses aspectos. Então digo que já sofri, mas de jogadores, treinadores, dirigentes e colegas nunca ocorreu nada, sempre fui muito respeitada. Isso vem geralmente do torcedor mesmo. Porque o torcedor é mais passional que os profissionais dos clubes e os colegas de outras emissoras. E dependendo do momento do time dele, ele deixa essas coisas acontecerem e ficarem um pouco mais à flor da pele. Mas assim, não sei te dizer um caso que tenha me marcado mais. Eu sempre levo muito a público as coisas que eu recebo. Já recebi vídeo pornográfico, por exemplo. E eu sempre exponho isso. Porque esses caras acham que eles são espertos e que a internet é terra de ninguém e por isso eu sempre exponho essas situações constrangedoras e desagradáveis. E eu lido de uma maneira que eu faço essa exposição para eles sofrerem um pouco, e depois eu supero muito isso e deixo passar, porque eu realmente acho que eles são a minoria. Então não sei pensar em um caso específico. Mas, eu já ouvi de tudo que tu possa imaginar. Me chamar de burra é uma coisa muito tranquila, porque já ouvi muita coisa pior. Mas é isso, em geral, vem desses torcedores mesmo. Quando eu comecei, era uma coisa mais escancarada. A gente sentia no ambiente de trabalho e tal, ouvia comentários, às vezes não de mim, mas de uma outra menina e se eu tivesse longe poderia ser de mim. Mas, hoje em dia não. Hoje em dia os ambientes de trabalho onde estamos inseridas, a redação, os centros de treinamento, o estádio de futebol, eles já estão mais receptivos com a nossa presença, então isso é uma coisa bem tranquila. Mas o assédio que a gente recebe vindo das arquibancadas, físicas e virtuais, ainda é bem grande.

Pergunta: Por ser mulher, você foi menos incentivada pela família e pelos amigos a seguir a carreira de jornalista esportiva?

Resposta: Zero preocupação. Tudo foi muito natural, muito genuíno. Porque isso já estava em mim, eu era aquela menina que na escola brigava por causa de futebol. Então, acho que essa visão do machismo, da dificuldade que eu teria trabalhando nessa área nem chegava nas pessoas do meu convívio, ninguém imaginava isso, para eles não teria por que eu sofrer com isso se eu iria falar sobre o que eu gosto. Acho que ninguém tinha essa percepção, nem minha mãe, nem meus avós e nem meus amigos. É muito doido isso, porque quem olha de fora não imagina a dificuldade que é para uma mulher penetrar em um meio que ainda é tão masculinizado. Certamente, se a minha mãe sonhasse com uma ou duas mensagens com cunho sexual, de preconceito ou descriminação que eu poderia receber, no futuro, ela teria dito para eu ser professora, que era o que eu queria ser antes do jornalismo. Mas não, na época ninguém tinha noção que era tão difícil, e continua sendo, ser mulher e entrar nesse meio. Mas vou te falar, acho que desacreditar as mulheres hoje, mesmo sabendo da dificuldade que é, nem seria o caminho. O caminho é muito mais preparar e mostrar que é difícil, que muitas vezes vamos chorar, sofrer e repensar várias coisas, desfazer amizades e tal, mas vale a pena enfrentar tudo isso, e para isso tem que se preparar. É o que tu quer? Então hoje em dia as portas estão cada vez mais abertas. Então, ainda bem que não me desacreditaram. Mas, mesmo que tivessem me desacreditado, eu sempre tive uma personalidade muito forte, então eu acho que iria querer pagar para ver mesmo assim (Risos).

Pergunta: O que falta dentro das emissoras de televisão para que homens e mulheres recebam as mesmas oportunidades na cobertura esportiva?

Resposta: Primeiramente as emissoras precisam transformar essa igualdade em termos de números de profissionais mesmo. Por exemplo, a TNT tem quatro repórteres mulheres e um repórter homem no Brasil, então assim, é uma vantagem. Somos quatro contra um, digamos assim. Mas quando falamos em comentaristas, a TNT tem oito comentaristas homens e uma comentarista mulher. Tem seis narradores homens e uma narradora mulher. A TNT tem cinco apresentadores homens e uma mulher. Então acho que o primeiro passo é as emissoras se importarem de fato com o número e em como está essa divisão. Não pode colocar só repórter mulher, porque repórter já é mais aceitável e as transmissões são menos dolorosas porque o público já está acostumado. Acho que as emissoras precisam olhar e pensar como é o quórum delas. E não falo só isso em questão de gênero, mas também de raça. Quantos homens e mulheres negras têm nas equipes? Acho que as empresas precisam se incomodar com isso, olhar pelas fotos de final de ano e pensar que aquilo não está certo, ou pensar que tem quase

metade da equipe de mulheres, mas o que fazem essas mulheres? Estão em cargos de destaque igual aos homens? Ou quase todas são produtoras e repórteres? Porque acontece muito. Tu chega em uma redação e tem um monte de mulher, mas daí tu vai ver quem está comentando são os homens, quem está narrando são os homens. Então, o primeiro passo é esse: se incomodar com isso e também formar mulheres. Porque tem gente que se preocupa com isso, tem um monte de mulheres, mas não tenho mulheres comentaristas prontas. Então, se não tem, forma. Abre seleções de estágio, já pensando em potencializar isso e em formar novas mulheres comentaristas, novas mulheres narradoras, novas mulheres coordenadoras de transmissão que ainda é uma função muito exercida por homens. Então, acho que as empresas precisam ir na raiz do negócio, na hora de contratar, pensar o que pode ser feito futuramente com essa contratação, pensar em como de fato ela vai ajudar a deixar essa igualdade parelha, bem dividida.

Pergunta: Como a formação acadêmica pode contribuir para a superação do preconceito em relação à mulher na cobertura esportiva?

Resposta: Não sei qual é a realidade da tua universidade, mas eu acho assim, se vocês tiverem professores que atuam recentemente na área, porque na minha época tinham atuado na área há 20 ou 30 anos, então estavam super obsoletos. Mas, se vocês tiverem contato na universidade com professores que de fato conheçam a área, e que possam já trazer esse ponto de discussão, a faculdade tem muito o que ensinar e ajudar nesse sentido. A universidade não prepara para o machismo e para todas as dificuldades práticas do dia a dia, porque é uma coisa individualizada em cada caso, e só será possível aprender na prática mesmo. Eu adoro a universidade, cogito fazer uma segunda graduação, mas sou bem pé no chão quando penso que a universidade de jornalismo pouco nos prepara para o dia a dia dos grandes veículos de comunicação cobiçados pela maioria dos alunos da área. Então, acho que o jeito de fazer as duas coisas andarem juntas, ou aproximar um pouco mais as coisas, é tendo professores que realmente vivam ou tenham vivido recentemente e estejam extremamente a par, porque, se não, não serve de nada um professor chegar e falar para as meninas que hoje em dia o mundo mudou, sendo que, na prática, ainda existem muito mais homens do que mulheres. Se a universidade estiver alinhada com o que vemos atualmente no cenário do mercado de trabalho do jornalismo esportivo, ela pode agregar. Hoje, nos moldes que eu acredito que ela deve operar, ela não agrada muito porque ela pinta um cenário que de fato não existe.